

SEDE DO ATELIER MAR
PROJECTO DE REABILITAÇÃO

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA
ANO LECTIVO 2015 | 2016

AUTORA: PALOMA ESTRELA CARDO E SILVA MONTEIRO LOPES
DOCENTE ORIENTADOR: ARQ.º JOSÉ MANUEL GIGANTE

A presente dissertação não segue o novo Acordo Ortográfico.
As citações transcritas em português referentes a edições de língua não portuguesa foram sujeitas a uma tradução livre pela autora.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Arq.º José Gigante, pela disponibilidade e críticas indispensáveis para a concretização deste trabalho.

À tia Luizinha, à minha mãe, Mami, e ao Jakob, pela disponibilidade e apoio.

Ao meu pai, Leão, pelas discussões sobre o projecto.

Aos meus amigos, que me acompanharam neste percurso.

ÍNDICE

RESUMO | ABSTRACT 7

NOTAS INTRODUTÓRIAS 10

1. CONTEXTO

Enquadramento Histórico e Geográfico das Ilhas de Cabo Verde 15

A ilha de São Vicente e a Cidade do Mindelo 27

2. ATELIER MAR

Contexto Sociocultural 37

Projectos | Objectivos e Estratégias 45

Vivência pessoal: Os Projectos de Lajedos e Planalto Norte 53 - 65

3. O CONSTRUÍDO

O lugar | Praia da Matiota 73

A sede do Atelier Mar 75

Descrição do Edificado 77

Descrição do Sistema Construtivo 95

4. CONDICIONANTES E PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO

O Animador | O Programa 106 - 107

O Património | Questão da Reabilitação 108

A Construção | Questão da Sustentabilidade 110

Interpretações | A Proposta de Intervenção 112

5. O PROJECTO

Fases da Proposta 117

Solução Final 121

Soluções Construtivas 140

CONSIDERAÇÕES FINAIS 148

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 151

ÍNDICE DE IMAGENS 155

DESENHOS DA PROPOSTA FINAL 157

RESUMO

A proposta de reabilitação do edifício sede da ONG¹ Atelier Mar, na cidade do Mindelo, Cabo Verde, aborda o campo da arquitectura de intervenção no património construído.

Pretende-se divulgar a importância da reabilitação numa perspectiva de sustentabilidade no que diz respeito ao aproveitamento do edificado existente, ao mesmo tempo que se valorizam e se requalificam as características culturais, naturais e arquitectónicas.

O trabalho é entendido como um cruzamento de várias disciplinas. Para além da arquitectura, também estão envolvidos o percurso de vida da autora, a proximidade com o objecto e o reconhecimento da história do edifício e da organização, que merecem ser preservados e recuperados na materialização deste projecto.

O projecto procura sintetizar a história de um espaço de uma organização fundada por uma pessoa que tem um percurso de vida específico, com um campo de intervenção orientado para a arte, a valorização cultural e o desenvolvimento sociocomunitário. O programa proposto procura equilibrar os aspectos materiais com os princípios subjacentes à acção da ONG na promoção de melhores condições de vida das pessoas e dos territórios, no quadro dos desafios do desenvolvimento que a realidade cabo-verdiana interpela.

A requalificação deste edifício é desencadeada por um processo interior e pela necessidade de o adaptar às suas novas necessidades, revelando a sua história e acrescentando novos elementos, propondo a utilização de sistemas construtivos alternativos e adaptados ao contexto cabo-verdiano.

1. ONG é a sigla para Organização Não-Governamental. São organizações sem fins lucrativos.

ABSTRACT

The rehabilitation proposal for the headquarters of the NGO² Atelier Mar1 in the Cape Verdean city of Mindelo covers the field of sustainability and architectural intervention in respect to the built heritage.

It is intended to benefit from the existing building and strengthen its importance, while appreciating and redevelopping the cultural, natural and architectural aspects.

This work is understood as an intersection of various disciplines, in addition to architecture, are also involved way of the life of the author, the proximity to the object and recognition of the history of the building and the organization, which deserve to be preserved and recovered in the materialization of this project.

The project seeks to synthesize the history of a compound of an organization founded by one person who has a specific route of life, with a field of intervention oriented on the socio-communitarian development. The proposed program seeks to underline the NGO's actions in the promotion of better living and working conditions, equipping Cape Verdian territories for the upcoming development challenges.

The redevelopment of this building is triggered by an constant inner process and the need to adapt to its new needs, revealing its history and adding new elements, proposing the use of alternative construction systems and adapted to the Cape Verdean context.

2. NOG it's a Non-Governmental Organization that is non-profit.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

“As raízes do nosso entendimento arquitectónico encontram-se na nossa infância, na nossa juventude: encontram-se na nossa biografia. Os estudantes devem aprender a trabalhar de forma consciente com as suas experiências pessoais e biográficas da arquitectura, que são a base dos seus projectos. Abordam-se os projectos de forma a desencadear este processo.” (Zumthor 2004: 55)

Motivação

A escolha do tema da presente dissertação de mestrado, Sede do Atelier Mar: Projecto de Reabilitação, surgiu naturalmente dada a minha vivência estar directamente ligada ao Atelier Mar pela contiguidade dos espaços - residência familiar paredes meias com o edifício da Organização Não Governamental Atelier Mar - e sobretudo, pelo sentimento de pertença que me liga afectivamente a essa organização criada pelo meu pai, Leão Lopes e que conta com a coordenação de projectos, feita pela minha mãe, Maria Miguel Estrela.

Foi neste contexto em que fui educada que pude acompanhar e, por vezes, participar em alguns dos projectos desenvolvidos pelo Atelier Mar, o que me facultou uma relação directa com o trabalho desenvolvido e com o seu espaço de funcionamento.

Na sua concepção e metodologia de trabalho, o Atelier Mar identifica-se como o núcleo de um programa dinâmico que promove o desenvolvimento comunitário, sustentado pela arte e a cultura, num processo articulado com as exigências sócio - culturais inerentes a uma sociedade em construção.

Com a conclusão desta etapa do meu percurso académico, o tema desta dissertação de mestrado parte da proposta para a realização do projecto de reabilitação do edifício da sede do Atelier Mar, feito pelo meu pai, que neste caso é o animador desta intervenção, e não o cliente. Encarei este desafio como uma oportunidade de participar de forma mais intensa e de dar a minha contribuição para a ONG e a cidade do Mindelo no que diz respeito à preservação do seu património construído.

Objectivo | Objecto

Este trabalho tem como objectivo a concretização de um projecto de arquitectura. Proponho a exploração de um projecto o mais próximo possível do executável, de forma a consolidar a aprendizagem adquirida ao longo dos 5 anos de estudo e prática da disciplina de Projecto, e ainda abordar o tema da reabilitação que esteve ausente da referida disciplina. Surge ainda um outro desafio: projectar para o espaço cabo-verdiano, que apresenta condicionantes distintas das que ao longo do percurso académico foram tratadas.

Apresento uma intervenção de reabilitação num edifício de valor patrimonial, sede da ONG Atelier Mar, que marca a história do desenvolvimento da cidade do Mindelo, em Cabo Verde. Uma história que importa estudar e considerar de forma a que seus sinais sejam preservados, dotando ao mesmo tempo o edificado de novas valências exigidas pelo próprio dinamismo do Atelier Mar. Proponho soluções e técnicas construtivas já utilizadas e difundidas em alguns dos projectos já realizados pela ONG, que têm como base a sustentabilidade e adaptação à realidade cabo-verdiana.

Estrutura | Metodologia

O trabalho será de natureza teórico-prática, sendo a parte teórica constituída pela apresentação crítica da documentação de todo o processo do projecto. Pretende-se que este trabalho tenha um elevado teor prático em que o conteúdo teórico constitua um apoio para o desenvolvimento da proposta final.

Nos vários componentes da dissertação, inclui-se o enquadramento histórico e geográfico do objecto de estudo e da sua envolvente. Para a realização de um projecto de reabilitação é imprescindível uma análise histórica do objecto, para compreender as suas pré-existências e condicionantes, de forma a permitir uma melhor exploração de possíveis soluções e uma intervenção consciente e adaptada à realidade do edifício. Uma exposição e análise de todo o levantamento métrico e fotográfico realizado sobre o objecto de estudo, desenhos à mão levantada e registo do sistema construtivo, constituirão mais um momento da dissertação. O conjunto de todas estas partes acaba por compor o caminho que culminará no último momento deste trabalho que será uma solução/proposta de projecto.

O trabalho é dividido essencialmente em cinco partes. A primeira incide no enquadramento geográfico e histórico de Cabo Verde, da ilha de São Vicente e da cidade do Mindelo onde se localiza o edifício. A segunda refere-se ao contexto sociocultural da época da criação do Atelier Mar, alargando-se a uma descrição dos objectivos, história e actividades desenvolvidas pelo Atelier Mar, com destaque para uma visão pessoal de dois projectos com os quais tive a oportunidade de ter um contacto próximo. O capítulo terceiro integra uma aproximação ao lugar, seguido da descrição do edifício, a relação com o espaço, o estado e o uso actual, a descrição dos espaços, a luz, a relação com o edifício e o levantamento do sistema construtivo, materiais, dimensões e organização. A quarta parte refere-se às condicionantes e aos princípios de intervenção. No último capítulo é apresentado a evolução do projecto, seguido da sistematização e fundamentação da proposta de reabilitação do Atelier Mar.

PARTE 1
CONTEXTO



Fig.1
Localização do arquipélago
de Cabo Verde.

Localização de Cabo Verde: 570 km costa da África Ocidental

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DAS ILHAS DE CABO VERDE

Cabo Verde é um pequeno país insular, situado no cruzamento das rotas marítimas que ligam o continente africano à Europa e às Américas. O arquipélago fica situado ao largo do promontório africano Cap Vert no Senegal, de onde provém o nome, aproximadamente a 500km da costa ocidental africana.

No total, o arquipélago, tem 4033 km² de superfície e é composto por dez ilhas e vários ilhéus, sendo nove habitadas. As ilhas estão divididas em dois grupos, Barlavento e Sotavento consoante a posição face aos ventos alísios do nordeste: as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boa Vista formam o grupo Barlavento; as ilhas de Maio, Santiago (onde está localizada a capital do país, a cidade da Praia), Fogo e Brava formam o grupo de Sotavento.

Por estar situado na extremidade ocidental da faixa do Sahel recebe influências que se refletem no seu clima, manifestando-se seco de Dezembro a Junho e relativamente húmido de Julho a Novembro. A característica climática principal de Cabo Verde é a precipitação irregular, escassa e às vezes violenta, variando de ano para ano. A temperatura média anual de 25°C varia pouco e são raras as temperaturas elevadas, registando-se uma amplitude normalmente situada entre 17°C e 33°C.

A aridez é a característica dominante da paisagem das ilhas, sendo que a irregularidade das chuvas provoca períodos de seca com efeitos nefastos sobre a população e o ambiente. Ao longo da história registaram-se inúmeros episódios de seca, escassez de alimentos, fome, responsáveis pela morte de milhares de pessoas. A última fome foi a de 1947/48, sendo essa triste e marcante ocorrência relatada por vários intelectuais cabo-verdianos, tanto na literatura como na música.

“A seca e a fome construíram um quadro espectacular e hediondo que repercutiu em toda vida e atitude do cabo-verdiano com reverberações na historiografia e literatura das ilhas...” (Manuel Veiga 1998: 53).

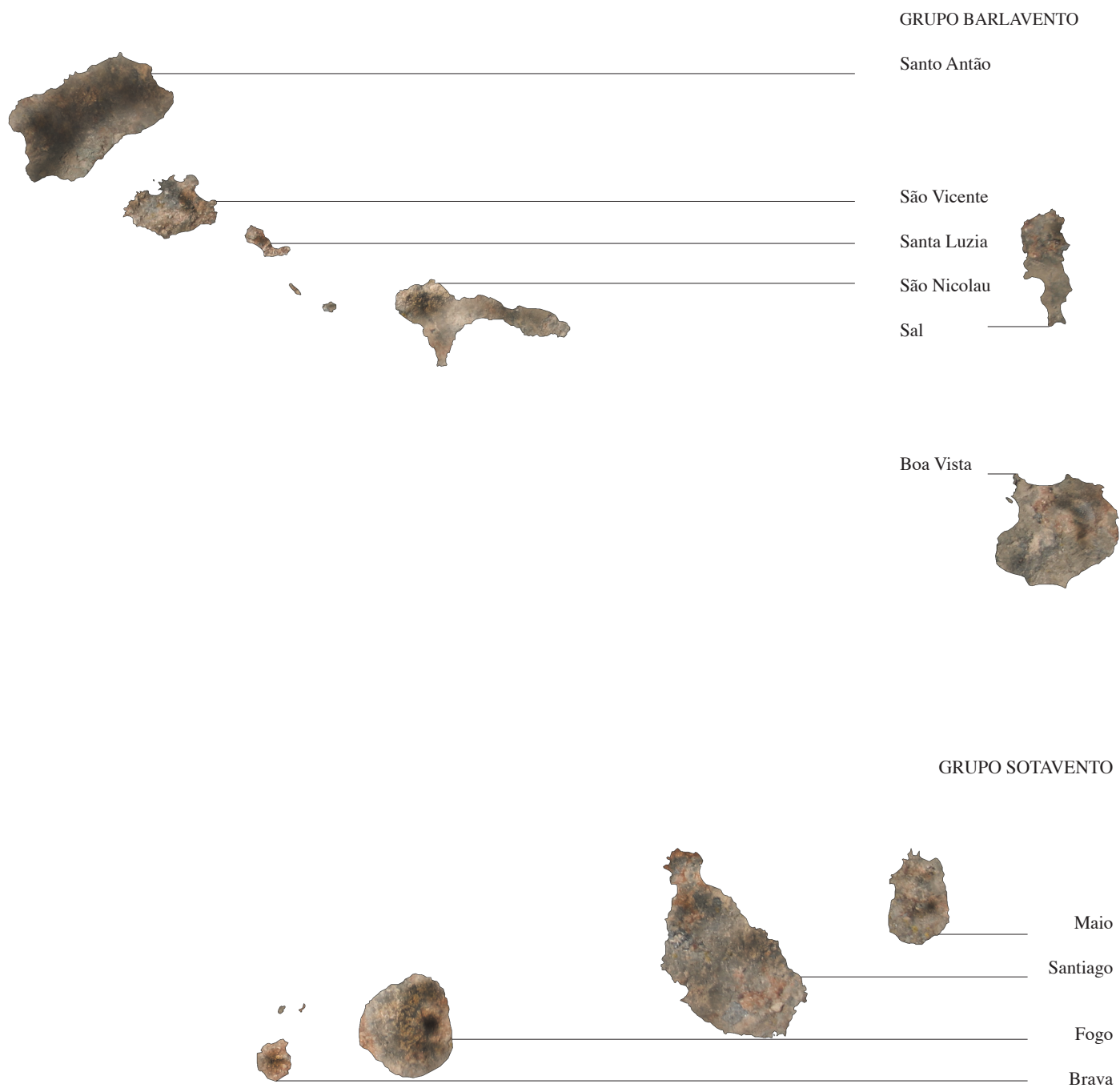


Fig.2
As Ilhas de Cabo Verde.

Também Germano Almeida numa das suas crónicas chama a atenção para este aspecto: *“E foi a chocante realidade desse secular cortejo de misérias que hora empurrava o homem cabo-verdiano para a morte, hora forçava a emigração, ainda que fosse apenas para a desenfreada exploração das Roças de São Tomé...”* (Germano de Almeida 2010)

As ilhas são de origem vulcânica e, em geral, com predominância de relevo acidentado, contrastando com a planura das ilhas do Sal, Boavista e Maio. O ponto mais alto tem altitude de 2829m, no Fogo, a única ilha onde ainda se regista actividade vulcânica. Há registos de erupções vulcânicas datadas de 1680, 1847, 1951 e 1995. A ultima erupção teve o seu inicio em Novembro de 2014 e terminou em Fevereiro de 2015. A quantidade considerável de lava que foi expelida provocou a destruição dos principais povoados do Chã de Caldeiras e de uma grande área agrícola, desalojando milhares de pessoas e deixando-as sem meios de rendimento.

Segundo a tese oficial, as ilhas de Cabo Verde foram achadas desabitadas entre 1460 e 1462 pelos portugueses António da Noli e Diogo Afonso. Pouco tempo depois, deu-se o início do povoamento. Apesar da inexistência de gado e de plantas conhecidas, foi a sua localização privilegiada como ponto de apoio às navegações transatlânticas, que constituiu uma forte motivação para o povoamento destas ilhas.

António Correia e Silva, sociólogo e historiador cabo-verdiano, em entrevista à Lusa, refere-se às motivações da Coroa Portuguesa para a ocupação das ilhas, deste modo: *“Com o achamento das ilhas houve um problema de como rentabilizar esse espaço e integrá-lo no império colonial português. De certo modo, o que tornou Cabo Verde atractivo foi a sua função de ponto estratégico de captação de mão de obra escrava para a Península Ibérica, e posteriormente, para a América.”*(...) *“Cabo Verde foi o primeiro interposto transatlântico de escravos com a vantagem de ser suficientemente afastado da costa da Guiné para garantir a segurança a uma base portuguesa e suficientemente perto para propiciar rápidas incursões ao continente.”*

Enviaram colonos europeus e posteriormente escravos do continente africano e é deste cruzar de heranças culturais que resultou a sociedade cabo-verdiana, com base na mestiçagem, formando uma população com uma identidade sociocultural muito forte e de características muito próprias.

A colonização portuguesa durou cerca de 500 anos e Cabo Verde conquistou a sua independência em 1975, graças à luta protagonizada por Amílcar Cabral e seus camaradas, em unidade com Guiné-Bissau.

A insularidade do país acrescida do facto de possuir fracos recursos naturais de valor económico, e ainda da pluviosidade irregular que dificulta a actividade, fazem de Cabo Verde um país socioeconomicamente vulnerável e dependente de ajudas internacionais para seguir o seu desenvolvimento. Estas dificuldades também estão na origem da identidade cultural cabo-verdiana, marcada pela constante luta contra a pobreza, e de procura e esperança pela melhoria das condições vida.

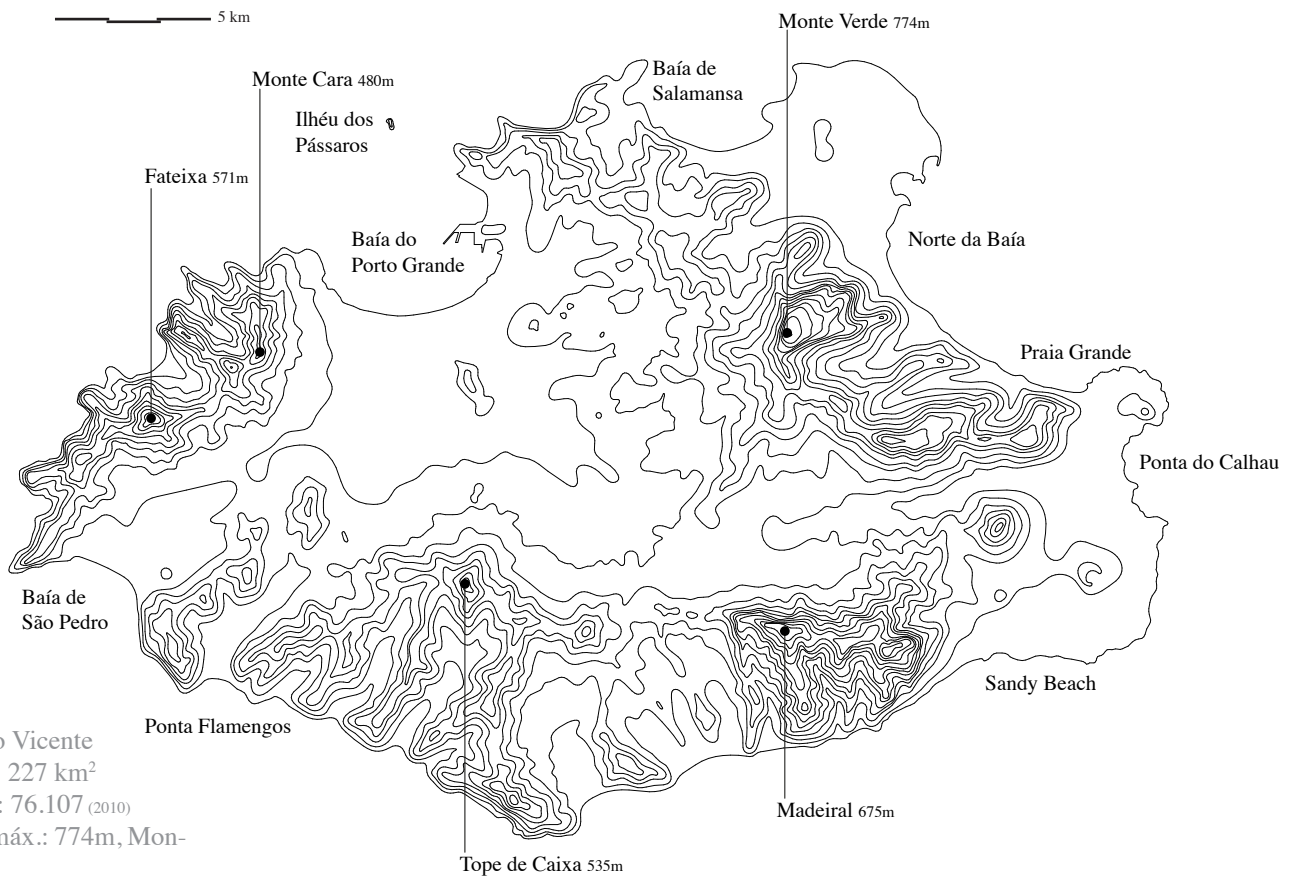


Fig. 3
Ilha de São Vicente
Superfície: 227 km²
População: 76.107 (2010)
Elevação máx.: 774m, Monte Verde



Fig. 4
Ilha de São Vicente - Localização da Cidade do Mindelo

A ILHA DE SÃO VICENTE E A CIDADE DO MINDELO



Fig.5
Vista da Baía do Porto Grande - Ilha de São Vicente.

A ILHA DE SÃO VICENTE E A CIDADE DO MINDELO

Como já foi aqui referido, o interesse pelo povoamento do arquipélago de Cabo Verde deu-se por causa da sua localização geográfica privilegiada. *“Posto isto, não admira, pois, o facto, não casual, de todos os processos urbanos de vulto na história de Cabo Verde terem nascido à volta de portos.”* (Correia e Silva 1998: 6). Esta herança valiosa do tempo das cidades-porto permanece na sociedade das ilhas.

No caso da ilha de São Vicente, *“A magnificência de um amplo e seguro porto nela existente tornava-a notada e procurada.”* (Correia e Silva 1998: 26), porém a falta de recursos naturais e os longos períodos de seca dificultaram a fixação da população na ilha.

A 22 de Janeiro de 1462 a ilha de São Vicente foi descoberta, por Diogo Afonso, e segundo os dados históricos terão sido os franceses os primeiros a integrar esta ilha nas suas rotas náuticas, seguidos dos britânicos e holandeses.

Em 1781 o governo português decretou adoptar todas as providências necessárias para se povoar a ilha de São Vicente e outras ainda desabitadas, de modo a garantir e manter a soberania sobre o arquipélago.

Após o fracasso da primeira tentativa de povoamento da ilha, em 1790, consequência de intensos períodos de secas, e de outras sucessivas tentativas de povoamento, em 1838, numa perspectiva de dinamizar a colonização de Cabo Verde, o Ministro das Colónias assinou o Decreto Régio, no âmbito da comemoração da vitória em Portugal dos liberais sobre os absolutistas, que ordenava assentar uma povoação com o nome de Mindelo.

Neste mesmo ano foi elaborado um plano de urbanização do Mindelo, de traçado ortogonal e rigoroso, com o objectivo de vir a ser a nova capital do arquipélago. Devido a impedimentos de ordem política que desaconselhavam a mudança de capital da cidade da Praia para a nova povoação, e das dificuldades organizativas e financeiras abandonou-se este plano.

A evolução da navegação e o surgimento de navios a vapor, acrescido das novas circunstâncias da independência dos países da América Latina, Argentina e Brasil, levaram à intensificação das navegações nas águas do



Fig.6
Ilha de São Vicente -
Vista do Porto.



Fig.7
Ilha de São Vicente -
Vista de desembarque
no Porto.

Atlântico no sentido nordeste-sudoeste, e tornou-se importante a criação de formas de reabastecimento das grandes embarcações. Além da necessidade de locais onde os vapores pudessem abastecer-se de carvão (o combustível que possibilitava o seu funcionamento), também era imprescindível várias escalas e um porto amplo de águas profundas, o que fazia da ilha de São Vicente a única do arquipélago capaz de assumir essa função.

“Detentora do maior parque industrial do mundo de então, a Inglaterra precisa vitalmente de mercados, de modo a abastecer-se de matérias primas e alimentos e exportar os seus excedentes em produtos, serviços e capitais.” (Correia e Silva 1998: 32)

Os ingleses mostraram interesse pelo Porto Grande e a partir de 1840 verificou-se o aumento do fluxo de navios entrados no Porto. Em 1850 o governo português assina um acordo com a companhia inglesa Royal Mail Steam Packel Co que autoriza a construção de um depósito de carvão localizado na Baía do Porto Grande. Várias outras companhias também ali se afixaram, havendo já em 1860 mais de 6 companhias carvoeiras inglesas.

O uso do carvão como combustível cria uma tipologia de portos diferentes daquele que se destinava à náutica veleira. Cria o porto industrial, de grande escala, construído em estrutura metálica e que requiere uma grande quantidade de mão-de-obra. Este investimento carvoeiro gerou um movimento de imigração da população das ilhas vizinhas para o burgo do Porto Grande. Foram os ingleses, que deram o primeiro estímulo e vieram a criar bases para o desenvolvimento económico e urbano do Mindelo, o que até então o colonialismo português nunca conseguira.

Mindelo foi elevado à categoria de Vila em 1859, quando possuía apenas quatro ruas, quatro travessas, dois largos, 170 casas, e nesta época iniciou-se uma série de obras de edifícios públicos, entre os quais o Mercado Municipal, a Alfândega, o Curral do Conselho e o Palacete do Governo. Com estes progressos, a vila reuniu as condições para ser elevada à categoria de cidade em 1879.



Fig.8
Ilha de São Vicente -
Palácio do Governador.

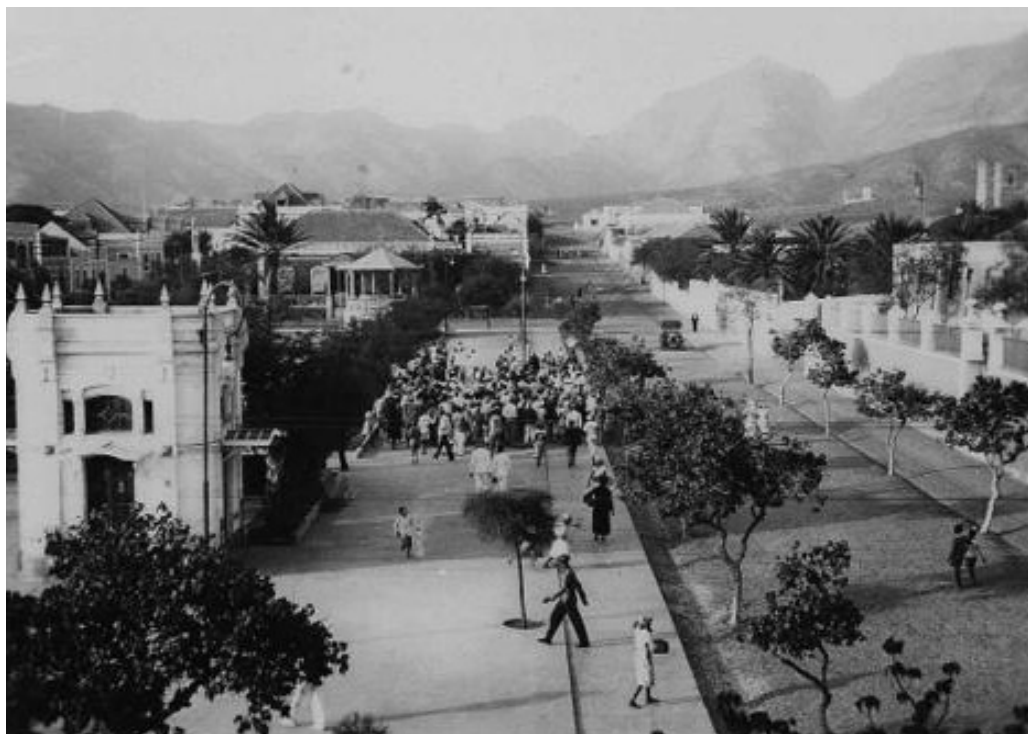


Fig.9
Ilha de São Vicente -
Praça Nova.

“Com os seus 3.300 habitantes a poderem usufruir já de 27 ruas, uma praça – a conhecida D. Luís – cinco largos, 11 travessas, um beco e dois pátios, quase todos calcetados, arborizados e iluminados.” (Correia e Silva 2005)

Após a Primeira Grande Guerra seguiu-se um período de diminuição acentuada de navios entrados no porto. A dinâmica de navegação antes conhecida não voltou a ser a mesma e o Porto Grande enfrentou um período de estagnação e de concorrência com outros portos.

São Vicente representava a principal fonte de rendimento da colónia e como consequência da crise económica que enfrentava a partir de 1900, rapidamente foi elaborado o *Plano de Melhoramento da Cidade do Mindelo* com o objectivo de identificar os problemas e apresentar soluções de forma a criar um ambiente mais atractivo para os seus visitantes.

Este plano veio a impulsionar o desenvolvimento da cidade, acompanhado da realização de obras públicas, que nessa altura foram essencialmente adaptação e construção de edifícios e estradas para melhorar a transitabilidade na ilha. No entanto, o desenvolvimento não foi apenas no domínio das infraestruturas, também foi no domínio do ensino e da cultura que contribuiu para dar uma nova dinâmica à cidade. A instalação do Liceu no Mindelo fez da cidade o centro do ensino no arquipélago.

“Nos anos 50 (...) a ilha de São Vicente passa de um espaço marginal, semi-habitado e periférico, a um dinâmico pólo de crescimento demográfico, social, administrativo e económico.” (Correia e Silva 2005)

Entre 1940 e 1975 a população da ilha de São Vicente aumentou e consequentemente o volume das construções, resultando num desenvolvimento urbano de ocupação em parte caótica, originando novos bairros fora do centro da cidade. O núcleo urbano central, sempre que possível, continuou a crescer segundo os traçados inicialmente definidos, enquanto que a periferia foi crescendo segundo os novos bairros, relacionados com a implantação estratégica de novas infraestruturas.



Fig. 10
Ilha de São Vicente -
Vista do Monte Verde.



Fig. 11
Ilha de São Vicente -
Vista da Marina do Porto
Grande.

“Pode-se constatar que em 1975, quando foi declarada a Independência de Cabo Verde, a herança era ainda mais pesada. O sistema colonial não tinha conseguido resolver nem os problemas fundamentais de Cabo Verde, nem tão-pouco os problemas mais específicos da cidade do Mindelo e da sua população.” (...) *“Só com a Independência nasceram as esperanças, e uma possibilidade real, de um futuro sem os problemas económicos e sociais...”* Como consta na publicação Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo, do Ministério da Habitação e Obras Públicas (1984)

São Vicente estende-se por um território de 227 Km², com um único Município e uma única Freguesia, Nossa Senhora da Luz. Hoje, é residência de 76.140 habitantes, de uma densidade populacional de 335,42 Hab/Km² (fonte: INE). Sendo que na cidade do Mindelo concentra-se 62.970 habitantes, no seu limite territorial de apenas 75 Km², constituindo assim, um dos territórios mais densamente povoados e das poucas experiências de vivência verdadeiramente urbana que Cabo Verde conhece.

PARTE 2
ATELIER MAR



Fig. 12
5 de Julho de 1975 - In-
dependência de Cabo
Verde.

CONTEXTO SOCIOCULTURAL

Por se ter tornado escala quase obrigatória das rotas transatlânticas até início do séc XX, a ilha de São Vicente recebia navios de todo o mundo e marinheiros de variadas nacionalidades. As tabernas e cafés do Mindelo eram pontos de confraternização e de cruzamento de várias culturas. Esta encruzilhada de costumes e saberes transformou a cidade num centro cultural importante e cosmopolita onde o desporto, a literatura, a música e outras artes começaram a ser cultivadas.

Mais tarde, nos anos de 1974/1975, Mindelo conheceu um novo período de grande dinamismo cultural, quando já se sentiam os ventos da mudança sociocultural, consequência da Independência Nacional que estava próxima. Este movimento teve início com o regresso de jovens quadros formados no exterior que puseram os conhecimentos, técnicas e experiências adquiridos a favor do reavivar da cultura cabo-verdiana abandonada, de certa forma, durante o período colonial.

Luisa Queirós, pintora portuguesa que fez parte do grupo que regressou a Cabo Verde em 1974, descreve numa entrevista datada de 2005 os objectivos e a metodologia, que presidiram à actuação do grupo do qual fazia parte:

...” E aí começou a nossa outra luta que era fazer com que a cultura cabo-verdiana tivesse visibilidade e projecção, tudo o que fosse arte popular, tradicional, revitalizar o que estava a morrer, passar a noção de que era um povo capaz, a par com o nosso percurso pessoal como pintores pioneiros...”

...” Como éramos professores de desenho, eu e Bela Duarte no ciclo preparatório e o Manuel Figueira no liceu, aproveitámos o facto de ter alunos de todas as ilhas para iniciar um movimento de sensibilização, de apreço por tudo o que o cabo-verdiano sabia fazer na área do artesanato e, através deles, recolher conhecimentos valiosos mesmo em saberes que já estavam em vias de desaparecer e na posse de velhos parentes. Foi extremamente proveitoso. Surgiram notícias de todos os ofícios e objectos raros com os quais íamos fazendo exposições. Também eu e a Bela juntámos as turmas e, com o mar como tema gerador, viemos dar aulas na Rua da Praia junto dos



Fig. 13
Teceragem do artista ca-
bo-verdiano João Fortes.

pescadores. Aprendemos a fazer rede e muitas histórias sobre a vida dura do mar e as suas maravilhas...

... “Em 1976 foi criada a Cooperativa Resistência cujo objectivo era formar artesãos e efectuar o levantamento de peças e técnicas, baseada segundo a pintora Luísa Figueira numa “experiência notável que era juntar os conhecimentos eruditos que trazíamos de Portugal com os populares e tradicionais de Cabo Verde, experiência essa que aprofundaríamos mais tarde, já no Centro Nacional de Artesanato...”

O Centro Nacional de Artesanato, que seguiu o seu percurso alternando períodos mais activos com outros mais difíceis, chegou a ser extinto no início deste século e, actualmente, com a designação de Centro Nacional de Artesanato e Design (CNAD), tem como encargo desenvolver e potenciar o artesanato e o design cabo-verdiano e, conseqüentemente, a nossa herança histórica e cultural, apostando na preservação, investigação, formação e promoção. O programa integra um conjunto de actividades como acções de formação e de aprendizagem, exposições permanentes e rotativas e actividades paralelas transversais às diferentes linguagens artísticas.

Retomando o contexto dos primeiros anos de pós-independência, associaram-se ao referido movimento cultural outros criadores e pensadores que, intervindo em diferentes domínios, reactivaram o estatuto de cidade cultural, apanágio do Mindelo. Foi um momento particular na vida do arquipélago popularmente dominado por “reconstrução da pátria” e que foi caracterizado por activa participação de jovens que se formaram no exterior e dentro de uma linha política definida pelo partido único no poder, o PAIGC, que tinha conduzido a luta pela soberania nacional.

É nesta circunstância que em Janeiro 1979 Leão Lopes³ regressa a Cabo Verde - *“O regresso foi uma decisão muito séria na minha vida e com o propósito de me redescobrir, de conhecer a minha terra - que eu não conhecia - e participar em todo esse processo imanente”* (Voz di Povo, 27 de Junho 1979).

3. Leão Lopes é um artista plástico, diplomado pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (ESBAL), actual Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. Doutor pela Universidade de Rennes 2, França, professor universitário, escritor e cineasta, é um intelectual cabo-verdiano com grande intervenção cívica e política.

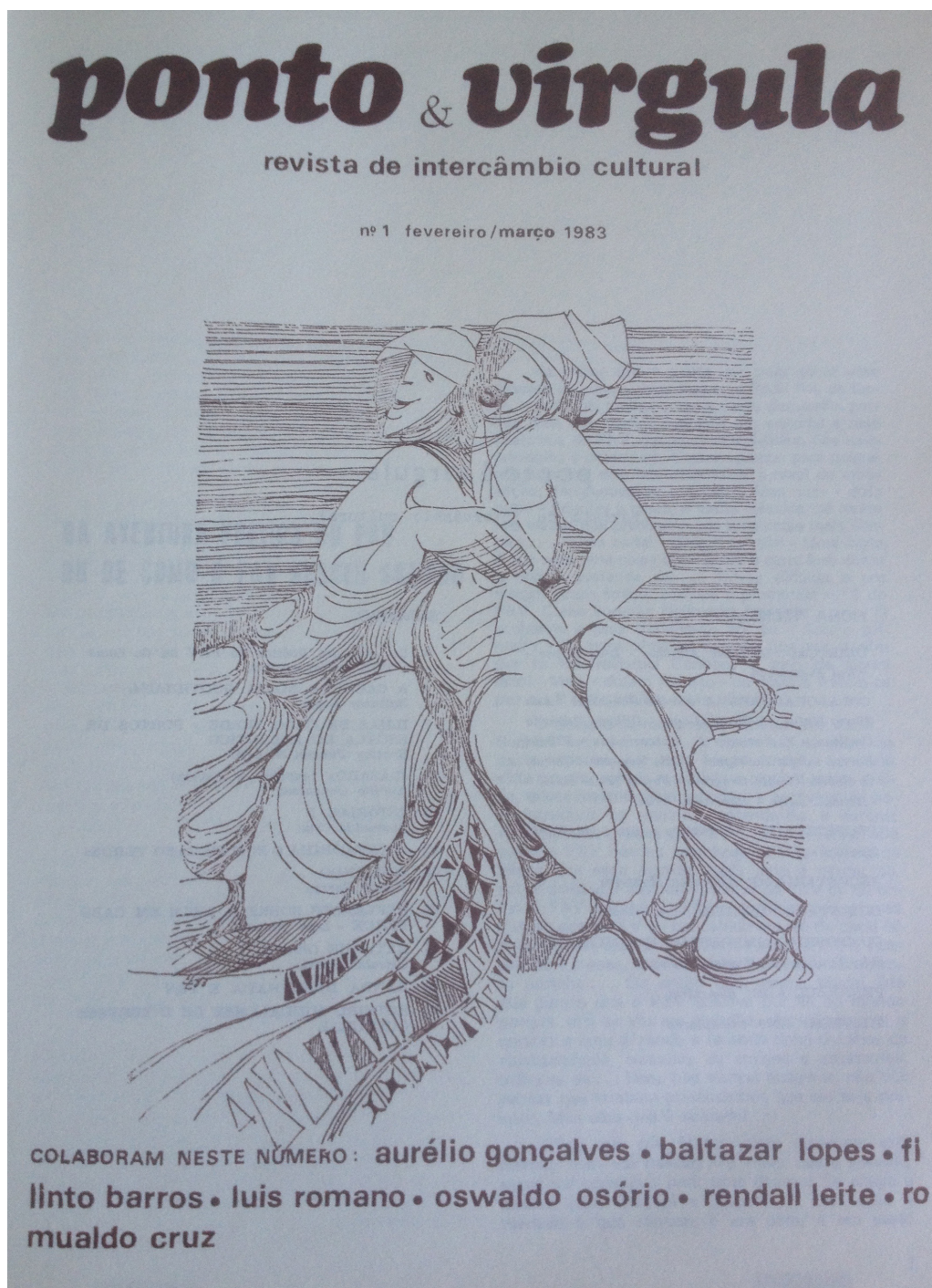


Fig. 14
Revista Ponto & Vírgula.

Nesse mesmo ano cria o Atelier Mar, uma organização vocacionada para a promoção da cultura cabo-verdiana, centrada inicialmente na criação de uma cerâmica de estúdio e valorização do artesanato. Através de iniciativas de animação cultural e de formação profissional, desde a sua criação, estimulou a participação de jovens, interligando em práticas interculturais a arte, a cultura e o desenvolvimento.

É neste quadro que se desenvolvem as actividades iniciadas em 1980 e que evidenciam a visão sistémica de Leão Lopes, articulando a arte, a cultura e o desenvolvimento. Várias das actividades, apesar de terem objectivos e finalidades diferentes, na sua essência evidenciam essa perspectiva de integração de saberes de diferentes áreas e diversa origem, como a criação da Galeria Alternativa, espaço democrático de encontro e discussão entre pessoas de diferentes níveis etários e de quadrantes políticos diversos; a revista literária Ponto & Vírgula⁴, encontro de intelectuais de diversa formação; o projecto de desenvolvimento comunitário de Lajedos, onde as acções de técnicos e da população valorizam o meio e as pessoas.

A Alternativa foi criada em 1981 em São Vicente, na sequência do Atelier Mar Galeria que havia sido criada em 1980 e extinta logo depois. Na época, a Alternativa era o único espaço que expunha arte e artesanato no país, visava promover e trabalhar o potencial económico do artesanato, proporcionar espaço de informação, troca de ideias e estimular a inovação. A intenção foi dar visibilidade ao trabalho do Atelier Mar no centro de Mindelo e realizar actividades culturais nos vários domínios: audiovisual, teatro experimental, música experimental e tradicional, exposições (pintura, cerâmica, design, etc). Teve um importante papel na década de 80 do passado século como espaço de debate, onde artistas, artesãos e intelectuais de todas as idades encontravam oportunidades para expressar o seu pensamento divergente, num país onde o regime político era de partido único e “espartilhava” as manifestações culturais e ideológicas num formato oficial aprovado pelas organizações partidárias.

A revista Ponto & Vírgula esteve aí sediada e constituiu-se num pólo revelador de talentos, reforçando esse papel crítico. Segundo Leão Lopes, a Ponto & Vírgula foi uma revista “*muito aberta, libertária, ecléctica(...)*”.

4. A revista literária Ponto & Vírgula, contou com a edição de 17 números, cujo primeiro é lançado em Março de 1983 e o último em 1987, sendo fundadores e directores Leão Lopes, artista plástico, o psicólogo Rui Figueiredo e o advogado Germano de Almeida, que se iniciava como escritor. “A revista apareceu como uma fonte inestimável de informações. Nela se expressaram várias opiniões e foram acolhidos novos talentos.” (Ponto & Vírgula 2006)

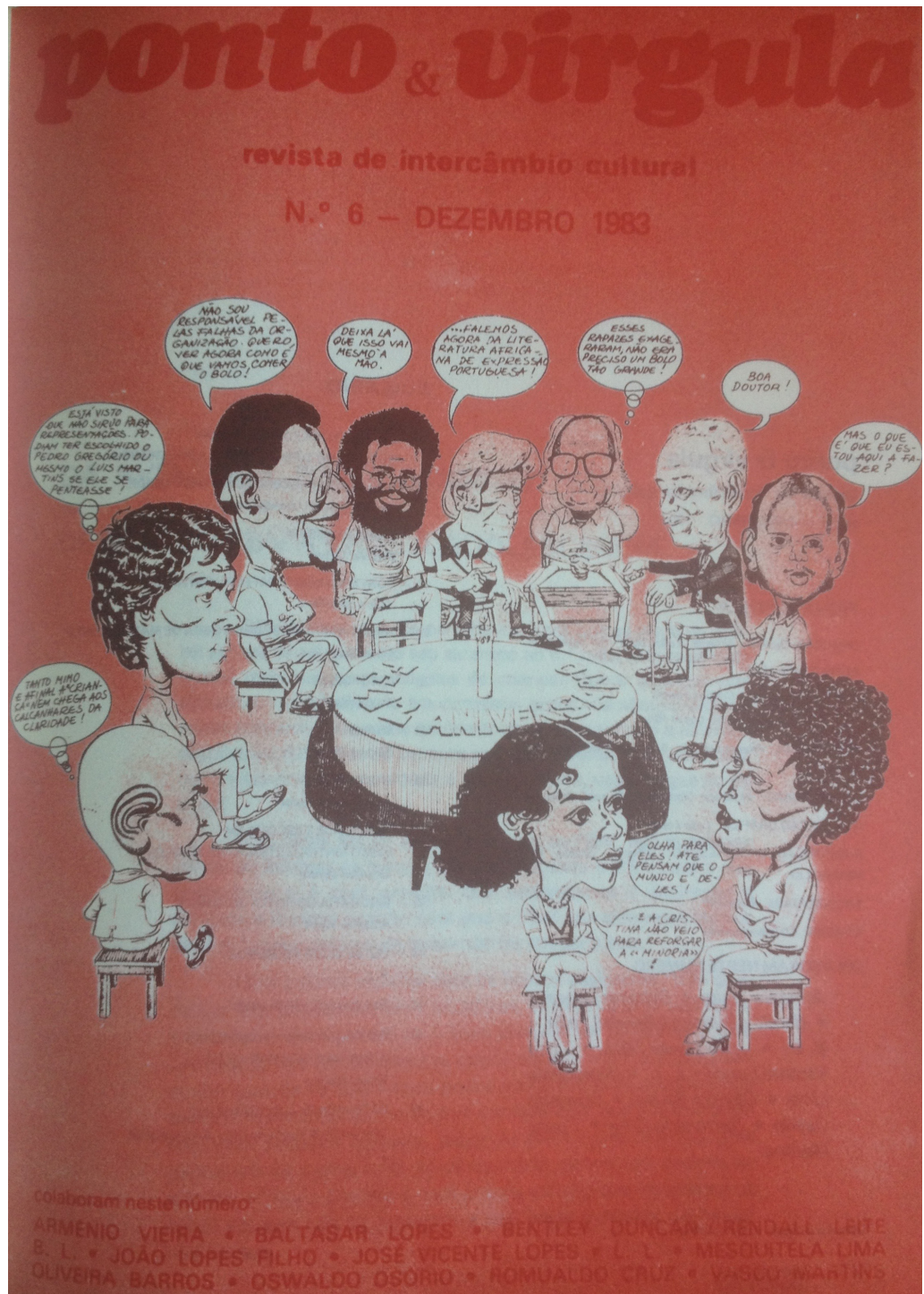


Fig. 15
Revista Ponto & Vírgula.

“Era uma revista que pretendia, e acho que concretizou, reunir na altura o que nós projectávamos para o desenvolvimento deste país, e a produção intelectual que se fazia nessa altura”, que reunia colaborações de várias gerações e áreas (28 Março 2007 asemana.publ.cv);

A Galeria ainda hoje funciona e embora já não tenha essa função política do passado, continua sendo uma referência enquanto espaço de apresentação de novas criações, de associação do design ao artesanato e de conquista de mercado para os artesãos que recebem formação nos projectos do Atelier Mar.

Lajedos, que será descrito detalhadamente mais adiante, é um projecto que integra várias áreas em que a educação é o elemento chave, no sentido do desenvolvimento humano sustentado.

Existe um certo paralelismo entre o movimento cultural registado nesta época na cidade do Mindelo e o ocorrido nesta mesma cidade na década de 1930, segundo descreve José Carlos Paiva e Silva⁵, *“Na década de 1930, uma plêiade de jovens intelectuais, escritores, poetas, músicos e artistas plásticos destaca-se neste universo insular, imprimindo à cidade do Mindelo uma vida cultural e política singular sintonizada com as grandes correntes de modernidade. Nomes como Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Jorge Barbosa, Jaime Figueiredo, Manuel Velosa, António Aurélio Gonçalves, B. Pé da fizeram desta cidade um laboratório de excelência e um importante legado de caboverdeanidade...”*

Combinando a tradição de cidade cultural, aliada ao impulso inovador registado a partir de 1974, Mindelo foi designada pela Assembleia Geral da União das Cidades Capitais Luso-Afro-Américo-Asiáticas (UCCLA)⁶ em 2003, *“Mindelo Capital Lusófona da Cultura”*.

5. José Carlos Paiva e Silva é professor na FBAUP desde 1995, Doutor em Pintura pela mesma instituição. Enquanto docente, acumulou diversas publicações de livros, artigos científicos, actas de encontros científicos, capítulos de livros e apresentações de comunicações, tendo ainda orientado uma lista considerável de estudantes de pós-graduação. Em dezembro de 2014, tomou posse como diretor da FBAUP para o mandato de 2014/2018.

6. A UCCLA é uma associação intermunicipal de natureza internacional, criada a 28 de junho de 1985. Assinaram o ato de fundação, as cidades de Bissau, Lisboa, Luanda, Macau, Maputo, Praia, Rio de Janeiro e São Tomé/Água Grande.



O ATELIER MAR: PROJECTOS, OBJECTIVOS E ESTRATÉGIAS

O Atelier Mar encerra na sua designação um dos conceitos básicos que orientam a sua estratégia de intervenção – Atelier - pelo seu carácter eminentemente funcional, e estreita ligação com a cultura simbolizada pelo Mar, que enquadra a localização da sede, componente estruturante da cultura cabo-verdiana e eixo estratégico do desenvolvimento do país.

O Atelier Mar foi fundado em 1979 na cidade do Mindelo, ilha de São Vicente com o figurino legal de Cooperativa de Artesãos e Centro de Formação (B.O nº 4 de 24 de Janeiro de 1987)⁷. Teve como principais objectivos produzir uma cerâmica artesanal com identidade cabo-verdiana a partir dum programa de formação de jovens e de animação cultural, promover e dinamizar o artesanato e outras linguagens de expressão artística.

Dispõe de uma sede em Mindelo, onde funcionam os serviços de implementação de projectos e o centro de formação, e um segundo núcleo em Porto Novo, na ilha de Santo Antão. No decorrer dos trinta e sete anos de actividade, o Atelier Mar formou centenas de artesãos oriundos de várias ilhas e em diversas áreas, nomeadamente cerâmica, artes gráficas, audiovisuais, reciclagem de papel e artesanato em madeira, pedra e metais. Além da pesquisa de materiais e tecnologias, desenvolve uma pequena produção de peças de design, nas suas oficinas da Matiota, em Mindelo. A experiência de formação, as pesquisas realizadas e o acervo intelectual e material destes anos serviram de matriz para a criação da M_EIA (Mindelo_ Escola Internacional de Arte), instituição de ensino superior.

Aliada à formação e produção em Artes e Ofícios, o Atelier Mar orientou a sua intervenção no sentido do desenvolvimento sociocomunitário, adaptado e direccionado à realidade cabo-verdiana, tendo como eixos:

- a visão integral do território seleccionado para a intervenção (recursos, modos de vida, valores socioculturais, potencialidades e desafios);
- o envolvimento, a participação da comunidade e a apropriação por esta dos projectos (elementos chave para a sua sustentabilidade, direccionados para a melhoria das condições de vida das populações);
- a valorização das potencialidade humanas, culturais e materiais locais.

7. B.O.: Boletim Oficial da República de Cabo Verde.

1979 SÃO VICENTE

Criação do Atelier

Mar _ Organização não Governamental Caboverdeana

OBJECTIVO: promover a cultura local e ter uma actuação para o desenvolvimento sustentável das comunidades e grupos com quem trabalha



2002 SÃO VICENTE

Projecto Integrado de Desenvolvimento Socio-comunitário de S. Pedro

OBJECTIVO: melhorar as condições da pesca artesanal e as condições de vida da população através da intervenção promotora da participação e da dinamização comunitária

RESULTADOS: melhoria de infra-estruturas; praça do pescador, reabilitação do centro comunitário e da escola básica; melhoria habitacional-56 casas; capacitação profissional; 2 associações locais criadas



2004 SANTO ANTÃO

Projecto de Turismo Solidário - Babilónia

OBJECTIVO: consolidar os domínios das técnicas do trabalho da terra, da racionalização dos recursos hídricos, da protecção ambiental, uso dos recursos humanos como uma proposta local de desenvolvimento humano, sustentado

RESULTADOS: recuperação de um pequeno terreno árido; construção uma pequena infra-estrutura de acolhimento de visitantes e um restaurante



2006 SANTO ANTÃO

Projecto de Desenvolvimento Rural de Porto Novo

OBJECTIVO: desenvolvimento da agricultura e da pecuária, transformação de alimentos e sua conservação, marketing e comercialização

RESULTADOS: criação de cooperativas locais e oficinas para transformação alimentar



2010 SANTO ANTÃO

Projecto integrado de segurança alimentar no planalto Norte e planalto Este

OBJECTIVO: apoio à transformação de frutos e produção de queijo, formação dos pastores

RESULTADOS: construção de um centro de transformação agro-alimentar, de um palheiro, de reservatórios de captação de água de chuva



2015 SÃO VICENTE

Projecto T- BRIDGES

OBJECTIVO: intercâmbio internacional com jovens e formação para o empreendedorismo na área do Turismo cultural

RESULTADOS: Mais inclusão social e laboral dos jovens; oportunidades de cooperação e intercâmbio internacional, aprendizagens não formais, ideias inovadoras relacionadas com o turismo e a cultura que originam pequenos negócios locais



SANTO ANTÃO 1987/1994

Início do Projecto de Desenvolvimento Comunitário de Lajedos

OBJECTIVO: melhoria de qualidade de vida das famílias e de projecção cultural e social da comunidade

RESULTADOS: criação Escola Comunitária; Oficina de doces e licores; Produção de materias de construção; Sensibilização e Metodologias de Acção Social; Introdução de turismo rural solidário; Lajedos - Sítio Museológico



SÃO VICENTE 2003

Criação da MINDELO-Escola Internacional de ARTE (M_EIA)

OBJECTIVO: promover uma educação superior em arte que propicie o desenvolvimento do pensamento artístico

RESULTADOS: formação académica em Arquitectura, Design Artes Visuais, Educação Artística, Gestão e Produção Cultural, Cinema e Audiovisual



SÃO VICENTE 2006

Projecto Integrado de Desenvolvimento Socio-comunitário de Salamansa

OBJECTIVO: Promover a solidariedade e a segurança social entre os pescadores; formação profissional de jovens; melhorar de forma sustentável a qualidade de vida na comunidade

RESULTADOS: capacitação em técnicas de detecção, manuseamento e comercialização do pescado, diversificação da actividade económica local, gestão sustentável dos recursos naturais; Roteiros turísticos SalamansaMar



SANTO ANTÃO 2010

Caminhos de Blimundo-Ribeira da Torre

OBJECTIVO: valorização turística da Ribeira da Torre e reabilitação do Habitat Tradicional, capacitação da população para oferecer serviços turísticos locais

RESULTADOS: criação de um núcleo museológico ligado à produção do grogue; reabilitação de 5 conjuntos de habitação tradicional



SÃO VICENTE E SANTIAGO 2014

Projecto CRIE

OBJECTIVO: Criando, Inovando e Empregando- investir na economia criativa, gerar recursos e possibilidades de trabalho para os artesãos



SÃO VICENTE 2016

Empoderamento das mulheres e reforço da democracia participativa

OBJECTIVO: criação de espaços de exercício de democracia, para o equilíbrio das relações de género e mais participação de mulheres e jovens nos processos de tomada de decisões

RESULTADOS: associações comunitárias reforçadas, mais democracia interna e maior participação das mulheres nos órgãos de direcção; sensibilização para as questões de igualdade de género para um ambiente social mais participativo e igualitário



Atelier Mar, reconhecida como ONG desde 1987, tem vindo a desenvolver uma série de actividades visando valorizar a identidade e cultura cabo-verdianas, combater a pobreza e a exclusão social, recorrendo às potencialidades e às competências locais. A sua acção tem uma metodologia participativa e assente na solidariedade como valor cultural importante que sustenta a criação de grupos produtivos com base nos princípios da economia solidária. Esta outra forma de fazer economia que no caso envolve vários grupos que se dedicam ao artesanato, agricultura, transformação agroalimentar e turismo, é focado nas pessoas e no desenvolvimento comunitário. Deste modo a actividade económica não valoriza o lucro e acumulação de capital, mas sim a solidariedade, a autonomia e participação democrática e o bem viver.

No *timeline* à esquerda representa-se a cronologia dos principais projectos desenvolvidos pelo Atelier Mar, a localização, os objectivos e os resultados alcançados relativos a cada um dos projectos. Não obstante serem projectos que abarcam áreas diferentes como o desenvolvimento sociocomunitário, o turismo solidário com base comunitária, a segurança e transformação agroalimentar, a captação e uso racional da água, a formação profissional, apresentam objectivos similares tais como a inclusão social, a melhoria das condições de vida e valorização dos recursos endógenos. Os métodos de acção consolidados têm em comum a participação dos actores e uma visão integral, bem como a estratégia de base que consiste na interligação entre a cultura e o desenvolvimento, estando estas dimensões sempre presentes nos projectos.

O Projecto de Desenvolvimento Comunitário de Lajedos e o Projecto Integrado de Segurança Alimentar no Planalto Norte têm grande significado para mim, não apenas pelo aspecto afectivo mas também por me facultar o contacto directo com técnicas construtivas adaptadas à realidade local. Proporcionaram-me ainda a oportunidade de entender o quão importante é o envolvimento da população, desde a concepção à concretização dos projectos, para que as intervenções realizadas tenham sucesso.

Estes aspectos são de grande interesse para a minha actuação futura como arquitecta, particularmente no que concerne à percepção do papel social do arquitecto e de como os projectos de arquitectura podem e devem contribuir para a transformação da qualidade de vida das comunidades.

“Para os que entendem arquitectura como paisagem, e não como edifício, as lentes arquitectónicas têm necessidade de destacar os motores da mudança social e não apenas a excelência do projecto, ajustando o foco para além do presente e realçando processos transitórios, apontando para futuros distintos e promovendo valores diversificados de escala e sustentabilidade.” (Mahmood Mamgani 2010: 40). Este autor lembra assim a abordagem integral dos problemas e suas soluções nos processos de transformação social e de promoção do desenvolvimento dos territórios.

Estou convicta que ter vivenciado o trabalho do Atelier Mar contribuiu para a minha formação como pessoa, com reflexos no meu futuro como arquitecta.



Fig. 16
Localização das comuni-
dades.

VIVÊNCIA PESSOAL: OS PROJECTOS DE LAJEDOS E PLANALTO NORTE



Fig. 17
Comunidade de Lajedos.



Fig. 18
Comunidade de Lajedos.

PROJECTO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DE LAJEDOS

Localização

Lajedos é uma comunidade rural isolada, fundada em 1890 por António Luís Delgado, que conta com uma população de aproximadamente 600 habitantes (censo de 2010). Está situada no interior da ilha de Santo Antão, no Município do Porto Novo, com uma paisagem reveladora das características vulcânicas da ilha, delimitada de um lado por elevadas montanhas e do outro marcada pela imponência do seu desfiladeiro. A localidade compõe-se por terrenos de cultivo nas suas encostas e aglomerados de casas que testemunham a sua arquitectura vernácula - casas de pedra e coberturas de colmo. Actualmente as casas estão a ser construídas com blocos de cimento e com cobertura plana.

Está enquadrada na zona que protagoniza o romance “*Os Flagelados do Vento Leste*” do escritor cabo-verdiano Manuel Lopes, que retrata a aridez, a escassez da água e as suas consequências na pobre agricultura local, bem como a fome que caracterizou a década de 40 vivida e sofrida pelo povo. Todos estes factores estão ainda muito presentes na memória colectiva e marcam alguns hábitos culturais como a entreatjada, a conservação de parte das colheitas de milho para os anos de seca, etc.

Embora já se tenha afastado o espectro da fome, Lajedos é uma comunidade que vive um dia de cada vez, onde se desconhece o futuro próximo. Efectivamente, a dureza do ambiente, com os fracos recursos naturais cada vez mais desgastados, e o clima árido não deixam margem para grandes expectativas. Há uma luta constante pela sobrevivência, atenuada em parte pela solidariedade entre os seus habitantes, sendo as relações de vizinhança uma mais valia.

A população enfrenta vários problemas de ordem social, cultural e económica, resultantes do desemprego, da escassez das chuvas e também do fraco nível de organização devido à ausência na localidade de autoridades administrativas. A economia baseia-se na agricultura de subsistência e nos trabalhos de construção de estradas, diques e outras obras de Emprego Público.



Fig. 19
Comunidade de Lajedos.



Fig. 20
Fifi na loja de produtos
de Lajedos.

De acordo com Maria Miguel Estrela, coordenadora de vários projectos da ONG, “*Para o Atelier Mar esta realidade interpelou à acção numa abordagem integrada, sem modelo predeterminado, numa ética de diálogo com os participantes/beneficiários e com sensibilidade e respeito pela cultura local.*”

Vivência Pessoal

Desde sempre tive oportunidade de contactar com o projecto de Lajedos, numa estreita convivência com a realidade local e as suas gentes, participando no seu quotidiano em vários momentos e por períodos com duração variada. Lembro-me com muito carinho da Fifi e da Chiquinha, do grupo das primeiras mulheres envolvidas no projecto, que integraram a equipa que em 1995 recebeu formação na área de transformação alimentar, e que até agora são as responsáveis pela oficina que produz doces e licores.

Cada vez que voltava à comunidade apercebia-me de algo novo no rosto das pessoas, que hoje posso interpretar como um reflexo das mudanças sociais que ocorriam ao longo do ciclo de vida do projecto. Lajedos passou a ser conhecido através das notícias e reportagens sobre o seu processo de desenvolvimento e visitado por nacionais e estrangeiros, revelando as crianças e os jovens orgulho em ter a oportunidade de frequentar a escola e de receber formações em áreas diversas. *Serena*, a marca dos doces e licores produzidos pelas mulheres lideradas pela Fifi e Chiquinha, ganhou maior mercado e é procurado por clientes de todo o Cabo Verde. A feira de economia solidária, onde se vendem produtos locais, realizada uma vez por mês, que reúne produtores de todo o município e visitantes da ilha de Santo Antão e da vizinha São Vicente, imprimiu uma nova dinâmica à comunidade, conforme tive a oportunidade de verificar por ter participado nela.

Torna-se difícil situar em que momento interiorizei o significado do papel do Atelier Mar na comunidade e a transformação que paulatinamente se operou no ambiente geográfico, social e cultural. Mas senti desde muito cedo uma forte ligação entre os participantes locais do projecto e os actores sociais envolvidos.

Esta constatação veio mais tarde com a minha maior maturidade aliada à formação que fui adquirindo. Fui capaz de entender que esse laço en-



Fig. 21
Escola Primária em Gando,
Burkina Faso - Arq.º
Diébédo Francis Kéré.



Fig. 22
Escola Secundária em
Gando, Burkina Faso -
Arq.º Diébédo Francis
Kéré.

tre população e técnicos do Projecto de Desenvolvimento Comunitário de Lajedos advém do envolvimento das pessoas desde a concepção à concretização das actividades numa forma participativa e no respeito pelos saberes e tradições locais. Esta participação promove o espírito de apropriação do projecto por parte da comunidade, numa perspectiva de se evitarem vínculos de dependência da ONG ou das suas acções, mas antes de crescentes autonomia e aquisição de competências e técnicas que possam ser aplicadas no sentido da melhoria das condições sociais e económicas e ainda na valorização da cultura local.

A mesma forma de abordagem comunitária também se estende à concretização de intervenções arquitectónicas. Esta interpretação da arquitectura como um campo que integra e interfere no carácter social da comunidade é abordada pelo arquitecto Diébédo Francis Kéré numa entrevista à Louisiana Channel. Kéré explica a sua visão da arquitectura como um processo social, especialmente nas regiões mais pobres e menos desenvolvidas. Refere-se à integração das pessoas para quem se constrói, de forma a fazer-lhes sentirem-se parte do projecto. Afirma que a arquitectura é *“...mais do que um edifício, mais do que criar uma obra que possa ser vista como arte...”* *“É algo que acontece num processo onde juntamente com a comunidade, pensas sobre o projecto para criar no final algo que as pessoas se apropriem, sentem parte dele e se identifiquem com o projecto”*, e, *“Se aprendermos a construir com materiais locais, temos um futuro. Arquitectura pode trazer muitos benefícios à uma sociedade como a minha. Arquitectura faz as pessoas orgulhosas, simplesmente orgulhosas. E isso pode gerar muita energia.”*

Nas suas obras, Kéré, utiliza os materiais locais (maioritariamente terra e madeira) articulados com o moderno, criando algo novo, de forma a incentivar o orgulho da população pelos recursos e saberes locais.

Ainda segundo Maria Miguel Estrela, *“O Projecto de Desenvolvimento Comunitário de Lajedos foi desenhado nos pressupostos de que a construção de saberes e práticas faz-se em interacção dos técnicos com a população, e na reflexão - acção – reflexão, traduzindo-se num enriquecimento diversificado e colectivo. O envolvimento de toda a comunidade e o bom relacionamento entre todos os parceiros é outro pressuposto fundamental para o sucesso do projecto.”*



Fig. 23
Produção de telhas de si-
sal-cimento.

Combinando a minha experiência pessoal, carregada de uma certa afetividade, com os conhecimentos e os instrumentos que adquiri ao longo da minha formação, é possível analisar de uma forma mais fundamentada o projecto de Lajedos, na interligação entre as diferentes componentes, o papel dos beneficiários e as transformações ocorridas. Essencialmente abordando as intervenções arquitectónicas e as soluções construtivas utilizadas pelo Atelier Mar na comunidade, que potenciaram o referido desenvolvimento local.

O Projecto já possibilitou a criação de várias infraestruturas, desde as oficinas de produção, passando pela recuperação de terrenos agrícolas, à escola de ensino básico que ocupa um lugar de destaque na promoção do desenvolvimento sociocomunitário enquanto pólo de actividade formativa, criativa e de intervenção social. Também é de destacar a sala de recursos do Sítio Museológico e o edifício do restaurante Babilónia. Nestes a utilização de materiais de construção alternativos produzidos a partir das matérias primas locais têm um impacto forte.

Todas as propostas de arquitectura, as técnicas de construção baseadas na tecnologia e materiais locais, soluções de integração dos vários edifícios no espaço e as respectivas funções foram idealizadas pelo artista plástico e líder do Atelier Mar, Leão Lopes, e interiorizadas pela população aquando da sua concretização. Sendo a coordenação do projecto de desenvolvimento sociocomunitário e a ligação com a comunidade da competência de Maria Miguel Estrela, pedagoga e integrante da equipa da ONG.

A inovação tecnológica na construção nem sempre é compreendida pelo beneficiário, necessitando de ser concretizada para a sua interiorização. É preciso ver e sentir os benefícios da intervenção para ser aceite, saindo do abstracto para o concreto, e as intervenções em Lajedos tiveram isso em conta.

O núcleo central do projecto é composto pela oficina de transformação agroalimentar, a sua loja, o sítio museológico, o forno de cerâmica de inspiração japonesa (Noborigama), a oficina de produção de materiais de construção, a esplanada São João, e a escola comunitária. Um conjunto de pequenas praças a diferentes cotas agregam os vários volumes, pavimentados com lajetas prensadas produzidas na oficina da comunidade. Aqui o espaço público desenhado incentiva a apropriação por parte da população que o frequenta no seu quotidiano.



Fig. 24
Construção do (actual)
Sítio Museológico.



Fig. 25
Construção do Núcleo
do Projecto - Loja e ofi-
cina de transformação
alimentar.

O Sítio Museológico foi criado dentro de uma estratégia de promoção do turismo solidário com base comunitária e destaque cultural. Trata-se de um centro de interpretação da história e da cultura regional, de estudos e pesquisa para servir a comunidade. No edifício onde hoje está instalado, o primeiro a ser construído, foram aplicadas medidas de sustentabilidade e de eficiência energética. Aí se operaram as experiências construtivas utilizando materiais locais, como os blocos de cimento-pozolana, a cobertura com telha de argamassa armada de sisal. Nas paredes utilizou-se um sistema de aberturas com *cobogó*⁸, permitindo a iluminação e ventilação. O Sítio funcionou como estaleiro e viveiro de experiências para a execução de todos os outros edifícios que compõem o conjunto arquitectónico do projecto.

A escola comunitária de ensino básico integrado conta com dois edifícios (cada um com uma sala de aula), uma instalação sanitária e uma pequena horta, construídas num processo onde a participação da comunidade foi activa, desde a mão de obra ao envolvimento das crianças (futuros alunos da escola), no acompanhando da evolução das obras, de uma forma pedagógica, sendo realizados aulas e exercícios práticos no local.

Chegando a Lajedos, a loja e a esplanada São João que recebem os visitantes, fazem frente à estrada que atravessa a comunidade e a liga à comunidade de Ribeira das Patas. São espaços promotores dos produtos locais, compotas, doces, licores e peças de artesanato. O edifício da loja de exposição e venda dos produtos tem as paredes em blocos compactos de pozolana, o embasamento é em tufo vermelho e a cobertura em palha com uma abertura no topo para permitir a ventilação. Ligada à loja, a uma cota mais baixa, encontra-se uma instalação sanitária separada por um pequeno pátio do volume onde funciona a oficina de transformação agroalimentar.

A mais recente intervenção do Atelier Mar no âmbito do Projecto de Desenvolvimento Comunitário de Lajedos é a Babilónia. Trata-se de uma pequena estrutura de acolhimento a visitantes, com um restaurante que promove a gastronomia contemporânea cabo-verdiana associada a uma área cultivada onde se promovem novas técnicas de cultivo e de rega. Este espaço também acolheu acções de formação na área de restauração, nas quais tive oportunidade de participar, a par da colaboração na coordenação do Campo

8. Cobogó é um elemento vazado em cimento ou cerâmica utilizado na construção de paredes e muros perfurados, de forma a possibilitar uma maior ventilação e luminosidade no interior dos espaços.



Fig. 26
Loja e esplanada São
João.



Fig. 27
Edifício da Babilónia.

de trabalho agrícola internacional da iniciativa conjunta de CERAI (Centro de Estudios Rurales y Agricultura Internacional) e o Atelier Mar.

O edifício da Babilónia incorpora o programa de incentivo à utilização de tecnologias sustentáveis de construção de habitação com materiais locais, como já foi referido. Orientado a sudeste, tem uma grande área exterior coberta permitindo uma melhor climatização do edifício e originando um espaço de estar exterior, onde a ilha de São Vicente aparece como pano de fundo no horizonte. No rés do chão as paredes são de blocos compactos de pozolana e o embasamento em tufo vermelho. Na cobertura foi introduzido o sistema de piso pré-fabricado e ventilado. No piso superior as paredes são de blocos de cimento-pozolana.

Pode-se dizer que a comunidade de Lajedos representa um laboratório vivo, onde o Atelier Mar pôde intervir em várias áreas - social, educação, melhoria do habitat, turismo solidário, valorização da gastronomia local, transformação agroalimentar, inovação nas técnicas construtivas e de cultivo - na perspectiva do desenvolvimento local, capitalizando as experiências adquiridas na realização de outros projectos. Na arquitectura foi proposta uma evolução das técnicas construtivas vernaculares, sempre ligada à sustentabilidade, desde a procura de um desenho e solução adequados à realidade até à utilização dos recursos locais. Nas construções foram utilizadas a mão de obra da comunidade e materiais locais, como o tufo vermelho, a pozolana, o sisal. Foram experimentados vários sistemas de cobertura, desde a tradicional cobertura de palha à telha com argamassa armada com sisal, abobadilhas e laje pré-fabricada.

Considero que o Projecto de Desenvolvimento Comunitário de Lajedos representa um exemplo construído e conseguido de arquitectura social e sustentável, que partiu de uma análise global do território, com intervenção de técnicos de várias áreas. Partiu da identificação das necessidades e expectativas da população, promovendo a utilização e evolução dos recursos e técnicas locais, que com o envolvimento da comunidade contribuiu para a transformação do ambiente sociocultural, sempre articulando a arte, a cultura e o desenvolvimento.



Fig. 28
Planalto Norte.



Fig. 29
Planalto Norte.

PROJECTO INTEGRADO DE SEGURANÇA ALIMENTAR NO PLANALTO NORTE

Localização

Chã de Feijoal é uma comunidade no Planalto Norte, localizada a cerca de 40km da cidade do Porto Novo, ilha de Santo Antão. A população dedica-se essencialmente à pecuária, à produção de queijo de leite de cabra e à agricultura de subsistência de sequeiro. O seu território é caracterizado pelo isolamento e aridez, de paisagem marcada por extensos campos com traçados brancos de pozolana, onde a escassez da água é uma constante e a população demonstra a sua coragem e resistência aos longos períodos de seca.

Nesta comunidade foi formada a Cooperativa dos Resistentes do Planalto Norte, em 2006, cujo nome reflete a persistência dos seus residentes. A Cooperativa foi criada com a parceria do Atelier Mar como proposta de conceber um espaço de reflexão e participação comunitária, na procura de soluções para os desafios, possibilitando gradualmente a melhoria de vida da população. Desde a sua formação já foram realizados alguns projectos de soluções arquitectónicas adaptadas a nível construtivo e funcional.

Vivência Pessoal

Este Projecto Integrado de Segurança Alimentar no Planalto Norte foi o que menos acompanhei ao longo do seu desenvolvimento, mas pude perceber e conferir os seus resultados. Foi marcante a minha última visita à comunidade, juntamente com o meu pai, co-autor do projecto, que com atenção e orgulho explicava as intervenções e as experiências construtivas introduzidas pela ONG em Chã de Feijoal. Pude entender o importante papel da arquitectura em dar resposta às necessidades da população desta localidade de realidade severa, onde o quotidiano é uma luta pela sobrevivência.

O Atelier Mar e o M_EIA (Gabinete de Arquitectura e Planificação de Obras: G_APO), de forma ajustada com a Cooperativa dos Resistentes do Planalto Norte, promoveram a edificação de infraestruturas com técnicas construtivas inovadoras para a região. Construiu-se um centro dedicado à transformação agroalimentar, um armazém e três reservatórios de captação e armazenamento de água das chuvas, com melhorias na sede e loja da cooperativa de consumo.



Fig. 30
Vista do conjunto dos
Reservatórios.

O centro de transformação agroalimentar integra várias actividades de transformação, desde a produção de doces, à produção de queijo de cabra fresco e curado. A implantação foi escolhida de forma estratégica, localizando o centro numa colina de forma a beneficiar de uma temperatura mais fresca. A técnica aqui aplicada para a cura do queijo dispensa o uso de energia eléctrica e está baseada na valorização do ambiente local, propondo a cura do queijo dentro de uma cave esculpida entre o terreno de pozolana, a 2,5m abaixo do nível do chão do centro. A cobertura é em abobadilha rebaixada construída com lajetas, um sistema em que não é necessário ferro e que economiza o uso do cimento e água. Permite ter um tecto arqueado, que evita a acumulação da água das chuvas e as possíveis infiltrações ao mesmo tempo que produz um pé-direito mais alto. Uma fossa séptica também foi integrada no centro, construída com divisões e filtro que permitem a separação da água dos esgotos e a sua reutilização na rega de plantas.

O acesso à água durante a época das secas no Planalto Norte é complicado devido a ausência de fontes locais permanentes, o que obriga a população a comprar água transportada desde Porto Novo, um processo de custo elevado onde o preço por litro de água chega a ser mais elevado do que o do leite.

Três reservatórios de captação e armazenamento de água das chuvas foram construídos ao longo de uma estreita linha de água da região, permitindo armazenar os valiosos fios de água que a terra árida encaminhou. A técnica de construção concebida pelo Atelier Mar nesta obra é completamente inovadora para Cabo Verde, particularmente no que diz respeito à cobertura. A técnica utilizada foge da laje clássica plana de ferro-cimento. Foi concebida uma cobertura formada por sucessivas abóbadas rebaixadas, que conduzem a água das chuvas para o interior dos reservatórios e os mantêm frescos. Levadas laterais também participam na captação. As paredes são de pedra e impermeabilizadas com argamassa de cimento-pozolana, material abundante no concelho de Porto Novo.

O processo construtivo destas infraestruturas foi amplamente participativo, contando com a mão de obra local. Os projectos terão sido o ponto de partida para a difusão e apropriação por parte da população desta solução construtiva de cobertura em abóbada, num processo de autoconstrução que já está ser aplicado nas suas próprias habitações.



Fig. 31
Centro de transformação
agroalimentar.



Fig. 32
Habitações construídas
com a tecnologia das
abóbadas.

“A arte, e especialmente a arquitetura, interfere e interage com as mudanças sociais, políticas e económicas de uma sociedade. As intervenções artísticas que estão nestes cruzamentos, quando são dominadas por visões singulares, independentemente das suas representações históricas, encorajam outros a experimentar, explorar e expandir, a partir da noção de forma herdada. De facto, é aqui que está o desafio: conceber e imaginar uma estética que seja inclusiva e reflexo da relação singular de uma comunidade com o seu ambiente local.” (Shahzia Sikander 2010: 51)

Dos projectos de desenvolvimento de Lajedos e do Planalto Norte, Ilha de Santo Antão, ficou registada na minha memória a apropriação por parte destas comunidades, inscritas numa realidade inóspita de extrema dureza, em que a luta pela sobrevivência é o quotidiano das populações. Igualmente me marcou a forma como as condições ambientais foram valorizadas através das soluções aplicadas.

Em particular, verifiquei a mudança operada no ambiente e o entusiasmo por parte das populações na adopção das técnicas experimentais de construção e da intervenção no domínio de captação de água, factos facilitadores da vida quotidiana.

O Atelier Mar tem destacado a pesquisa e experimentação na construção com materiais locais com vista a uma aplicação racional dos recursos, propondo soluções sustentáveis para os problemas de construção em Cabo Verde. Estes estudos deram origem ao Manual Básico de Construção – Guia Ilustrado para a Construção de Habitação, da autoria de Leão Lopes.

“Este manual pretende ajudar as pessoas a criar um ambiente confortável para viver e contribuir para a consolidação de uma saudável cultura de habitar, a mais adequada possível às condições do país e das famílias cabo-verdianas.” (Leão Lopes 2001)

A intervenção diversificada mas globalizante do Atelier Mar deverá ser reflectida no programa de reabilitação do edifício sede, que deverá conter espaços para permitir a realização de estudos relevantes, e a projecção das actividades desenvolvidas, assim como a aplicação de soluções construtivas adequadas à realidade cabo-verdiana.

PARTE 3
O CONSTRUÍDO

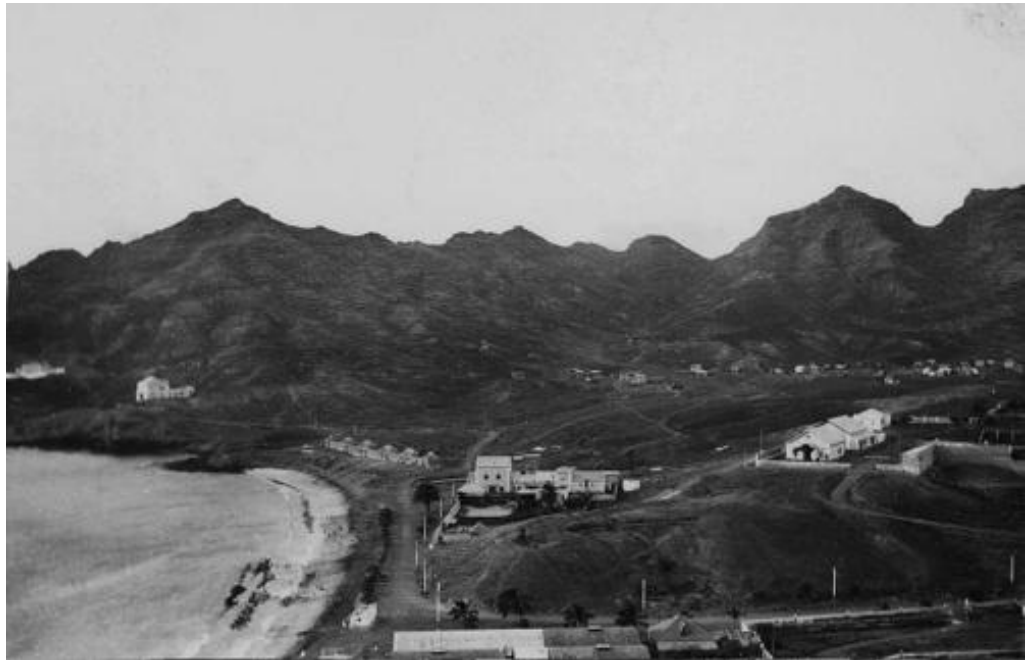


Fig. 33
Vista da Praia da Laginha.



Fig. 34
Vista da Praia da Matiota.

O LUGAR | PRAIA DA MATIOTA

Em 1908 começam a nascer novos bairros na cidade do Mindelo. A expansão passa a ser direccionada para áreas fora do centro da cidade. No âmbito do “Plano de Melhoramento da Cidade do Mindelo”, em 1912 iniciaram-se as obras das estradas para o Monte Verde e para a Matiota, originando uma nova dinâmica nessas zonas a partir do momento em que o acesso passa a ser facilitado.

A praia da Matiota está na continuidade da Baía do Porto Grande, logo a seguir à praia da Lajinha. O nome Matiota aparece nos meados do séc. XIX, com a origem num navio italiano denominado “Matteoti”. Aportuguesando-se a palavra ficou baptizada como praia da Matiota.

A presença britânica na ilha de São Vicente teve uma grande influência nos costumes do povo mindelense. Teriam sido os ingleses residentes no Mindelo os pioneiros na praia da Matiota. Deslocavam-se a esta praia para praticar desporto, “footing” e “cross”. Com o passar do tempo os locais também começaram a frequentar essa área anteriormente considerada muito distante. Rapidamente ganhou uma nova vida com a construção de um balneário, um vestiário, um trampolim e, em frente à Lajinha, a fundação de um clube de ténis. Aí também se instalou a firma da Companhia Italcable em 1924/27, com o Cabo Submarino entre Itália e América do Sul, e a firma Bonucci e Leça de produção de energia eléctrica que também incorporava uma fábrica de gelo. No alto da encosta que desemboca na praia foi construído o edifício dos Millers & Cory Company, actual sede da ONG Atelier Mar e objecto de estudo da presente dissertação.

Com o passar do tempo a envolvente da praia foi sofrendo fortes alterações, hoje transformada numa zona industrial, composta pelo Estaleiro Naval da Cabnave, a fábrica Sodigáz, o dessalinizador da água do mar que abastece a população do Mindelo, incorporado na Central Electra, os antigos armazéns da Empa, a frigorífica e a fábrica de moagem de cereais Moave. Apesar de estar num contexto completamente diferente, de ter perdido o protagonismo de outrora como palco de várias exposições desportivas, a praia da Matiota continua a ser aquele recanto tranquilo e proporcionador de momentos agradáveis com a mansidão das suas águas, com o notável Monte Cara e a ilha de Santo Antão como pano de fundo.

SEDE DO ATELIER MAR
Projecto de Reabilitação

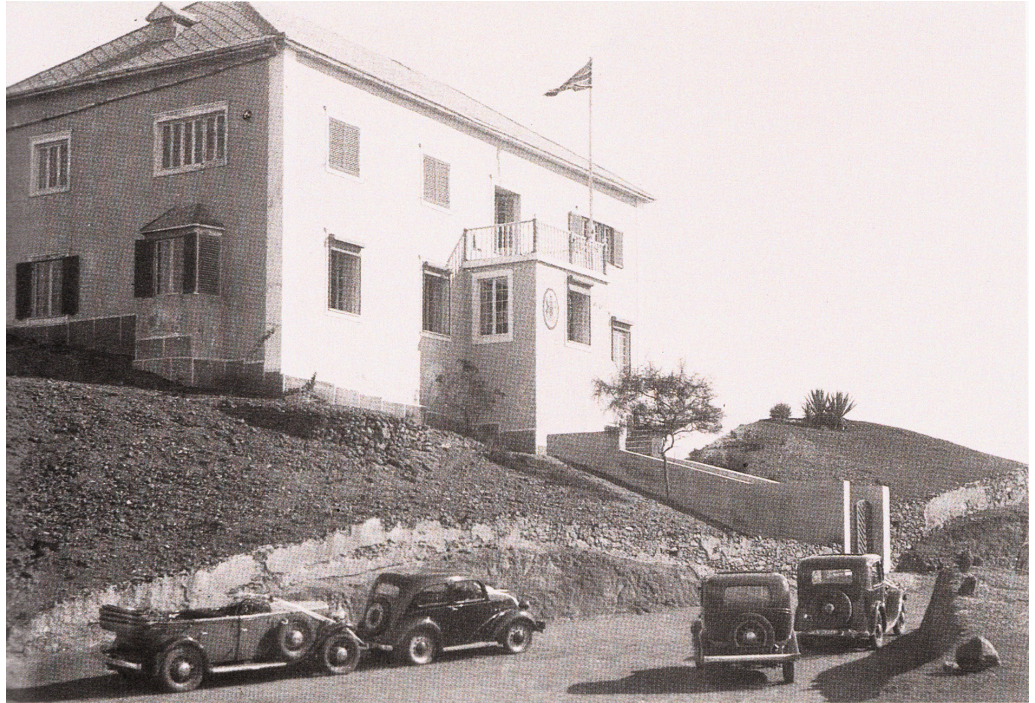


Fig. 35
Antigo Consulado Inglês.

A SEDE DO ATELIER MAR

“Em 1926 foi apresentado o projecto do inglês Ian Sinclair Nicol no terreno que lhe foi concedido pela Millers & Cory na Matiota” como consta na publicação Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo, do Ministério da Habitação e Obras Públicas (1984).

No topo da colina deste nicho de praia, Matiota, ainda persiste um dos primeiros edifícios construídos nesta zona, a antiga residência do responsável da Millers & Cory. A sua arquitectura colonial de influência portuguesa e inglesa conta a história do desenvolvimento do Mindelo, a cidade cosmopolita cabo-verdiana.

A sua localização estratégica relativamente à Baía do Porto Grande permitia à companhia carvoeira Millers & Cory a observação e controlo das entradas dos navios na Baía. Desde a sua construção, a antiga residência foi assumindo diferentes funções, tendo sido arrendada ao consulado inglês e depois vendida à JBC (Firma Comercial José Benoliel de Carvalho) na década de 30. Na década de 60 foi ocupada pelos pescadores japoneses que frequentavam as ilhas, e, nessa altura, o edifício passou a ser conhecido como O Lar dos Marinheiros. Posteriormente foi a casa e oficina do mestre Pulú⁹. Hoje é a sede do Atelier Mar, comprado pelo fundador da ONG, Leão Lopes, movido pelas suas memórias de adolescência.

“Fui motivado porque já o conhecia em adolescente, aqui vivia e era o atelier do mestre Pulu (Clarimundo Faria de Andrade) que foi quem mais me marcou na minha formação na Escola Técnica. Vinha para aqui muitas vezes aprender com ele.” (Conversa com Leão Lopes)

9. Clarimundo Faria de Andrade era natural da ilha da Brava, conhecido como Mestre Pulú em S. Vicente. A partir de 1956, com a abertura da Escola Industrial e Comercial do Mindelo, Mestre Pulú instala-se nesta cidade onde, como mestre de oficina, ministrou cursos de carpintaria e serralharia mecânica até 1962. Sempre teve em casa um atelier onde, nas horas vagas, dava largas à sua imaginação.

Fig. 36
Vista desde da Praia da
Laginha.



Fig. 37
Caminho para a Sede do
Atelier Mar.



Fig. 38
Fachada Poente.



DESCRIBÇÃO DO EDIFICADO

Existe pouca informação sobre o projecto inicial do edifício, apenas sendo possível fazer uma análise a partir de fotografias antigas e do relato de Leão Lopes. Foram efectuadas apenas alterações necessárias para a instalação da ONG, mantendo o edifício a sua essência inicial, de arquitectura colonial caracterizada pelo pé-direito elevado de 3,5m, com varanda saliente e janelas grandes com persianas em ripado de madeira que demonstram a preocupação na protecção contra o calor, promovendo a ventilação natural no espaço interior.

O caminho que leva à Sede do Atelier Mar vem na continuidade da praia da Laginha, passando pela central dessalinizadora e de electricidade Electra, entrando pela pequena colina. Chegando ao topo, no cruzamento de quatro caminhos, descobre-se o imenso azul da Baía do Porto Grande que desvanece na linha do horizonte. Na ponta do Alto da Matiota surge o Atelier Mar. Na aproximação ao edifício a sensação é de estar a entrar na Baía, e a tranquilidade e o intenso azul das águas é contagiante.

Com as transformações sofridas na sua envolvente, a nobre entrada principal, a Poente, com uma escadaria larga rematada por um pequeno volume que conforma a porta de entrada, perdeu a sua função devido a um corte brusco feito na colina, para dar lugar à estrada de acesso ao estaleiro de navios, construído nos finais da década de 70 do passado século. Em consequência desta alteração, a entrada secundária a Norte passou a ser usada como a principal. Uma pequena praça pavimentada com lajetas prensadas delimita o espaço de entrada para a ONG e para a minha residência familiar que, a Nascente, faz parede meia com o objecto de estudo. Deste ponto tem-se a leitura da volumetria do objecto, composto por um volume principal de dois pisos, imponente sobre o conjunto orientado a Poente, que atinge 7,6 m de altura ao nível do beiral e 11,8 m até a cumeeira, a Nascente por um corpo em “L” de um piso, e a Norte por um pequeno volume de sanitários, rematado por um muro que conforma um pátio e um vão de entrada. Por cima deste último volume existe um grande reservatório de água que, devido à sua escala, desafia o protagonismo do corpo principal.

A ocupação feita dos espaços divide-se segundo as funções, uma vez



Fig. 39
Fachada Norte - actual
entrada.



Fig. 40
Entrada pelo pátio.



Fig. 41
Corredor de acesso em
"L".

que no piso térreo se concentraram as oficinas de trabalho e sala de formação, sendo o piso superior dedicado aos serviços de administração dos projectos desenvolvidos pelo Atelier Mar.

Entrando pelo pátio, apercebemos de imediato o carácter de atelier, equipado com máquinas para a produção de pasta de argila e seu armazenamento. O pátio é coberto por uma estrutura de ferro revestida por telhas de fibrocimento, elevada cerca de 70 cm acima das paredes a Norte e a Sul, permitindo dessa forma a entrada de uma luz natural controlada ao mesmo tempo que protege este espaço das condições ambientais. Existem duas escadas que levam aos terraços sobre os volumes a Norte e a Sul. A Nascente há uma terceira escada que faz a ligação ao volume onde está instalada a carpintaria, uma sala dividida em três zonas elevada do nível do pátio cerca de 1,5 m. Também a partir do pátio temos acesso aos espaços interiores do piso térreo, articulados por um corredor em “L” que abraça o pátio a Sul e a Poente. Duas portas permitem a entrada para o corredor, ambas ladeadas por janelas que iluminam este espaço de distribuição.

“No pátio só houve intervenção na zona da carpintaria que onde está a janelinha era a porta para as três zonas. Era nesse espaço que vivia o guarda e família. Também não era coberto. Tinha também a estrutura da caldeira e depósito de combustível para a produção do vapor para a sauna (do tempo dos japoneses).” (Conversa com Leão Lopes)

O corpo a Sul, no piso térreo, contém três divisões: uma cozinha, uma arrecadação e um quarto do guarda do Atelier Mar, sendo cada espaço iluminado por uma janela exterior.

O volume principal também está conectado ao corredor em “L”. A sua organização é definida a partir de um átrio, centrado na fachada a Nascente, de pé-direito duplo, que contém as escadas de acesso ao primeiro piso. Nos dois pisos as salas estão dispostas em “U”, privilegiando a fachada a Poente, virada para a Baía. No rés do chão, a Sul, existe uma divisão (antiga sauna do tempo dos japoneses) onde está instalado o armazém das peças produzidas pelas oficinas da ONG e pelos projectos desenvolvidos na área de transformação agroalimentar, e ainda uma sala de acervo que conta com vãos a Poente.



Fig. 42 e Fig. 43
Átrio de acesso ao piso superior.



Fig. 44
Salão no piso térreo.

A anterior entrada principal está conectada a uma extensa sala de ocupação flexível. Nesta sala já funcionaram varias acções de formação e a primeira turma do M_EIA, assim como convívios entre amigos e trabalhadores da ONG. Este salão é banhado de luz natural proveniente das suas altas janelas que se abrem para a Baía do Porto Grande. Ainda no rés do chão, no topo Norte, as salas sofreram alterações para receberem a oficina de cerâmica. Anexado a estas, foram construídos dois volumes que albergam os fornos de cozedura das peças e as botijas de gás que abastecem os fornos. Também no topo Norte foi construída, recentemente, uma garagem a que se tem acesso a partir da praça de entrada. Estes anexos tratam-se de construções que objectivaram apenas suprimir necessidades, sem haver uma preocupação com a composição do conjunto arquitectónico, no que diz respeito à sua relação volumétrica / espacial e à sua linguagem formal.

O primeiro piso conta com seis divisões que albergam funções como gabinetes de trabalho, sala de reunião, um laboratório de fotografia (actualmente sala de Design), um sanitário e um quarto de hóspedes. A Poente, a sala central é privilegiada com uma varanda, com vista para o mar e para as imponentes montanhas da ilha de Santo Antão, que encima o volume da antiga entrada principal. O acesso às divisões, excepto ao quarto, é feita a partir do átrio das escadas, banhado de luz natural vindo de uma janela a Nascente e, assim como todas as salas deste piso, tem o pavimento em madeira. Na sala a Noroeste foi recentemente construída uma caixa de escadas que permite o acesso ao sótão, possibilitando o uso deste espaço que anteriormente não era acessível. Porém, por ter a estrutura já em estado avançado de degradação, e por não possuir iluminação natural nem formas de ventilação, este espaço é actualmente ocupado como arquivo e arrecadação.

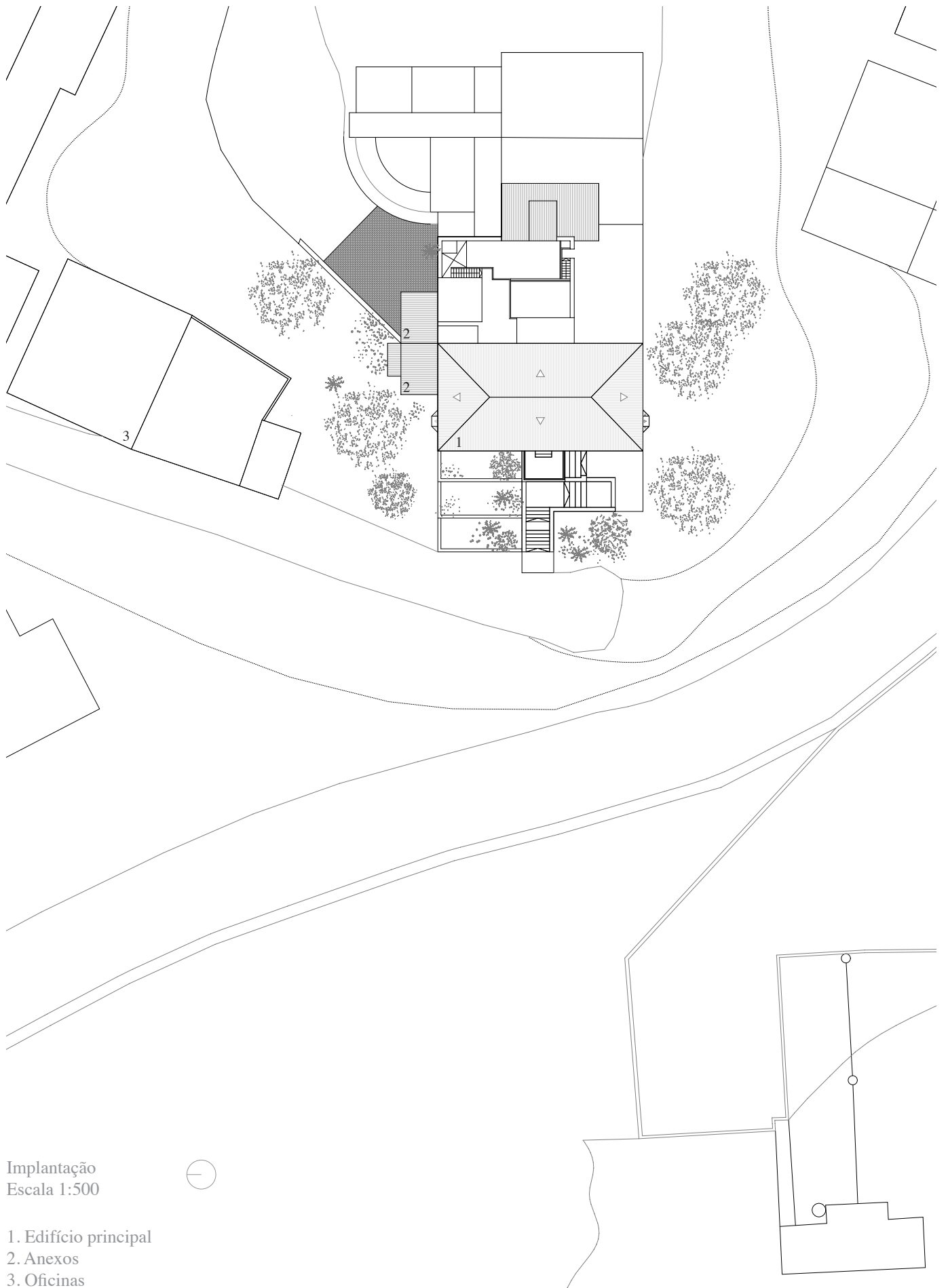
A área do edifício é aproximadamente 920 m², sendo que o primeiro piso do volume principal conta com 224 m². O lote conta com cerca de 2000 m² e a Norte, a uma cota mais baixa, é ocupado por dois volumes onde estão instaladas a oficina de pedra e a de materiais de construção. Nestes espaços decorrem aulas práticas da universidade M_EIA e são produzidos vários materiais de construção, desde lajetas prensadas ou de pedra para pavimento a blocos e telhas que são aplicados nas intervenções arquitectónicas da ONG ou de particulares.



Fig. 45
Vista desde da Praia da
Laginha.



Fig. 46
Alcance visual a Poente.



Implantação
Escala 1:500

- 1. Edifício principal
- 2. Anexos
- 3. Oficinas



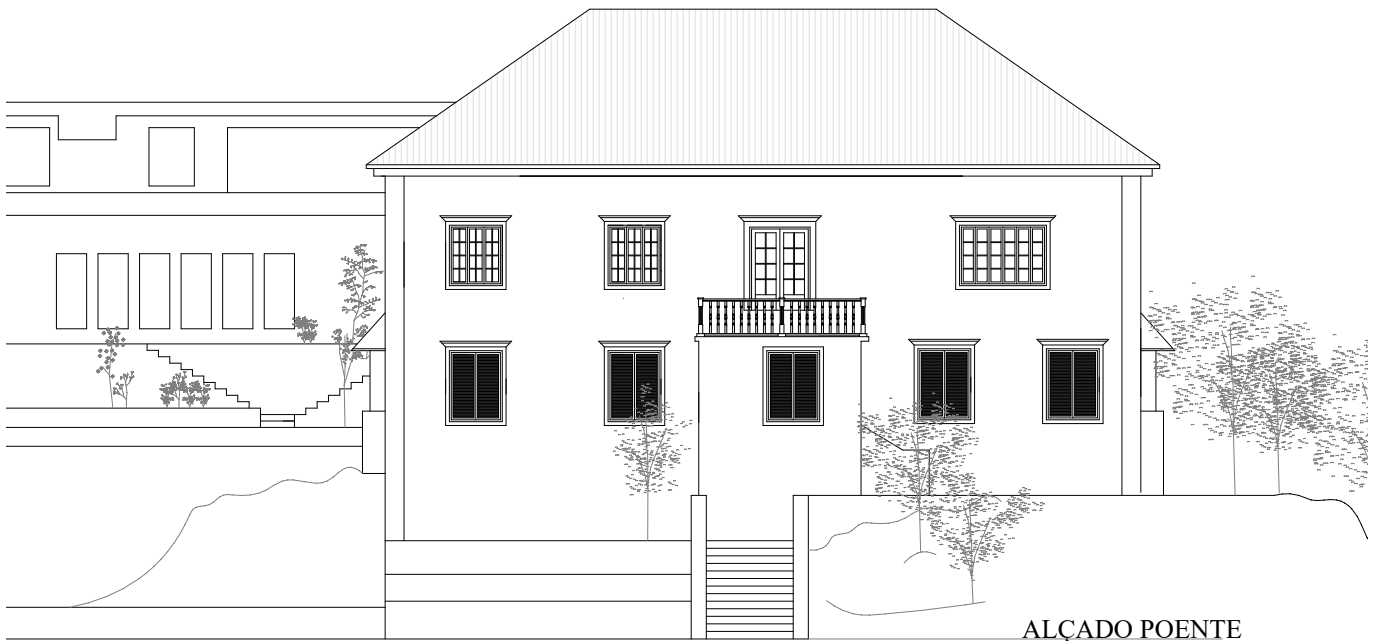
Fig. 47
Alçado Poente.



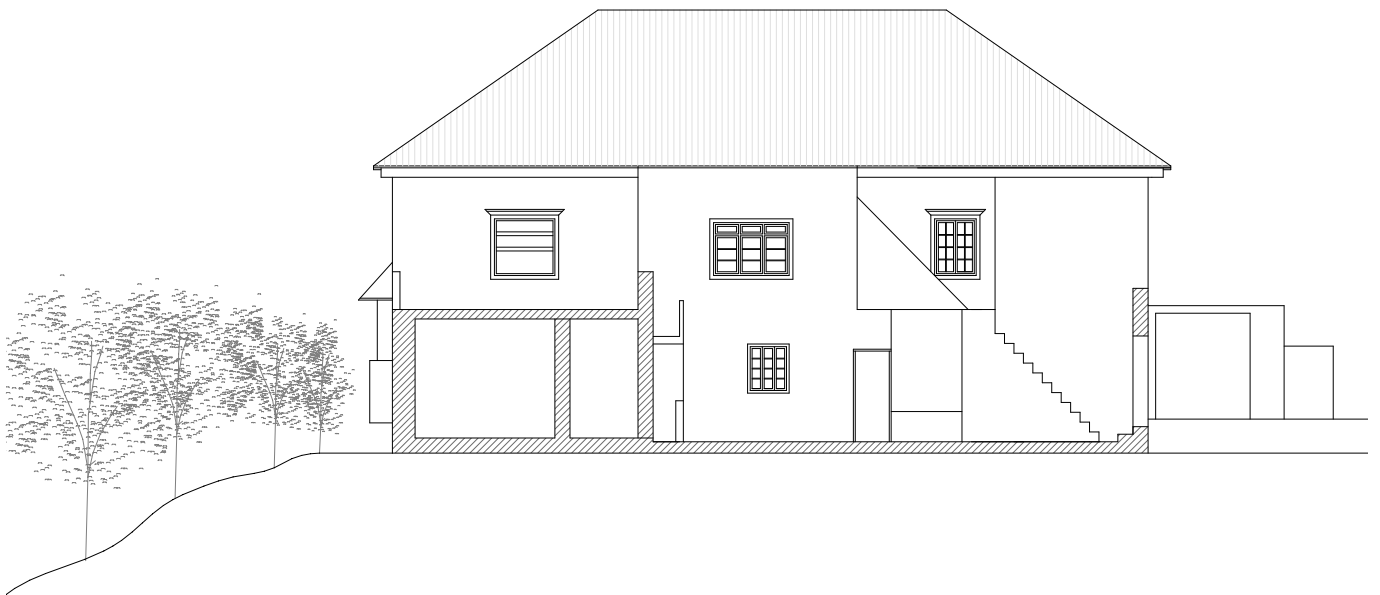
Fig. 48
Alçado Nascente.



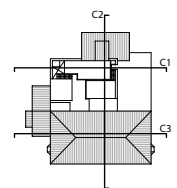
Fig. 49
Alçado Nascente.



ALÇADO POENTE
ESCALA 1:200



CORTE C1 | Alçado Nascente
ESCALA 1:200



SEDE DO ATELIER MAR
Projecto de Reabilitação

Fig. 50
Alçado Norte.



Fig. 51
Alçado Norte.



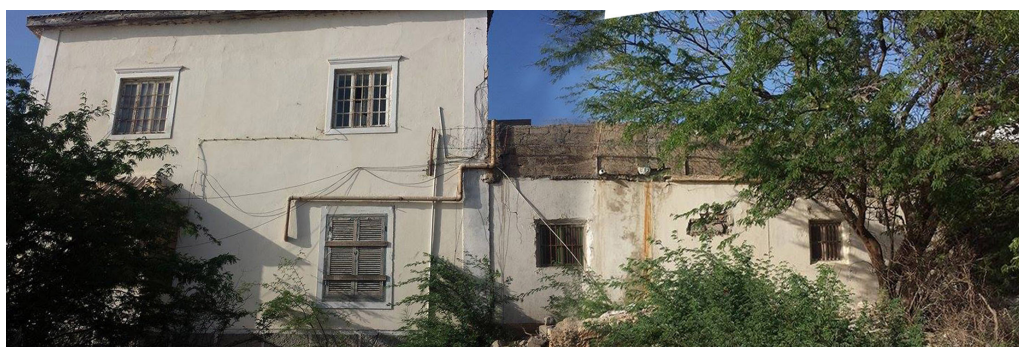
Fig. 52
Alçado Sul.

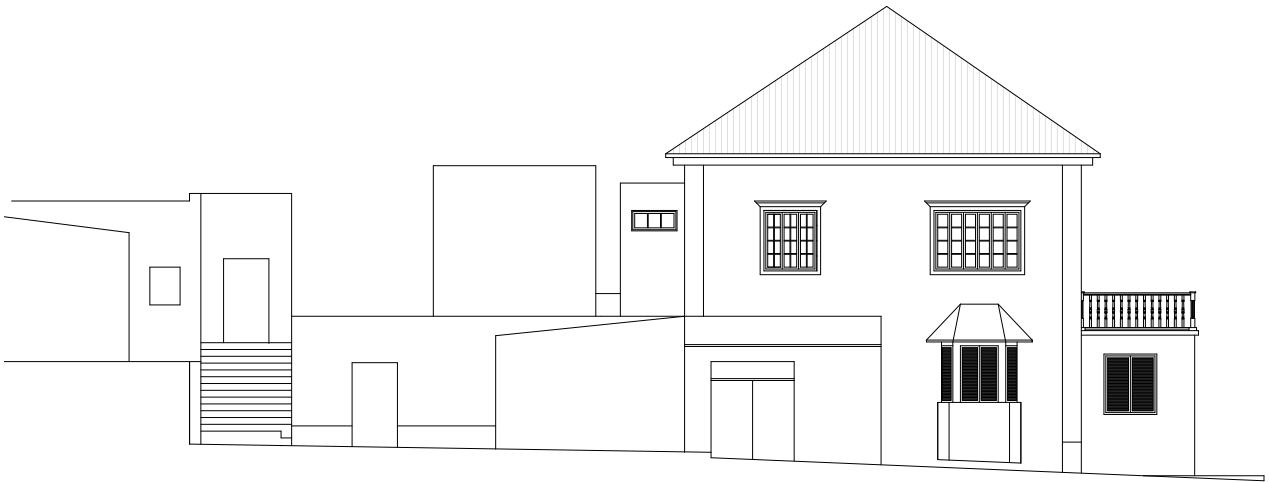


Fig. 53
Alçado Sul.



Fig. 54
Alçado Sul.





ALÇADO NORTE
ESCALA 1:200



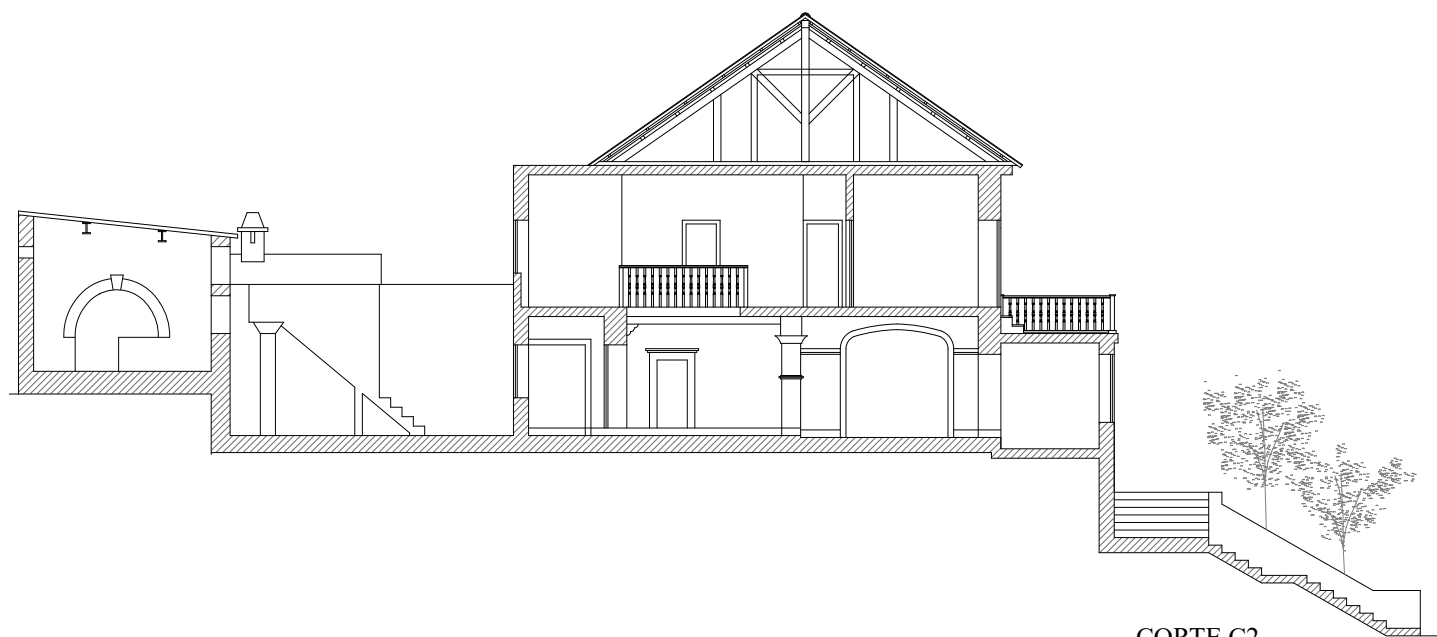
ALÇADO SUL
ESCALA 1:200



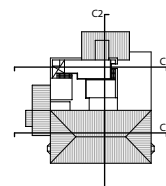
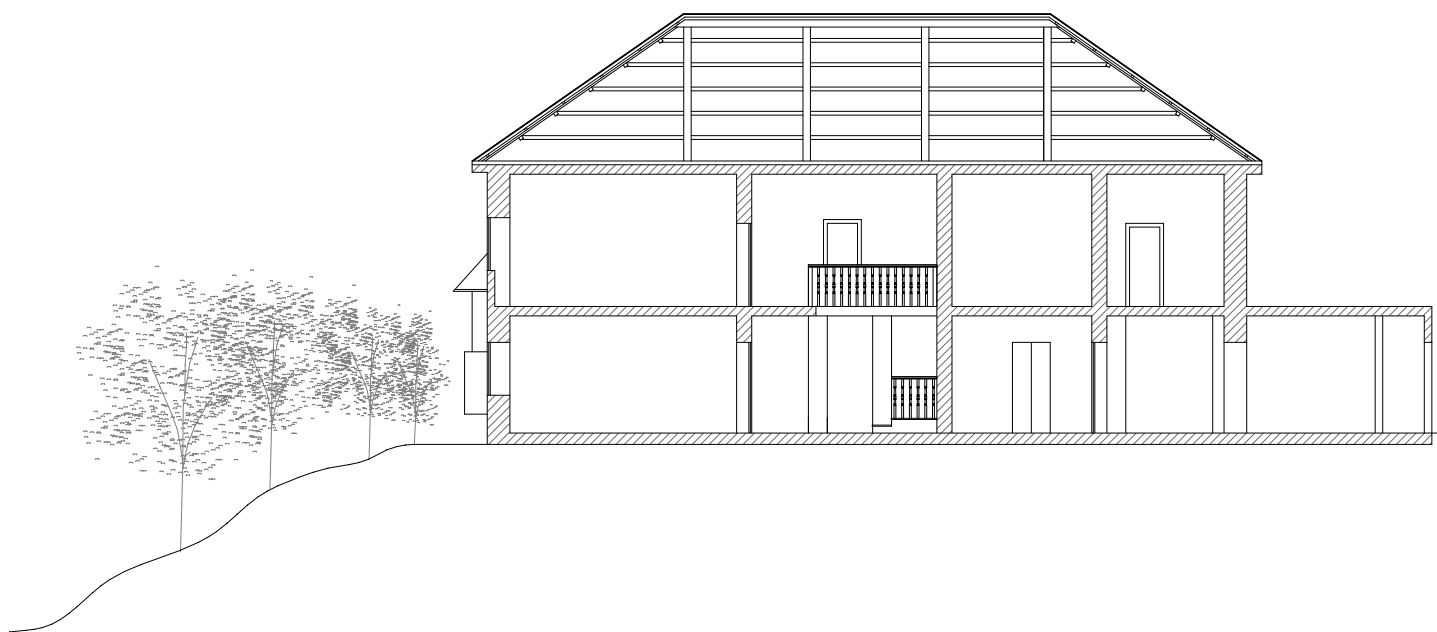
Fig. 55
Pátio.



Fig. 56
Pátio.



CORTE C2
ESCALA 1:200



CORTE C3
ESCALA 1:200

Fig. 57
Sala dos fornos de
cerâmica.



Fig. 58
Armazém.



Fig. 59
Corredor a Sul.

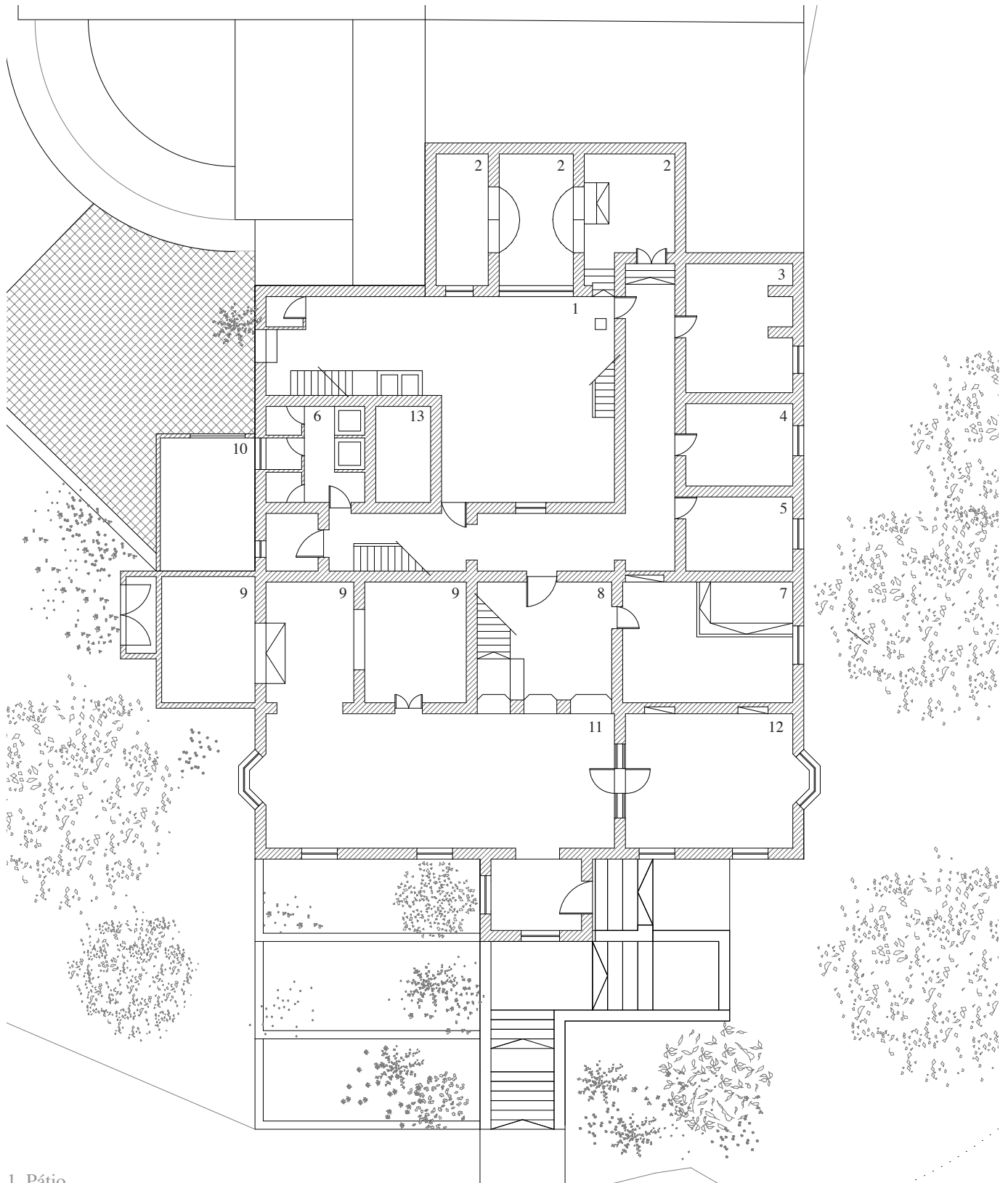


Fig. 60
Átrio.



Fig. 61
Salão.





- | | |
|---------------------|--------------------------|
| 1. Pátio | 8. Átrio |
| 2. Carpintaria | 9. Ofinina de cerâmica |
| 3. Cozinha | 10. Garagem |
| 4. Arrecadação | 11. Salão |
| 5. Quarto do Guarda | 12. Acervo |
| 6. Sanitários | 13. Reservatório de água |
| 7. Armazém | |

PLANTA PISO 0
ESCALA 1:200



SEDE DO ATELIER MAR
Projecto de Reabilitação



Fig. 62
Átrio piso 1.



Fig. 63
Átrio piso 1.



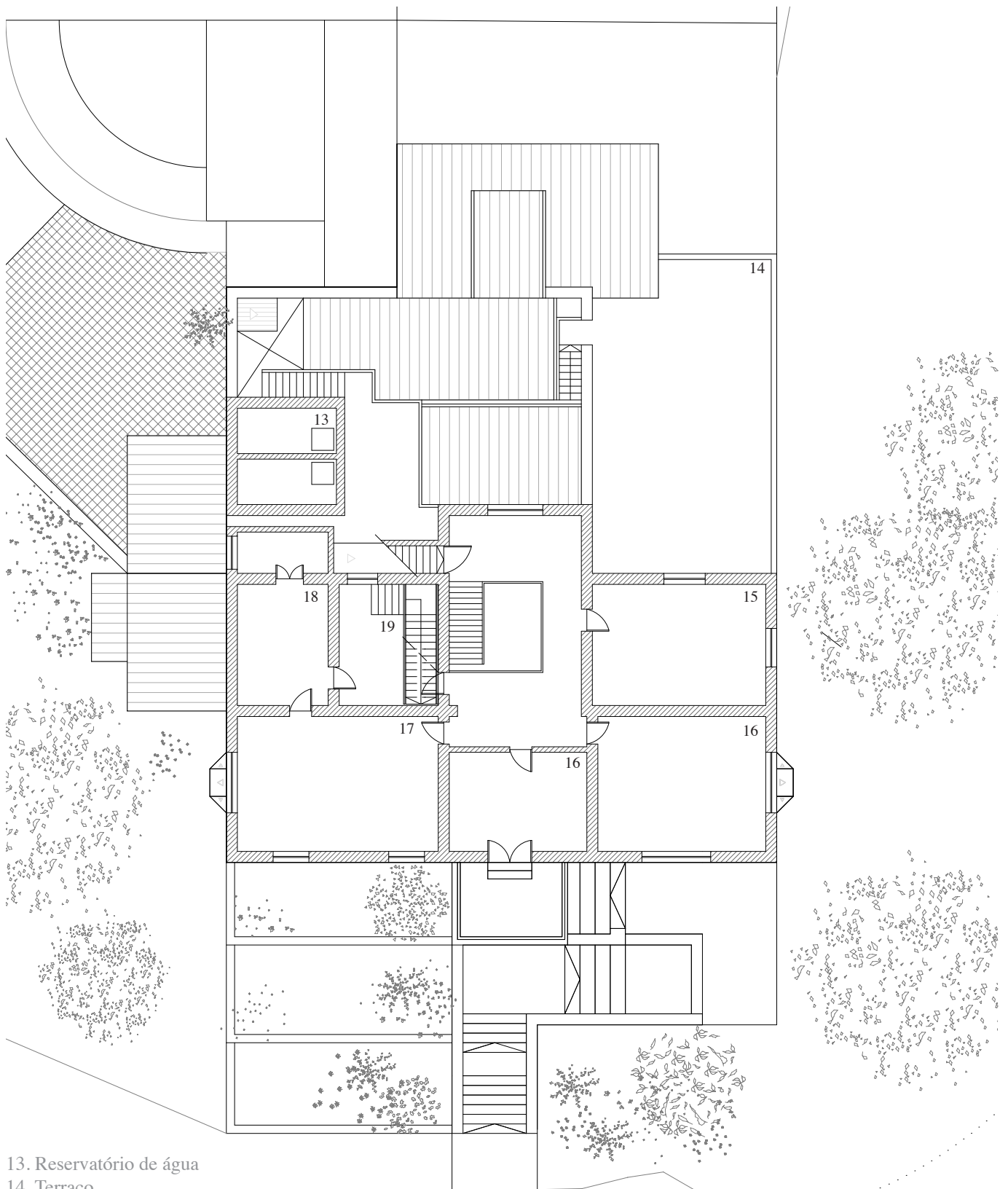
Fig. 64
Quarto de hóspedes.



Fig. 65
Sala de reunião.



Fig. 66
Sala de reunião.



- 13. Reservatório de água
- 14. Terraço
- 15. Sala de Design
- 16. Gabinete
- 17. Sala de reunião
- 18. Quarto de hóspede
- 19. Acesso ao sótão

PLANTA PISO 1
ESCALA 1:200





Fig. 67
Cunhal em cimento.



Fig. 68
Paredes interiores rebo-
cadas do piso superior e
soalho em madeira.

DESCRIPÇÃO DO SISTEMA CONSTRUTIVO

Para uma intervenção desta natureza é fundamental conhecer as soluções construtivas e de composição do objecto para, desta forma, tomar decisões projectuais mais informadas, conscientes e equilibradas, respeitando a identidade arquitectónica da pré-existência.

A exposição descritiva dos elementos é feita através da análise dos desenhos do levantamento geral que foram fornecidos pela ONG, e da observação visual e medição dos elementos que compõem o edifício. A análise é apoiada pelos estudos da construção em Portugal, uma vez que os traçados arquitectónicos das cidades do arquipélago são essencialmente de herança das cidades portuguesas. Foram aplicados os conhecimentos construtivos já explorados pelos colonos, adaptados à realidade cabo-verdiana.

A estrutura do edifício é composta pela estrutura principal que funciona como armação de suporte, e pela estrutura secundária que não tem função de suporte principal, mas que contribui para a estabilidade da construção. Na sua maioria as paredes são em alvenaria de pedra, existindo apenas três paredes de divisória em tabique no primeiro piso do corpo principal.

“A madeira é dispendiosa em Cabo Verde. Toda ela é geralmente importada” (Lopes 2001: 188).

Por essa razão, o seu uso nas construções dos edifícios que compõem as cidades cabo-verdianas é muito controlado, o que justifica a predominância da pedra em todo o edificado, reservando o uso da madeira para portas, janelas, pavimentos e, pontualmente, para paredes. A pedra aparece tanto na construção de elementos estruturais como na construção de muros e anexos.

A estrutura principal é constituída pelas paredes exteriores que compõem as fachadas do volume principal, as dos corpos que se desenvolvem em volta ao pátio a Nascente, e pela estrutura da cobertura, com a função de suporte do telhado. A estrutura secundária é composta pelas paredes interiores de divisória e pela estrutura das escadas.



Fig. 69
Cobertura plana a Sul.



Fig. 70
Cobertura plana a Norte.



Fig. 71
Sótão - estrutura da cobertura em quatro águas.



Fig. 72
Estrutura das asnas - travamento feito por tirante de ferro.



Fig. 73
Estrutura das asnas - travamento feito por tirante de ferro.

Paredes exteriores

As paredes exteriores são construídas em alvenaria de pedra de basalto, de aparelho irregular e ligamento de argamassa de cal e areia. A espessura varia de cerca de 60cm nas paredes que compõem as fachadas exteriores até cerca de 40cm nas que delimitam o pátio. São paredes que partem da fundação até à cobertura, mantendo sempre a mesma espessura nos dois pisos, constituindo assim uma estrutura contínua, onde somente em situações de vãos o parapeito tem cerca de 30cm de espessura. O revestimento exterior é em reboco de enchimento e regularização, feito com uma argamassa de areia e cal, sendo de seguida caiado. Pelo interior, as paredes são regularizadas e emboçadas com argamassa de cal e areia, com barramento de pasta de cal e posteriormente pintadas. O encontro das paredes exteriores é solucionado com um revestimento em cimento que se assemelha a um remate de cunhal.

Paredes interiores

As paredes interiores são, na sua maioria, em alvenaria de pedra com cerca de 40 cm de espessura, sendo que no piso superior as da sala central a Poente são de tabique simples com cerca de 15 cm de espessura. Relativamente ao revestimento, também estas paredes são regularizadas e emboçadas com as mesmas argamassas e com os restantes acabamentos das paredes já referidas anteriormente, garantindo assim uma continuidade dos materiais dos espaços interiores. A transição entre as paredes e os pavimentos é rematada com um rodapé em cimento no piso térreo e em madeira no primeiro piso.

Cobertura

O conjunto do edificado apresenta tipos de cobertura diferentes. Os volumes a Norte e a Sul são de cobertura plana e praticável, enquanto que a Nascente, a oficina de carpintaria tem a sua laje de cobertura com uma pendente pouco pronunciada, revestida com telha de fibrocimento. No volume a Poente a cobertura é formada por um telhado de quatro águas, com telha de fibrocimento. A estrutura é constituída por asnas de madeira que se apoiam nas paredes exteriores longitudinais, suportando as duas águas principais, enquanto que as tacaniças se apoiam nas paredes de topo. Uma vez que o vão é cerca de 9,30 m, as asnas são de construção complexa, perfeitamente triangulares, cada uma delas constituída por uma linha, duas pernas, um pendural e quatro escoras travadas por meio de tirantes de ferro. Sobre as pernas assentam as madres, no sentido perpendicular, seguido do ripado revestido directamente com telha, não havendo qualquer tipo de isolamento ou tecto falso. A altura

SEDE DO ATELIER MAR
Projecto de Reabilitação

Fig. 74
Escadas de acesso ao
sótão.



Fig. 75
Escadas de acesso ao
 piso 1 e tecto em gesso
cartonado.



Fig. 76
Porta de duas folhas de
acesso à varanda.



Fig. 77
Porta de uma folhas de
acesso ao armazém.



Fig. 78
Porta de uma folha de
acesso ao exterior.



da zona mais alta é cerca de 4 m, permitindo assim o aproveitamento deste espaço como sótão potencialmente habitável. Após a estrutura original em estuque armado ter cedido, o piso do sótão foi substituído recentemente por uma laje aligeirada com vigotas, nivelada com argamassa de cimento. O acesso a esta área é feito por meio de uma escada em “L” de estrutura de madeira apoiada numa vigota da nova laje.

A ligação entre os dois pisos do volume principal faz-se a partir do átrio a nascente, por meio de uma escada de um lanço com uma guarda formada por um conjunto de balaústres. A sua ornamentação e estrutura é em madeira, estando esta última apoiada na parede interior a nascente do corredor em “L” que faz a transição entre o pátio – espaço exterior coberto – e os compartimentos interiores. Um vigamento também em madeira, que descarrega nas paredes longitudinais, compõe a estrutura do piso superior, sendo revestido directamente com tábuas de secção 10x30 mm que formam o soalho. O piso térreo difere dos restantes por assentar directamente no solo, sendo posteriormente nivelado por uma argamassa de cimento polido.

Escada

No que diz respeito ao revestimento dos tectos, no piso térreo é emboçado com argamassa de cal e areia e posteriormente pintado, sendo no primeiro piso executado com placas de gesso cartonado.

Tecto

As caixilharias exteriores e interiores são em madeira com a excepção da porta de entrada para o pátio que é em ferro, sendo todas de desenho e construção simples, desprovidas de grandes ornamentos.

Caixilharia

Existem quatro tipos de portas no edifício, diferenciadas de acordo com o espaço a que dão acesso. Na sua maioria as portas interiores são completamente opacas, com uma única folha. No entanto, no piso térreo, a porta que permite a entrada para o átrio do volume principal e a porta que separa a sala de acervo do salão apresentam aberturas. Na primeira as aberturas são de forma quadrangular, constituídas por vidros separados por pinázios, sendo que a segunda, além de apresentar uma abertura a meia altura e ser ladeada por janelas, possui uma bandeira com uma abertura em forma de meio círculo. Esta última porta é a que mais se diferencia do conjunto. No que diz respeito às portas exteriores, no piso térreo a porta a Poente apresenta aberturas quadrangulares bem como a porta que dá acesso à varanda no piso superior, sendo

Portas



Fig. 79
Bay window.

Fig. 80
Percianas em ripado de madeira.



Fig. 81
Janela de seis folhas.

Fig. 82
Janela de três folhas.



que esta se diferencia da primeira por possuir duas folhas. O acabamento das portas é feito com uma pintura de óleo, de forma a proteger e garantir a preservação das madeiras.

Encontramos quatro tipos de janelas exteriores no conjunto do edifício. Nas paredes de topo do piso térreo encontramos duas bay window, constituídas por três faces que se projectam para fora do plano da fachada. Estes dois elementos serão os melhores exemplos que remetem directamente para a influência recebida da arquitectura inglesa no desenho do edifício, mostrando a importante contribuição dada pela presença britânica na ilha de São Vicente no início da formação da sua cidade no que concerne aos vários domínios da cultura e da economia. As restantes janelas do piso térreo e do superior são simples e de batente, sendo que o número de folhas varia de acordo com o piso onde se encontram. As do piso térreo possuem duas folhas e as do primeiro piso de três a seis, tendo estas últimas a folha central fixa. Todas as janelas do edifício possuíam uma persiana exterior em ripado de madeira. No entanto, devido a sua degradação com o passar do tempo, estes elementos de protecção já só permanecem no piso térreo. A persiana é uma solução que permite controlar a entrada de luz natural e do calor, proporcionando simultaneamente boas condições de ventilação de forma a regular melhor a temperatura no interior do edifício.

Janelas

Após a exposição geral dos vários elementos que compõem o edifício, é importante referir as principais anomalias existentes neste caso específico, que foram levados em consideração aquando da realização da proposta de projecto. O grande conjunto de preocupações centra-se nas paredes exteriores e na cobertura, sendo que são os elementos que definem a envolvente construtiva do edifício e estão mais expostos às condicionantes ambientais.

Anomalias

Na cobertura, os problemas são de cariz ambiental e também estrutural. O edifício foi construído há cerca de oitenta e cinco anos e durante a sua existência a manutenção dos elementos construtivos foi muito esporádica, o que significa que um simples partir ou desprendimento de uma telha provoca problemas de vedação, isolamento e ventilação, levando de imediato à degradação da estrutura. O comportamento deficiente ao nível da protecção



Fig. 83
Estado de degradação da
estrutura da cobertura.

da estrutura causou o apodrecimento de alguns elementos de madeira e a formação de fungos e aparecimento de insectos prejudiciais para a madeira. Esta alteração no desempenho estrutural pode levar ao desenvolvimento e aparecimento de fissuras e deformações nas paredes de suporte, que comprometem a estabilidade da estrutura de todo o edifício.

Nas paredes exteriores destacam-se a existência de algumas fissuras e a deterioração das argamassas de revestimento, pois são estas as camadas mais expostas e que funcionam como proteção da parede de alvenaria. Como já foi referido anteriormente, e uma vez que a elevada altura das paredes torna-as mais vulneráveis a impulsos horizontais, o fraco comportamento mecânico da estrutura da cobertura pode estar directamente relacionado com as deformações nas paredes de alvenaria.

PARTE 4
CONDICIONANTES E PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO

O ANIMADOR¹⁰

“O cliente para quem se desenha uma casa indica ao arquitecto as superficies que necessita. O arquitecto cria a partir desses requisitos.” (Kahn 1961: 11)

Este exercício de realizar um projecto que poderá ser eventualmente construído, constitui um elo entre o exercício teórico e académico e o acto de projectar em interacção com um animador. O contacto directo com um animador real, com vontades, contexto e exigências específicas, terá sido um dos factores mais relevantes para a realização do projecto. Um projecto de arquitectura faz-se com base num diálogo constante com o dono da obra, e da intersecção de vontades do arquitecto com as restrições e imposições do mesmo. Portanto, é a partir do cliente, ou neste caso do animador, que nasce a iniciativa da intervenção. É ele que lança as expectativas e as características que deseja para a mesma.

É tão importante conhecer os elementos do edifício quanto as vontades do animador, para deste modo dar sentido à proposta. No caso concreto isto aconteceu numa conversa, enquanto percorríamos as diferentes zonas do Atelier Mar, e foi determinante para a troca de ideias, para a percepção do seu pensamento e do que pretende dos espaços. Na minha memória ficou registada esta primeira conversa que guiou todo o desenvolvimento do projecto, carregando consigo uma ideia de um novo programa e a sua organização. De uma forma natural ao longo de todo o processo houve vários outros momentos de troca de impressões que contribuíram para fixar o programa e as soluções propostas, ao mesmo tempo que foi originando novos caminhos e vontades.

10. Aqui, a figura do cliente do projecto, Leão Lopes, prefere ser referido como o animador do projecto, o que que “dá vida” a esta intervenção através das suas vontades e desejos.

O PROGRAMA

Surgiu então, na primeira conversa, a ideia de que num futuro próximo o Atelier Mar, nascido com o estatuto jurídico de cooperativa e reconhecido como ONG, venha a ser reformulado tanto a nível do figurino jurídico quanto a nível de objectivos e intervenções, e passar a ser uma Fundação, deste modo ganhando o edifício um carácter mais público. Ficou também claro que as intervenções que viriam a ser propostas deveriam ser pensadas de forma a permitir o faseamento das obras. É dentro desta circunstância que se pretende reabilitar o edifício do Atelier Mar e a sua envolvente próxima, de uma forma gradual que garanta a sustentabilidade financeira do projecto.

A intenção do animador é ocupar os espaços essencialmente com um Núcleo Museológico e um Centro de Documentação onde estarão expostos e arquivados o legado do Atelier Mar, assim como testemunhos do percurso profissional dele próprio, Leão Lopes. Para além destes espaços, foi requisitada a inclusão de um restaurante e de dois ou três alojamentos para voluntários e professores que venham a contribuir na implementação dos projectos, sendo que continuarão a ser necessários, para o novo programa, os gabinetes para funcionamento da futura Fundação. As oficinas desaparecem do edifício passando a concentrar-se somente no M_EIA, (Mindelo Escola Internacional de Arte), Instituto Universitário criado pelo Atelier Mar, e no núcleo das oficinas que faz parte do lote do objecto de estudo em questão.

O programa desta proposta de intervenção organiza-se nos espaços existentes, sofrendo apenas as alterações necessárias para promover a qualidade espacial. As possibilidades de relação com o exterior ganham mais força, valorizando o clima cabo-verdiano e um uso mais flexível e dinâmico dos espaços.

Um dos temas de projecto é a reorganização dos espaços e elementos existentes, com a intenção de clarificar, enriquecer e dar continuidade à história do edificado actual e da organização que nele habita há mais de trinta anos, visto que o percurso do Atelier Mar e a história do edifício não podem mais ser dissociados.

O PATRIMÓNIO | QUESTÃO DA REABILITAÇÃO

“Um outro ponto, entre tantos, nos preocupa igualmente: o da realização de obras novas junto de obras de valor construídas pelo passado ou em ambientes que o passado construiu e bem assim o que se refere às alterações de estruturas antigas por efeitos de uma fatal evolução dos tempos.

Devem referir-se, quanto a este ponto, dois aspectos de importância: em primeiro lugar, que o conceito de “monumento” vigente entre nós terá de ser amplamente revisto no sentido de ultrapassar este ou aquele edifício mais ou menos erudito, de história mais ou menos conhecida, para abarcar ambientes mais vastos e edifícios mais humildes; em segundo lugar, referir que a obra do passado constituindo um valor cultural do espaço, porque este é irreversível, não podendo vir a ser o que já foi ou mesmo continuar a ser o que foi, como já tivemos oportunidade de afirmar, não deverá ser actualizada pela utilização do “pastiche”, solução que denuncia apenas a incapacidade de encontrar aquela outra que, por contemporânea, possa ombrear – sem ofuscar nem ser ofuscada – com o valor que o passado nos legou.” (Távora 2006: 58)

É notório que a prática da arquitectura atual incide, cada vez mais, na recuperação e reconversão de edifícios, e conseqüentemente o debate de como intervir na paisagem e no património arquitectónico existente está a ganhar uma maior importância. Porém, a intervenção no património é uma tarefa de grande responsabilidade e complexidade, uma vez que existe um vasto leque de acções possíveis sobre o edificado, podendo este sofrer maiores ou menores alterações. Observando as intervenções aplicadas em edifícios existentes, é possível identificar algumas estratégias, passando pela manutenção e recuperação do edificado tal como é, ou mesmo pela reconstrução histórica da construção à sua forma original. Outras opções incidem numa intervenção controlada, de cariz sustentável, minimalista e menos invasiva, ou, numa acção mais afirmativa, de transformação com ou sem acrescento de novos volumes contemporâneos ao pré-existente.

No entanto, é de referir que cada caso abrange circunstâncias particulares e individuais, não sendo possível elaborar um modelo de intervenção universal. A tarefa de intervir no património está directamente ligada e dependente do contexto onde se insere, sendo que a base de uma boa resposta assenta no conhecimento do passado da pré-existência, do seu presente e sobretudo do que se pretende no seu futuro.

Neste sentido, *“Quando lidamos com o património, não existem receitas, existem, sim, uma sensibilidade e uma atitude cultural face às especificidades em presença, que se servem de meios tecnológicos para atingir determinados objectivos.”* (Mestre 2006: 14)

O desconhecimento do tempo, do lugar, do edifício e a ausência de uma relação afectiva traduz-se num registo desadequado, numa falta de unidade com o pré-existente, que anula a possibilidade de harmonia na intervenção. Uma intervenção contemporânea deverá entender a pré-existência e procurar dar continuidade à identidade e à memória do lugar. Deverá contornar as ideias pré-concebidas que oscilam *“entre a demolição, o pastiche ou uma pseudo autenticidade fundamentalista, sem atender ao tipo de edifício e ao contexto histórico, cultural e urbano.”* (Silva 2009: 6)

“A arquitectura de vaidade não pode ter lugar nas intervenções em património, pois o seu grau de destruição material e imaterial é arrasador.”(Mestre 2006: 52)

A referência a estes princípios aparece com o objectivo de propor uma breve reflexão sobre o desafio que é intervir na pré-existência, e não como uma abordagem exaustiva dos conceitos de reabilitação e valorização do património. É de referir que não constituem regras mas sim interpretações e intenções de formas de intervir, que se deseja explorar na concepção da proposta de reabilitação do edifício sede do Atelier Mar.

A CONSTRUÇÃO | QUESTÃO DA SUSTENTABILIDADE

“(...) podemos fazer a diferença a uma pequena escala. Os seres humanos constroem edifícios em busca de abrigo contra os elementos e deve utilizar os recursos naturais para fazê-lo, a fim de proteger o meio ambiente. Adotar esta alternativa significa construir arquitectura solar.” (Schittich 2003: 39)

A questão da sustentabilidade na arquitectura abrange vários domínios ambientais, sociais e económicos envolvidos na criação de condições de habitabilidade, prevendo os impactos negativos a curto e longo prazo. Como conectora entre esses domínios, a arquitectura deve assegurar que não se compromete em processos irreversíveis de degradação em nenhum deles, devendo responder a exigências específicas de habitabilidade num determinado território, não podendo ser limitada à aplicação de princípios ou regras gerais.

“(...) a integração de princípios de sustentabilidade ambiental na arquitectura reflete-se, geralmente, numa especial atenção à integração com o clima e uso de energias e materiais endógenos, com vista a atingir elevados níveis de conforto dos utilizadores e menor impacto ambiental. Diferentes abordagens podem ser adoptadas, designadamente: a arquitectura ecológica abrange a globalidade dos recursos naturais e humanos; a arquitectura bioclimática trata essencialmente a energia e o conforto; a arquitectura solar passiva privilegia a energia solar como fonte para garantir o conforto, a economia e o baixo impacto ambiental” (Mourão 2012: 15)

O aproveitamento dos recursos naturais, desde os materiais de construção à iluminação solar e à ventilação natural, ou a escolha do local e da orientação das edificações, são factores determinantes para a funcionalidade ambiental que devem estar presentes desde o início do desenvolvimento do projecto. Em parte, esta abordagem da sustentabilidade na construção segue o caminho de uma redescoberta da construção tradicional ou da arquitectura vernacular, adaptando-a às necessidades da sociedade actual, traduzindo-se

não só na utilização de um conjunto de técnicas construtivas, mas também num movimento cultural para a valorização e aplicação de métodos tradicionais e alternativos. Assim, hoje, as técnicas tradicionais são reforçadas com o conhecimento tecnológico disponível, originando um novo modelo de crescimento económico tendo como base um desenvolvimento ecologicamente sustentado.

É de referir a emergência, no caso específico de Cabo Verde, de que qualquer tipo de intervenção deve ser de cariz sustentável, uma vez que a sua insularidade reflete-se numa prática de construção muito particular. O isolamento do arquipélago provoca elevados custos de importação, devendo ser a auto-suficiência uma medida de grande relevância e importância, constituindo uma motivação para a busca de soluções mais acessíveis, que respeitem e valorizem o ambiente em que se inserem. Esta medida envolve o uso dos recursos locais, até então pouco explorados, podendo ser complementadas com novas técnicas de construção vindas do exterior.

Esta aproximação ao conceito de arquitectura sustentável, representa uma preocupação de não só adequar o espaço aos novos desafios do Atelier Mar enquanto futura Fundação, mas também pensar no conforto, na climatização e iluminação, formulando uma proposta com bom impacto ambiental. Além disso, procura-se promover os métodos de construção já explorados e aplicados nas intervenções de Atelier Mar, que se revelam determinantes e eficientes para o desenvolvimento de tipologias e tecnologias de construção locais, que implementam o uso de materiais de baixo custo, adaptados ao contexto cabo-verdiano.

INTERPRETAÇÕES | A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

“(...) projectar, planear, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem.” (Távora 2006: 74)

A minha proximidade como objecto de estudo transcreve-se no conhecimento profundo dos seus espaços e funcionamento. Este projecto permitiu-me abordar o edifício com um novo olhar, sendo que a ligação afectiva está agora acompanhada pela responsabilidade de transformar os seus espaços e dar continuidade à sua história. Permitiu uma interpretação do edificado e da sua composição com um olhar crítico na posição de futura arquitecta, procurando organizar o programa e encontrar o equilíbrio entre o meu ser e a nova realidade do edifício.

As intervenções propostas para este edifício exercem no seu conjunto um impacto no desempenho do mesmo, tanto a nível climático quanto de função. Pelo que se leva em linha de conta vários elementos como: os arranjos espaciais consoante os usos internos e a geometria dos espaços existentes; a posição relativamente à orientação solar; a orientação dos ventos; as características ambientais que guiam as soluções construtivas; e todo o tratamento da área envolvente. Igualmente é preciso considerar a estrutura existente e os materiais, e todos os detalhes como o desempenho térmico e as cores, o tratamento das fachadas e das áreas envidraçadas, a cobertura e as questões de escoamento das águas das chuvas e de sombreamento.

O próprio Atelier Mar tem nos projectos que implementa uma clara preocupação ambiental, no respeito pela natureza, na valorização dos recursos locais de forma a também os preservar, e isso está patente no artesanato que promove, nas actividades de desenvolvimento sociocomunitário e nas intervenções arquitectónicas. Daí que nesta proposta para reabilitar o edifício sede, além do respeito pela história e pelas características arquitectónicas que fazem dele património da cidade do Mindelo, é preciso também juntar o ideal ao prático, atendendo aos aspectos sociais e económicos, olhando para as condicionantes ambientais e tirando partido do clima e dos materiais a

utilizar. Por esta razão, para garantir a sustentabilidade e a preservação da identidade do projecto arquitectónico parte-se numa leitura para se entender o contexto no qual o edifício se insere, a sua história, seguida das decisões iniciais do animador do projecto e dos princípios de intervenção que serviram de base para formular a proposta final.

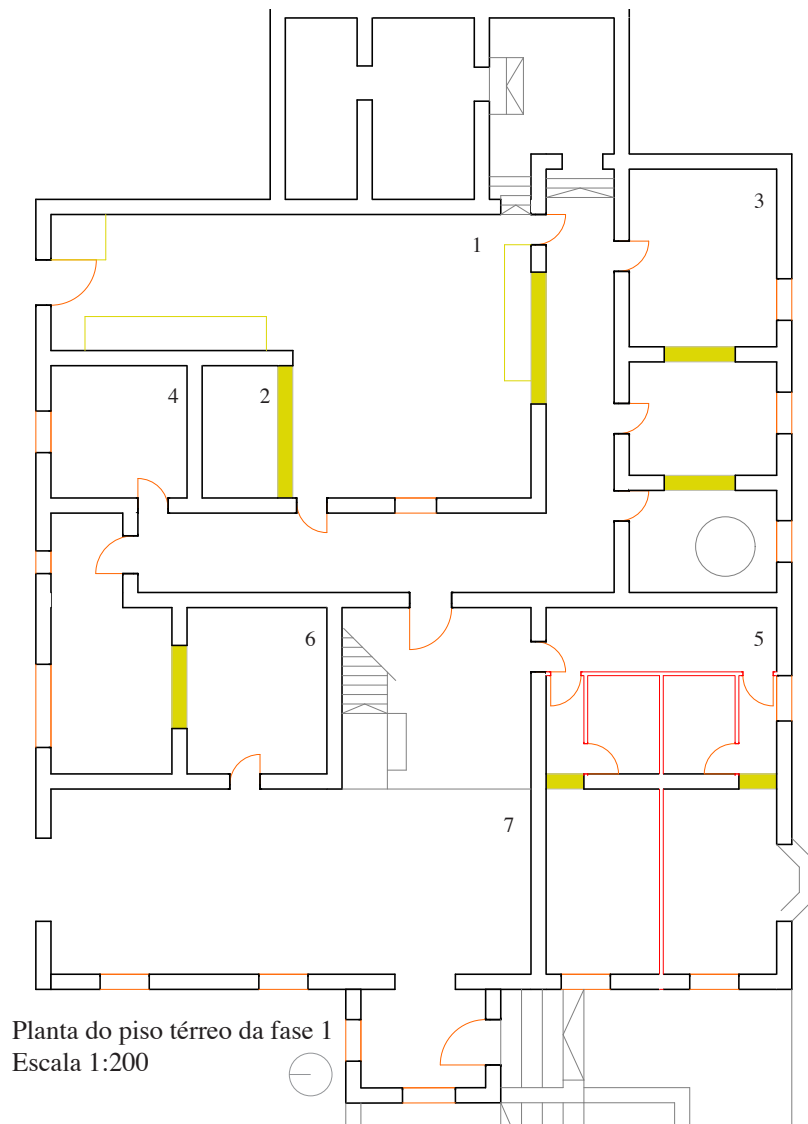
Hoje, o edifício resulta da sobreposição de acrescentos ao longo do tempo, surgindo, na minha leitura, dividida por quatro elementos: o volume principal a Poente, o corpo em L que encerra o conjunto a Sul e a Nascente, o volume a Norte juntamente com os vários anexos, e o pátio, que resulta como elemento unificador no qual participam cada um destes volumes, possibilitando o uso independente e/ou integrado a cada um deles.

Embora o novo programa em parte não seja muito diferente daquele que existe, uma vez que continua a ser constituído por uma área de uso público e outra de funcionamento dos trabalhos da organização, é necessária a reorganização funcional interna. A adaptação do novo programa segue a demarcação dos quatro momentos, assentando a preocupação essencialmente na redefinição do pátio, uma vez que foi o elemento que adquiriu um carácter mais híbrido ao longo do tempo.

O carácter actual do pátio resulta da mistura entre a função de oficina de cerâmica e de entrada principal, tendo ao mesmo tempo a seu cargo proporcionar alguma privacidade para o funcionamento das actividades oficinais e também receber o público. De composição volumétrica confusa, o pátio resulta numa fusão entre o público e o privado, onde a transição entre o espaço exterior e interior é indefinido. Assim, a intenção principal desde o início do desenvolvimento da proposta foi a de reorganizar o pátio como um espaço com dinâmica própria e fundamental para todo o funcionamento do programa, onde o edifício participa no seu todo. Deverá ser o espaço de recepção, de partilha e de carácter aberto que permite organizar e distribuir, proporcionando aos usuários uma certa intimidade com o edifício.

É importante que numa intervenção desta natureza se conheçam bem todos os elementos do objecto de estudo. Porque é a partir da análise da sua linguagem e composição que se reequilibram agora as novas necessidades num todo que, respeitando a pré-existência, não se intimida na utilização de técnicas actuais.

PARTE 5
O PROYECTO



- 1. Pátio
- 2. Recepção
- 3. Núcleo Museológico
- 4. Sanitários
- 5. Alojamentos
- 6. Cozinha
- 7. Restaurante

Planta do piso térreo da fase 1
Escala 1:200

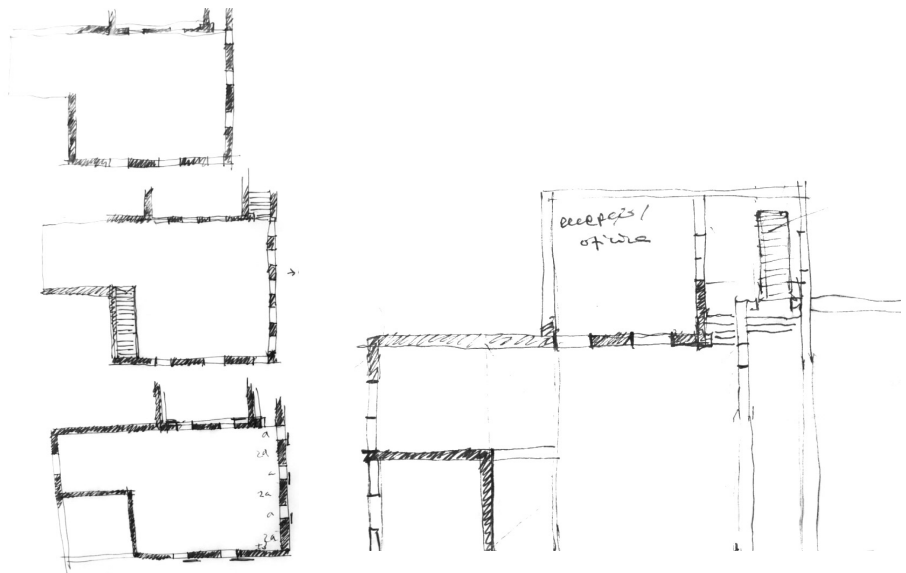


Fig. 84 e Fig. 85
Estudo das aberturas
no pátio e de acesso
vertical.

FASES DA PROPOSTA

A fase inicial do processo de projecto começou com o confronto entre os objectivos estabelecidos e a pré-existência, numa tentativa de ordenar o programa tendo como base a organização formal existente. Sempre guiada pela ideia de modificar apenas o necessário.

Nesta solução, seria retirada a cobertura do pátio, transformando-o num espaço mais aberto, que teria uma pequena sala de recepção a Norte, e serviria de articulação entre os diferentes espaços. O Núcleo Museológico ocuparia o corpo a sul desenvolvendo-se em dois pisos, sendo proposto um novo volume no antigo terraço. Os volumes a Nascente e a Norte seguiriam sem alterações. No corpo principal, o piso térreo seria ocupado pelo restaurante e pela cozinha, enquanto que o primeiro piso seria composto pelos alojamentos para os voluntários e professores, passando os gabinetes para o espaço do sótão.

Quanto ao espaço exterior, a entrada a Norte seria redimensionada de modo a criar um espaço mais amplo. E a Poente, o espaço da antiga entrada seria ampliado para receber uma pequena esplanada do restaurante.

Embora a nível conceptual esta primeira proposta parecesse aceitável foi necessário repensar os espaços e a organização do programa quer interior quer exterior, em consequência de algumas questões que foram levantadas.

A proporção do pátio deveria ser repensada para ganhar o novo protagonismo desejado, com uma função flexível e articulada entre receber o público e integrar exposições e possíveis actividades. A volumetria definida levantava questões quanto à sua composição e escala. A Nascente seria necessário refletir sobre o remate da empena com a minha residência familiar e sobre o acesso ao piso superior do corpo em “L” a Sul. Uma outra preocupação foi de redesenhar e integrar um novo reservatório de água, um elemento indispensável no programa de qualquer edifício em Cabo Verde, em consequência da escassez de água. No caso de São Vicente, não existem fontes naturais de água capazes de abastecer a população da ilha, e a solução encontrada para este problema foi a dessalinização da água do mar. Ainda assim, a quantidade de água tratada consegue abastecer cada área da cidade apenas uma vez por semana.

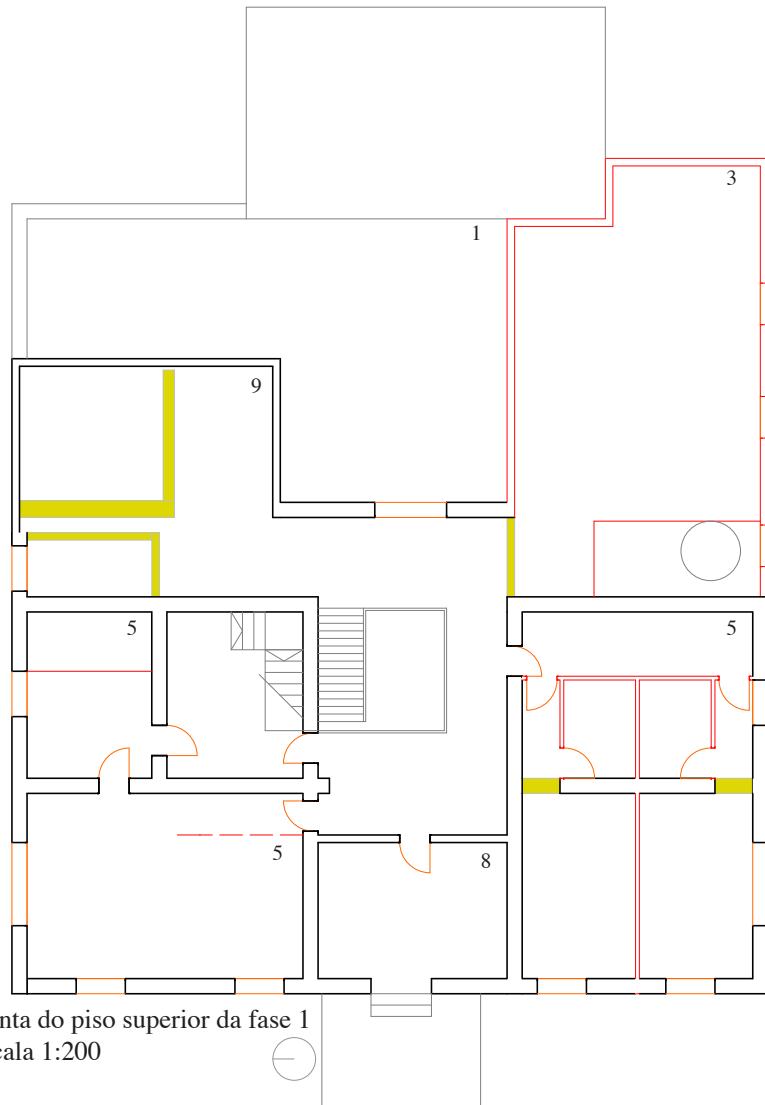
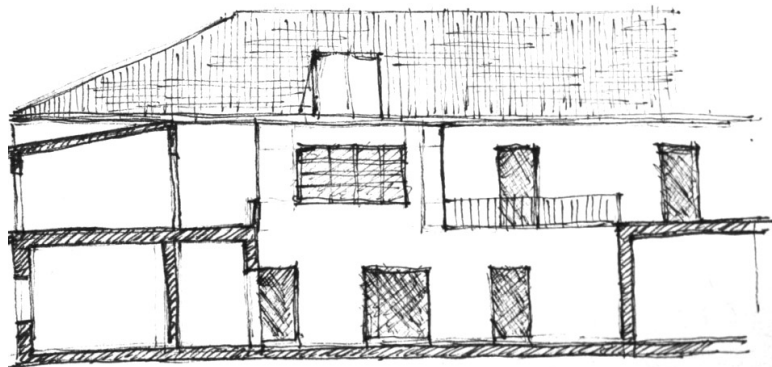


Fig. 86
Estudo do alçado Na-
scente.



Relativamente a estas questões de desenho e de articulação do programa, o animador manifestou a vontade de manter o piso superior do volume principal livre de alojamentos, passando estes para o espaço no terraço a Sul, sem interferirem nos espaços existentes e deixando-os apenas para o funcionamento da Fundação, como salas de trabalho, podendo ser ocupadas pelo acervo e possíveis exposições temporárias. Seguindo esta vontade, surgiu a proposta de desenhar um módulo de quarto independente do edifício pré-existente, articulado no seu exterior, podendo vir a ser construído quando houver a necessidade de acolher mais pessoas, quer para as actividades da Fundação quer dentro de um programa de turismo.

Assim, considerando estas questões e vontades, seguiu-se a redistribuição dos espaços, concentrando o Núcleo Museológico apenas no piso térreo. Esta solução orientou o desenvolvimento da proposta até uma solução final que objectivou a adequação ao pretendido e às condicionantes do problema.

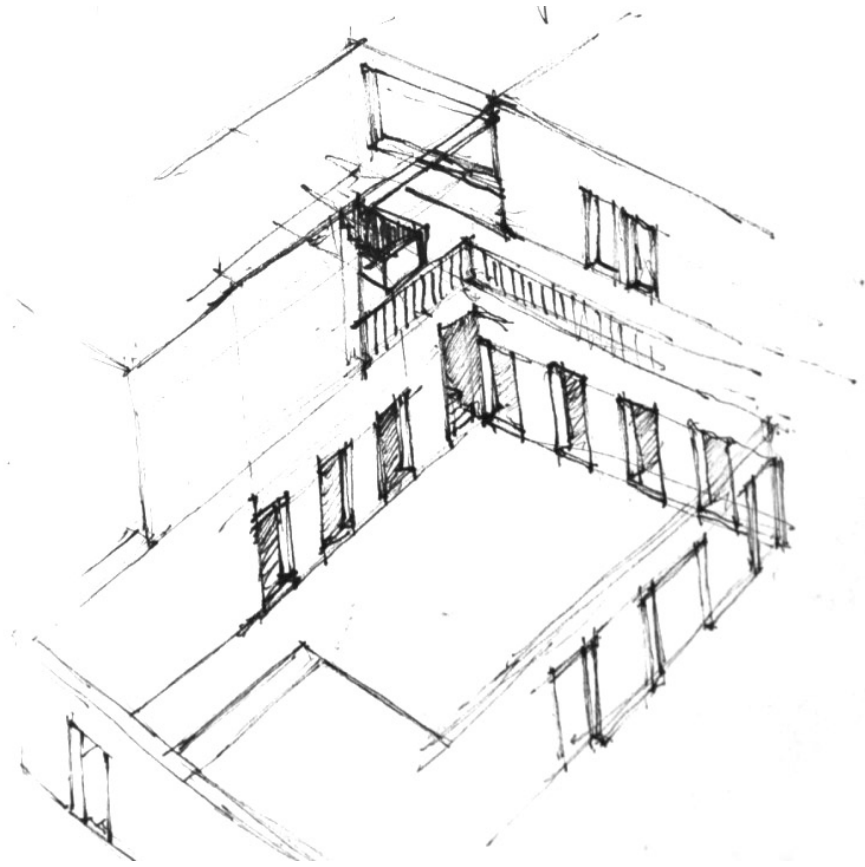


Fig. 87
Pátio.

SOLUÇÃO FINAL

“Não é necessário destruir para transformar. Para a transformar, é necessário e indispensável não destruir a cidade.” (Siza Vieira 2009: 20)

As alterações propostas na solução final refletem-se na imagem exterior do edifício e no seu pátio interior. Caracteriza-se essencialmente pela intenção de salvaguardar o pré-existente, no que diz respeito às suas fachadas exteriores e à clareza da sua composição volumétrica. Através da organização do pátio, do espaço exterior e da integração de novos elementos, procura-se renovar e ao mesmo tempo dar continuidade à memória e à identidade da sede do Atelier Mar.

*Intervenções no
pré-existente*

Propõe-se a remoção dos anexos e reservatórios de água que já não estão em funcionamento, uma vez que as oficinas estão a ser retiradas do edifício e os reservatórios estão deteriorados. Esta intervenção, para além de repensar a relação entre os espaços interiores e o pátio, permite clarificar o edificado existente que ao longo do tempo sofreu alterações sem uma preocupação com a linguagem e sua composição volumétrica. No pátio, o reservatório de água anexado ao volume dos sanitários a Norte e os acessos verticais agregados na sua fachada Sul e na entrada desaparecem. À entrada, os anexos da garagem, da casa do forno, da sala de gás e o grande reservatório de água que têm vindo a desafiar a imponência do corpo principal de composição forte e harmónica, são demolidos. A praça situada na chegada ao edifício ganha assim uma nova amplitude que define a entrada e desenha também um acesso à cota mais baixa do lote e aos módulos de quartos que poderão ser implantados a Norte do edifício principal.

A distribuição do programa seguiu a lógica de definir os espaços de uso público e os destinados a trabalho e funcionamento da Fundação, distribuídos pelos dois pisos do edifício. Uma vez que a entrada para o edifício é feita no piso térreo, propõe-se a articulação do Núcleo Museológico Memórias do Atelier Mar, dos sanitários, do restaurante e da cozinha, nesse espaço de forma a permitir e promover o contacto directo com os visitantes. O piso superior do edifício pré-existente é integralmente destinado ao funcionamento dos gabinetes da Fundação, sendo que o Cento de Documentação se instala no sótão. A Sul, no terraço, propõe-se um novo volume com alojamentos.



Fig. 88
Alçado Sul - interior do
pátio.



Fig. 89
Alçado Sul - exterior.

A entrada é feita pelo pátio, agora com uma marcação clara de dois momentos: o primeiro momento da entrada, conformada pelo pequeno volume de sanitários, e o segundo momento de abertura, onde o céu é a cobertura. Os equipamentos para a produção de pasta de barro continuam a participar da sua composição, reavivando as memórias das actividades oficinais, integrados agora no programa do Núcleo Museológico. A partir do espaço amplo do pátio, tem-se uma leitura clara de cada um dos elementos que definem o edificado. O corpo em “L”, agora com dois pisos, constitui o elemento unificador entre o novo e o pré-existente. Percorre o edifício em dois dos seus lados, ligando-se com a empena a Nascente, apresentando-se como um bloco isento e completo que acolhe situações distintas. Os vãos que integram o pátio foram alterados, passando a ser constituídos por portas envidraçadas que iluminam e permitem uma maior permeabilidade e relação com os espaços interiores.

A Nascente propõe-se uma sala à mesma cota do pátio, com um uso flexível, onde é possível funcionar um espaço de recepção, acolher workshops ou apoiar as actividades do Núcleo Museológico. No seu piso superior, um reservatório de água remata a empena. Uma escada integrada neste mesmo volume dá acesso ao piso superior, constituindo uma alternativa ao acesso vertical do corpo principal e permitindo uma ligação independente aos alojamentos sem passagem pelo interior do edifício. A escada desemboca num pequeno terraço, onde se pode apreciar a vista para a cidade e para o mar através de um grande vão a Sul, ou seguir o percurso por uma galeria a céu aberto que oferece a entrada para cada um dos três alojamentos.

Cada quarto conta com uma instalação sanitária junto à entrada, seguida da área de dormir e de trabalho e de uma varanda orientada a Sul. No desenho de novos elementos um dos temas é a criação de espaços de estar exteriores, beneficiando do soalheiro clima cabo-verdiano. Pretende-se que o novo volume onde se inserem os quartos se distinga do edificado existente mas que ao mesmo tempo não desafie o protagonismo do mesmo, procurando-se uma abordagem subtil mas que assuma uma nova identidade.

Voltando ao piso térreo, a partir do pátio pode-se iniciar o percurso pelo Núcleo Museológico que se desenvolve ao longo de todo o corpo a Sul. Aqui, optou-se por conectar todas as salas entre si para permitir uma sequência de

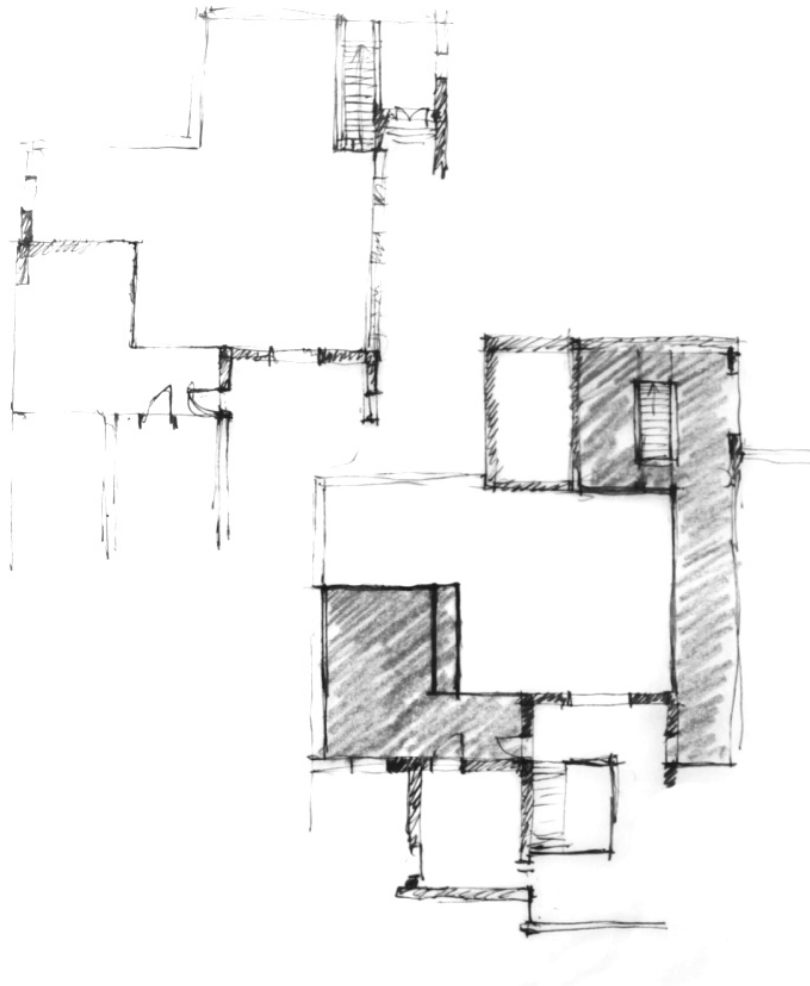


Fig. 90
Acesso aos alojamentos.

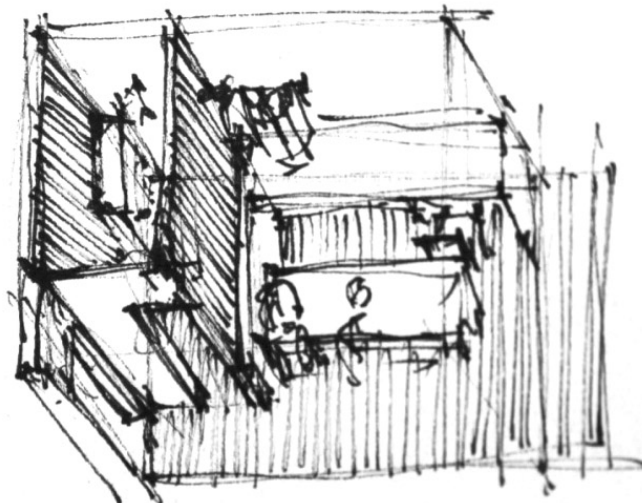


Fig. 91
Alojamento.

zonas de exposição que culmina numa última sala orientada a Poente aberta para a Baía do Porto Grande. A intenção é que todos os espaços do edifício possam participar das exposições e memórias do Atelier Mar, deixando-se contaminar, criando uma nova dinâmica na vivência dos espaços. As paredes do restaurante podem também receber exposições, assim como o pátio de entrada ou mesmo o átrio do piso superior.

A partir do átrio do corpo principal pode-se aceder à área do restaurante, espaço de reunião e de convívio, instalado no grande salão a Poente, onde se optou pela conservação da sua configuração inicial. A manutenção da antiga entrada principal, que conecta o restaurante ao exterior, permitiu o desenho de uma explanada privilegiada pela vista panorâmica. A cozinha e o restaurante unem-se a Nascente, onde a cozinha também conta com um acesso de serviço a partir da praça de entrada a Norte. A dimensão da cozinha foi pensada de forma a permitir o apoio aos serviços de restaurante, ao mesmo tempo que funcionará como laboratório do Food Design, um projecto do Atelier Mar e do M_EIA.

No piso superior propõe-se a demolição da parede da sala central, para a criação de um átrio mais amplo com ligação directa à varanda orientada a Poente. A configuração das restantes salas foi mantida conforme pedido pelo animador, com uma única alteração efectuada nos vãos das duas salas a Norte da caixa de escadas, que passaram a usufruir de um pequeno terraço.

No sótão optou-se por substituir a estrutura das asnas de madeira por uma nova, devido ao avançado estado de deterioração das existentes. Propõe-se uma estrutura também em madeira que agora permite não só uma melhor utilização e organização deste amplo espaço, mas também a ventilação e a iluminação natural através de quatro janelas de águas furtadas. Neste espaço, instala-se o Centro de Documentação, com área de arquivo a Norte e uma zona de trabalho a Sul.

No que diz respeito à sua envolvente próxima, propõe-se a reabilitação da pequena horta em plataformas a Poente, tornando-a um espaço de miradouro e, ao mesmo tempo, de cultivo. Um espaço de retiro para respirar o ar da Baía do Porto Grande à sombra da tamarindeira, podendo ser acedido a partir das escadas já existentes na antiga entrada principal ou a partir do novo acesso que parte da praça a Norte.

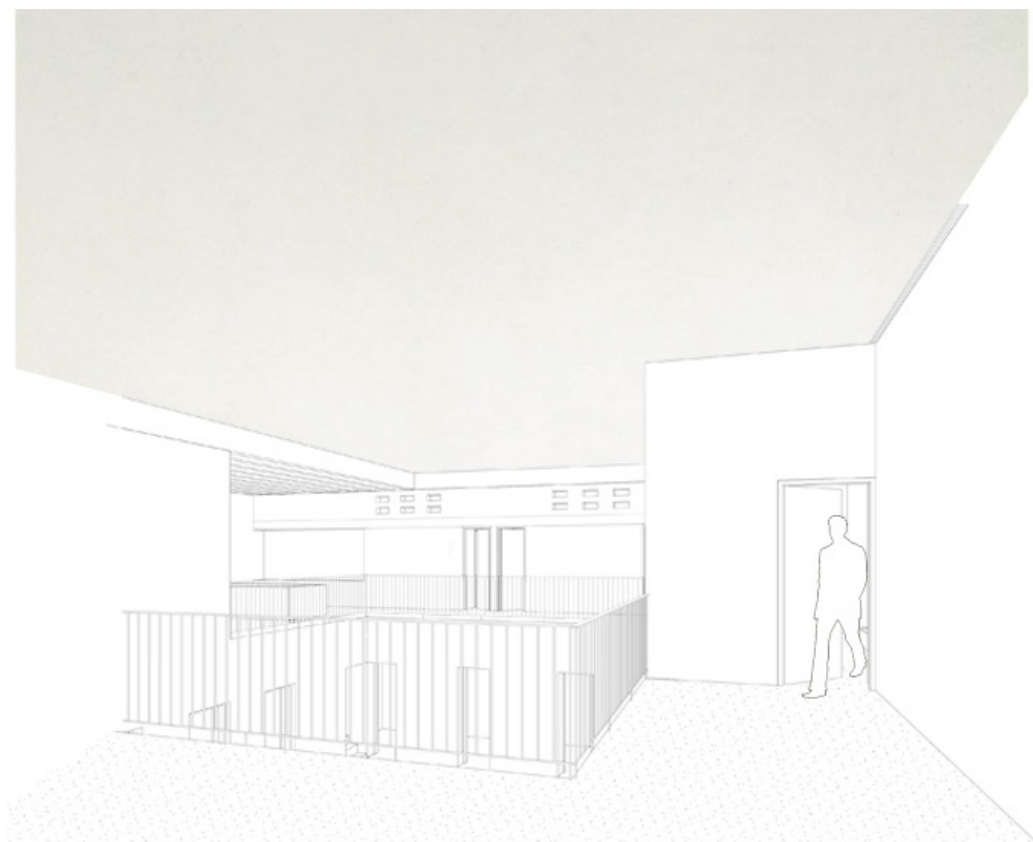


Fig. 92
Solução final - vista desde o terraço a Norte.



Fig. 93
Solução final - vista desde o pátio de entrada.

SEDE DO ATELIER MAR
Projecto de Reabilitação



Fig. 94
Quarto do Pavilhão
Suiço - Le Corbusier.



Fig. 95
Quarto da Casa do Bra-
sil - Le Corbusier.

Num segundo momento da proposta de intervenção desenvolveu-se um módulo de quarto independente do edificado existente, tal como proposto pelo animador, com programa autónomo sem ligação interna ao resto da Fundação. Pretende-se que esta futura ocupação usufrua de uma certa independência, como pequenos alojamentos dentro do lote. O desenvolvimento deste módulo trouxe ao projecto uma nova abordagem, com uma outra escala de desenho.

O MÓDULO DE QUARTO

O processo de desenvolvimento da proposta do módulo levantou uma série de questões relativas à criação de um espaço mínimo e à sua implantação e orientação. Pretende-se que este módulo se adequa à apropriação de curto ou longo prazo, estando em aberto a sua ocupação por turistas ou por futuros colaboradores/investigadores da Fundação. Portanto, objectiva-se, assim, a criação de um módulo de ocupação flexível, onde o tema é definir o espaço mínimo indispensável, com orientação e configuração interior que privilegia o espaço de estar/trabalhar exterior.

Fases da proposta

Foi tido como referência, na primeira fase de desenvolvimento desta proposta, o tema de quartos de residências de estudantes, como apoio na definição do desenho no que diz respeito às relações de proporção e ao tipo de zonas que deveria conter o módulo.

Foram tidas como referências o Pavilhão Suíço (1932) e a Casa do Brasil (1959) do arquitecto Le Corbusier, numa breve reflexão e análise à composição e funcionamento dos módulos de quartos de estudantes.

Nestes dois casos de referência há uma distribuição clara das zonas que compõem cada unidade: uma primeira área de entrada, afecta às funções de vestir/higiene, um segundo momento constituído pela zona de dormir e, finalmente, uma área de estudo/trabalho junto à janela. A articulação destas zonas reflete-se num espaço unitário que promove a apropriação e a afirmação do espaço individual. Foi possível perceber que as dimensões espaciais em ambos os projectos não é de grande relevância, mas sim a percepção do que o espaço pode permitir, no que se refere à flexibilidade e ao tipo de apropriação que desperta ou promove.

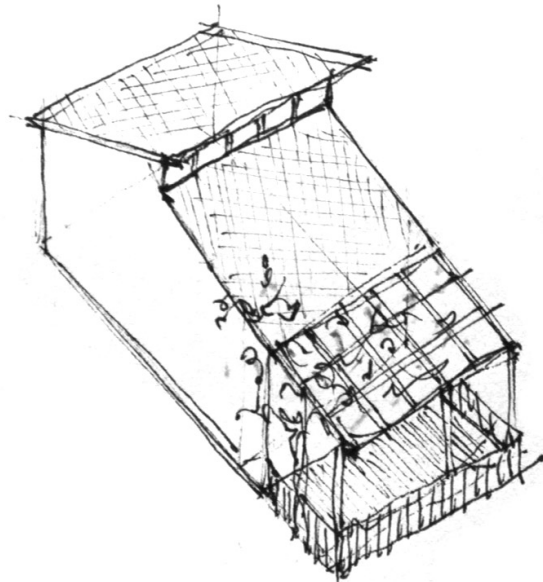


Fig. 96
O módulo do quarto -
fase 1.

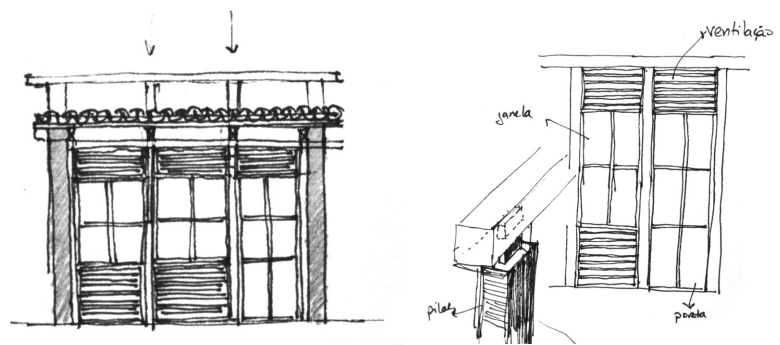


Fig. 97
Alçado Poente - fase 1.

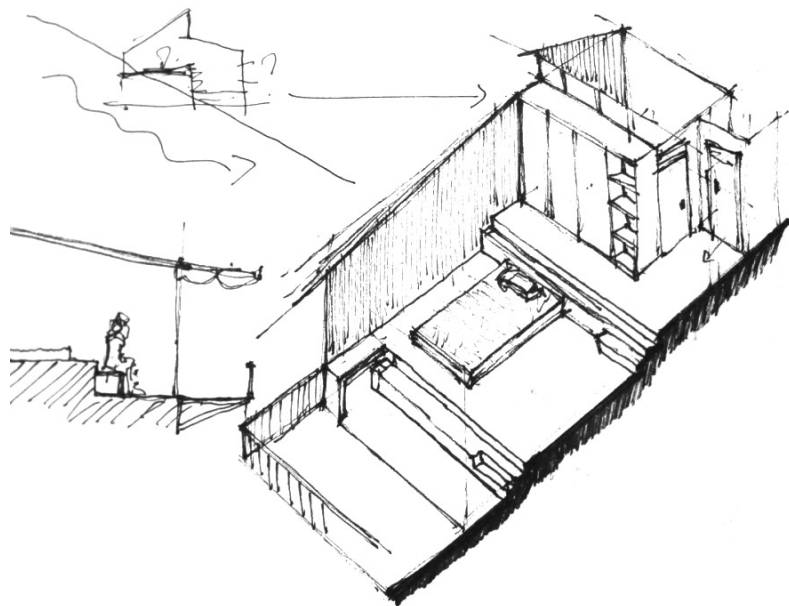


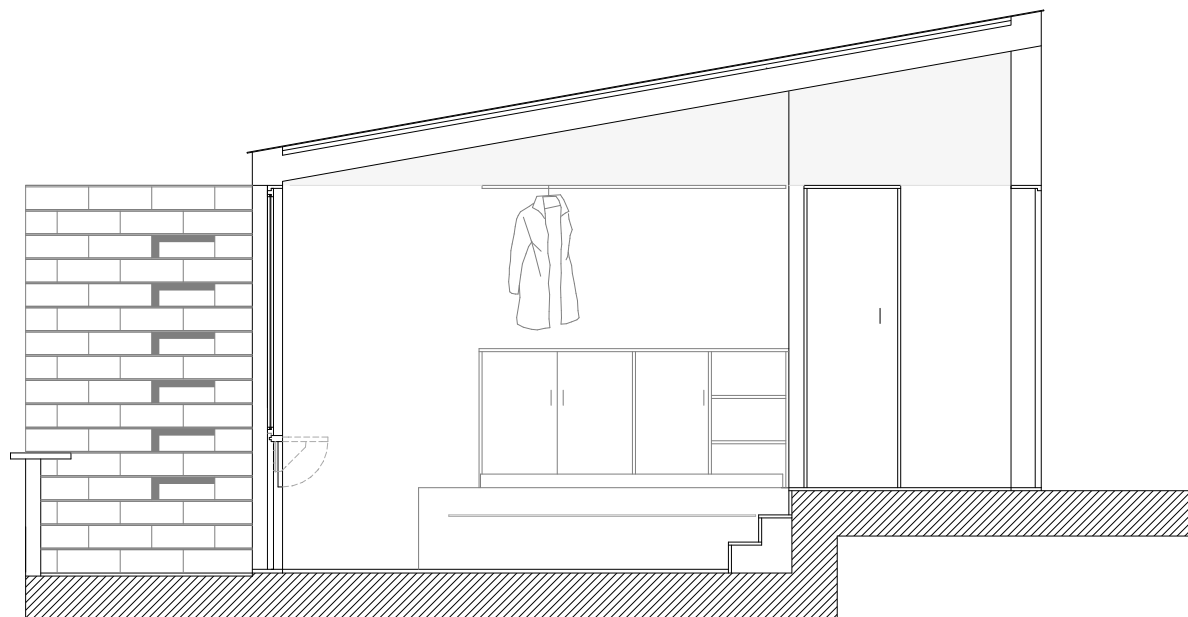
Fig. 98
O módulo do quarto -
fase 1.

Em ambas as residências os quartos são semelhantes mas apresentam algumas diferenças na sua configuração. Enquanto que na Casa do Brasil possuem na entrada uma zona de vestir junto de uma zona de duche e lavatório, seguido de zona de dormir, zona de trabalho e varanda, no Pavilhão Suíço não encontramos todos esses segmentos espaciais. Na Casa do Brasil a existência de uma varanda confere uma relação directa do habitante com a paisagem e a distribuição dos móveis desenha um espaço de passagem que convida a aceder ao exterior, estando a cama e o espaço de trabalho dispostos perpendicularmente à varanda. No Pavilhão Suíço, na zona de dormir, possivelmente por não ter varanda, a disposição da cama é paralela à fachada conformando uma zona de trabalho mais ampla de forma quadrangular. No entanto, percebe-se que é possível posicionar a cama de forma idêntica em ambos os casos, mas, na Casa do Brasil, ao alterar a disposição da cama pré-estabelecida nota-se que a proporção desta não combina bem com o armário de separação de zonas. A posição da cama no espaço altera as suas proporções e a disposição dos restantes elementos, testando a flexibilidade e adaptabilidade do quarto por parte do habitante, conforme cada modo de uso e apropriação diferente.

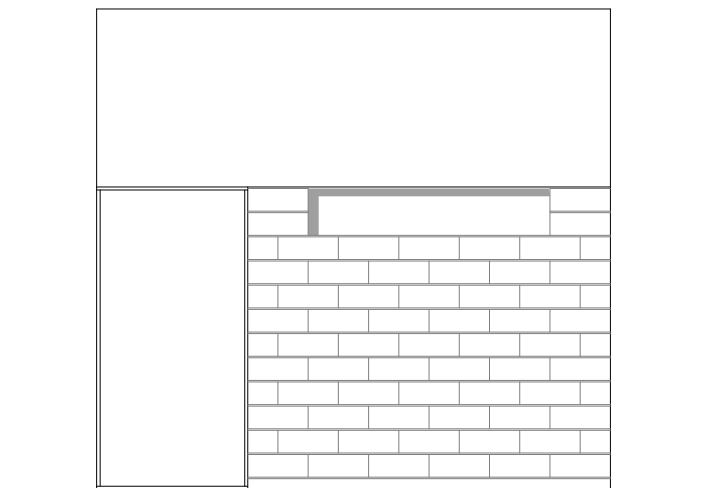
Estas referências foram importantes para descobrir as possibilidades de articulação dos espaços do módulo de quarto e a relação entre elas. Assim como foram de extrema relevância os casos de estudo do Projecto de desenvolvimento comunitário de Lajedos e do Planalto Norte (apresentados anteriormente no capítulo 2) no desenvolvimento das soluções construtivas da proposta de novos volumes.

Ao estabelecer as zonas que o módulo deveria conter, o processo de desenho da proposta resultou na busca de uma organização espacial que permitisse uma certa flexibilidade na sua organização. Definiu-se que o módulo seria composto por uma zona de entrada, zona de higiene, zona de dormir e de vestir, zona de trabalho e de estar exterior.

Devido à pendente acentuada do terreno disponível para a implantação das unidades, propõe-se um desnível na configuração do módulo que, permitindo uma melhor identificação dos espaços interiores com funções diferentes, adequa-se ao mesmo tempo ao declive do terreno. Numa primeira proposta, a forma acompanhava esse desnível, resultando numa cobertura em



Corte Transversal.



Alçado Nascente.

MÓDULO FASE 2
ESCALA 1:50

duas águas desencontradas, articuladas por uma clarabóia que iluminava e ventilava o interior do módulo. A estrutura era composta por uma laje aligeirada de vigotas de betão, revestida exteriormente por uma chapa metálica.

Esta solução formal suscitou algumas interrogações a nível conceptual. Surgiram discussões relativamente a uma complexidade no seu desenho que não se traduzia numa maior qualidade espacial e tampouco correspondia à simplicidade de desenho que se procurava na definição de um espaço mínimo de habitar.

Numa tentativa de simplificação foi proposta uma cobertura com uma única água, permitindo uma maior contenção nos elementos configuradores da solução. Por sua vez, esta hipótese levantou questões referente à proporção do espaço, que não respondia às intenções e vontades enunciadas, tornando-a igualmente inadequada.

É este percurso de busca de soluções que irá impulsionar o projecto para a proposta final, que se pensa ser a resposta mais adequada aos desejos e restrições que se manifestaram.

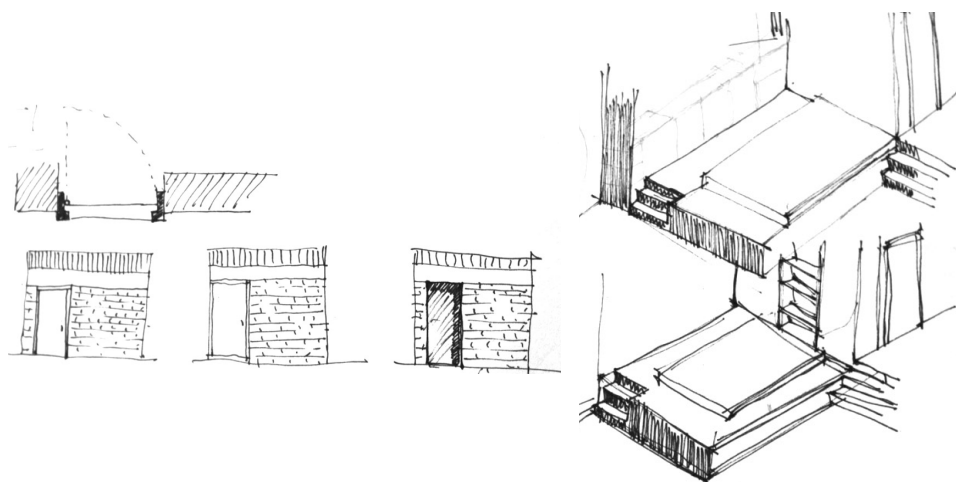
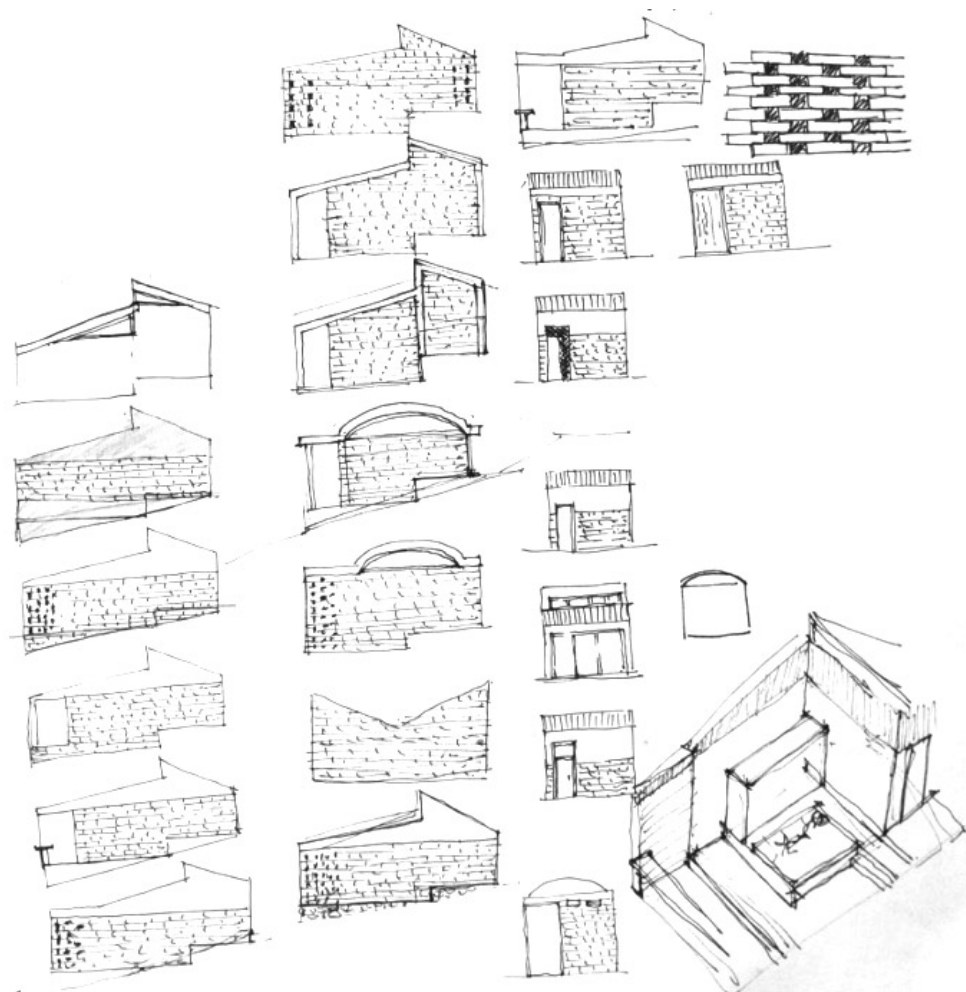


Fig. 99
O módulo do quarto -
estudo de alçados e da
organização espacial.

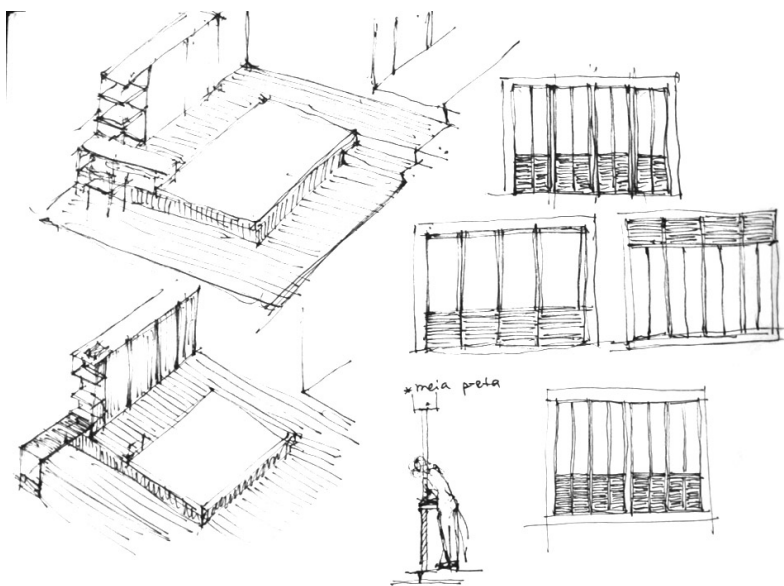
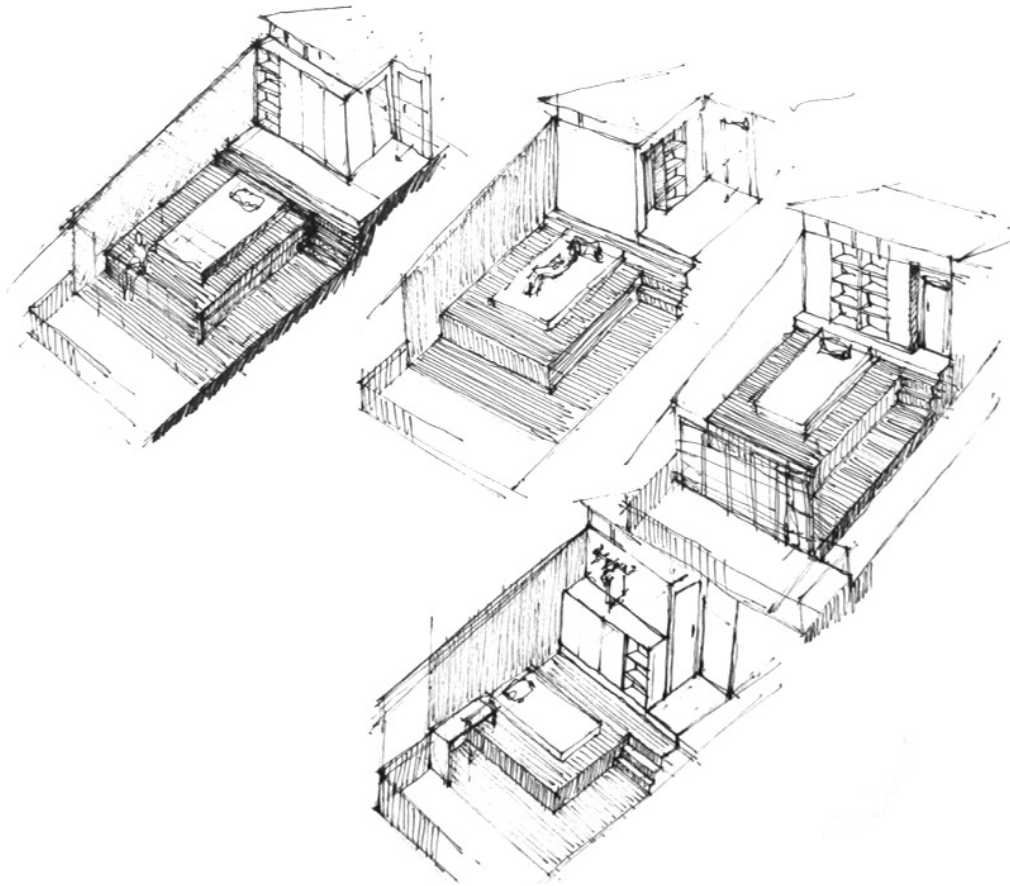


Fig. 100
O módulo do quarto -
estudo da organização
espacial.

Fig. 101
Pequena Casa de Férias
- Le Corbusier.

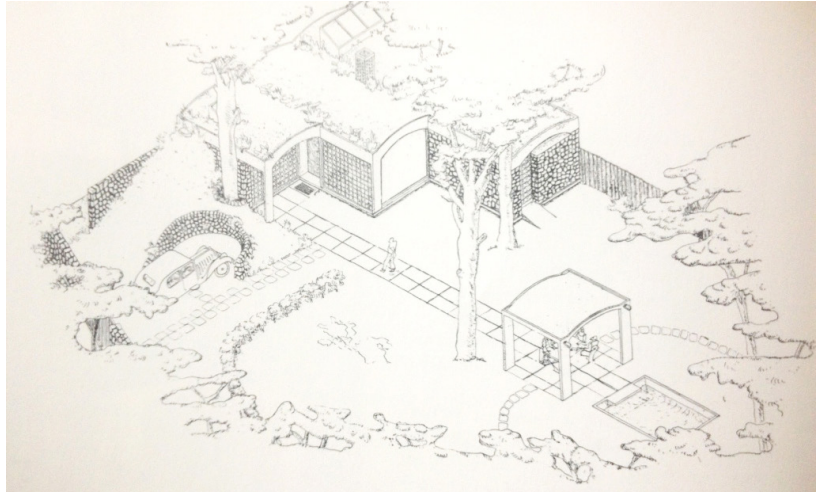
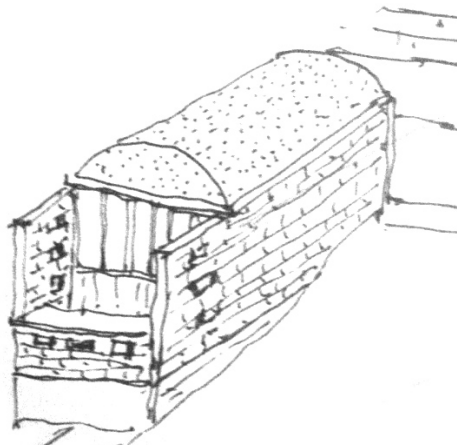


Fig. 102
Reservatórios de água
do Planalto Norte.



Fig. 103
O módulo do quarto.



SOLUÇÃO FINAL PARA O MÓDULO

O módulo está implantado a Norte do lote, orientado a Nascente-Poente. Um dos temas característicos da solução final é a sua forma. Propõe-se um módulo com a cobertura em abóbada rebaixada, à semelhança Da Pequena casa de férias (1935) projectada por Le Corbusier, ou das construções executadas pelo próprio Atelier Mar no Projecto do Planalto Norte, assim permitindo estender e reinventar esta experiência construtiva na sua aplicação ao pequeno módulo de quarto.

A forma abobadada origina um pé-direito ligeiramente mais alto no eixo central do módulo, criando no seu interior uma maior unidade espacial, de leitura contínua e harmónica. Esta cobertura detém-se onde começa a varanda, deixando este espaço a céu aberto e flexível no necessário processo de sombreamento, podendo dar lugar a uma planta trepadeira ou a uma lona fixa ou retráctil.

Entra-se a Nascente pela cota mais elevada do quarto e junto à zona de entrada desenvolve-se a instalação sanitária, limitada por uma caixa cujas paredes não tocam a cobertura, assegurando assim a continuidade espacial pretendida e uma melhor ventilação do espaço interior. Três degraus fazem a transição para a zona de dormir-vestir, disposta sobre um estrado único que conforma a cama, um banco corrido e um armário. Desde a entrada desenha-se um pequeno corredor que convida a aceder ao exterior, abrindo-se em direcção à varanda e à paisagem dominada pela Baía do Porto Grande.

Propõe-se uma versatilidade no vão envidraçado que dá acesso à varanda exterior, composto por oito folhas que podem ser recolhidas nas paredes laterais, permitindo uma abertura total do vão e assim garantindo uma continuidade dos espaços interior-exterior. As folhas também podem ser abertas individualmente, com duas a duas folhas articuladas em sistema de harmónio. A varanda faz o remate do conjunto articulado de espaços, surgindo como uma área exterior de estar, onde a guarda toma a forma de um largo balcão que pode ser usado como mesa de trabalho.



Fig. 104
O módulo do quarto -
vista interior.

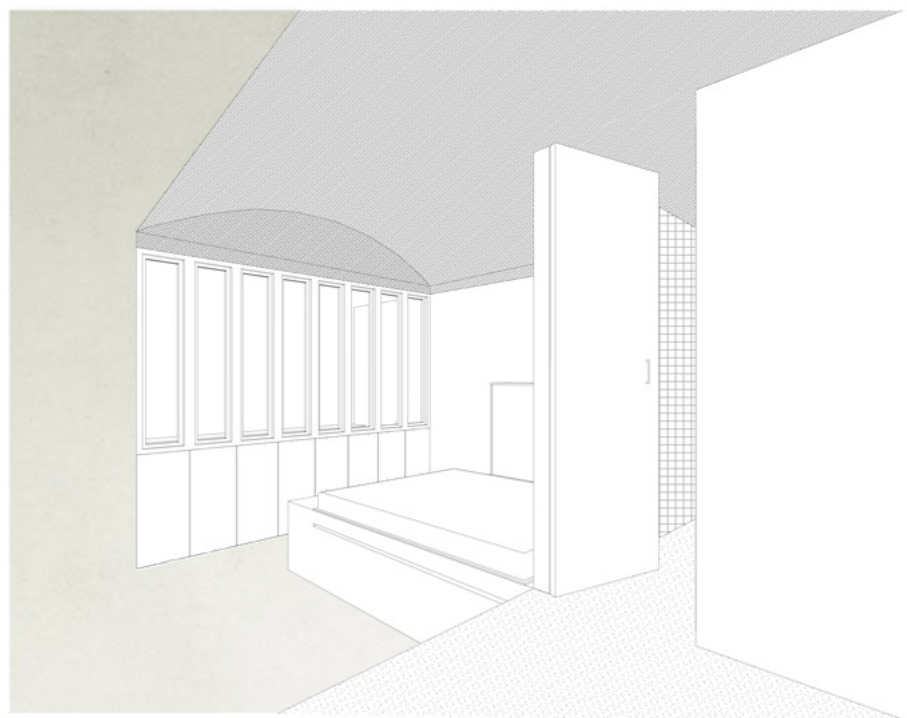


Fig. 105
O módulo do quarto -
vista interior.



Fig. 106
Conjunto do módulo do
quarto - vista exterior.

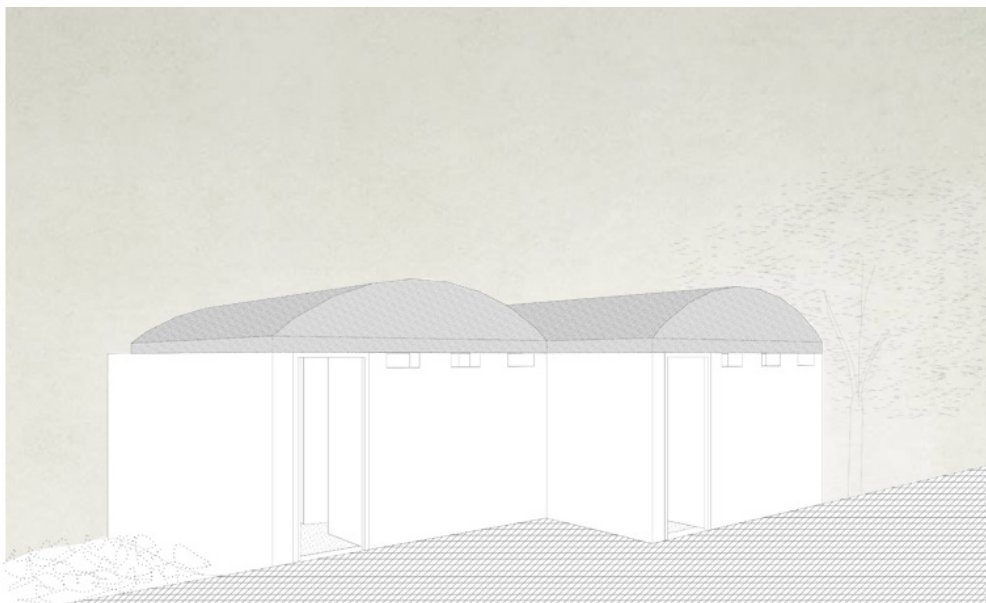


Fig. 107
Conjunto do módulo do
quarto - vista exterior.

SOLUÇÃO CONSTRUTIVA

“A construção é a arte de configurar um todo com sentido, a partir de muitas particularidades.” (Zumthor 2004: 11)

As intervenções propostas a nível construtivo no pré-existente são no sentido de melhorar as condições de habitabilidade, considerando a especificidade do novo programa. O desafio assenta essencialmente na busca de soluções construtivas que melhor se adequem ao contexto presente, atendendo não só às características do clima e da envolvente mas também aos condicionamentos económicos. Todo o processo de desenho das soluções construtivas propostas se inspira nas soluções sustentáveis que o Atelier Mar tem vindo a explorar, numa tentativa de dar uma resposta aos problemas de construção em Cabo Verde. Será feita uma descrição das soluções adoptadas, com um especial foco nos sistemas construtivos propostos nos novos volumes que se relacionam e incorporam agora o edifício pré-existente.

Uma vez que as temperaturas em Cabo Verde são altas e variam pouco durante o ano (como já referido no capítulo 1), numa solução exclusivamente apostada no comportamento térmico passivo da construção não se justifica a introdução de isolamento nas paredes exteriores, mas apenas na cobertura considerando os elevados graus de incidência dos raios solares.

Registe-se que as paredes de pedra do edifício existente têm uma espessura de 60cm, o que por si só oferece uma razoável resistência térmica, mas de facto, a menos que estivéssemos perante uma solução de climatização por processos mecânicos (AVAC), a condutibilidade térmica da envolvente não é relevante face a uma utilização que privilegia a abertura frequente dos vãos exteriores no sentido da obtenção de boas condições de ventilação transversal tanto diurna como nocturna. Essa sim importantíssima na busca de um equilibrado balanço térmico, a par de sistemas de sombreamento que evitem o sobreaquecimento durante o dia.

A intervenção nestes elementos concentra-se assim, na manutenção e na reparação do revestimento interior e exterior, sendo aplicado directamente o reboco e posteriormente pintado.

No que diz respeito às fachadas, todos os ressaltos, assim como todas as

molduras das janelas e portas são preservados de forma a manter a identidade arquitectónica e histórica do conjunto.

Quanto à cobertura do volume principal, a intervenção visou a introdução de isolamento térmico, de forma a tornar o espaço do sótão habitável e confortável a nível ambiental. Para garantir um suporte estável e alinhado, propõe-se o reforço da estrutura das asnas, reaproveitando as madeiras que estejam em bom estado, mas modificando o seu desenho de forma a produzir uma certa continuidade no espaço. O isolamento será colocado sobre as ripas, sendo constituído por placas de aglomerado negro de cortiça com a espessura de 50mm, seguido de uma caixa de ar ventilada e posteriormente de uma chapa metálica de revestimento exterior. Esta chapa metálica, de cor clara e reflectante, surge em alternativa à chapa de fibrocimento existente, uma vez que possui alta resistência e durabilidade, não retém humidade, possibilita a utilização de estruturas de suporte mais leves e, ao contrário do fibrocimento, não apresenta significativas contra-indicações ecológicas, ajudando a reduzir os custos do sistema. No interior optou-se por deixar toda a estrutura à vista participando na composição do espaço. A estrutura é em “falsa tesoura”, onde as pernas correspondem ao espaço habitável, com peças verticais que substituem as escoras e ajudam no suporte por ser um grande vão, ao mesmo tempo que permite uma melhor deslocação das pessoas no novo espaço do sótão. O pavimento é em soalho de madeira, permitindo uma continuidade com a estrutura.

Na construção do corpo novo a Sul, que alberga os três quartos, assume-se uma nova identidade. Propõe-se uma construção em parede simples de blocos de cimento-pozolana em alternativa aos blocos de cimento que têm ganho cada vez mais espaço nas construções contemporâneas em Cabo Verde. O uso da pozolana na construção tem vindo a provar a sua viabilidade tanto nos projectos arquitectónicos implantados pelo Atelier Mar (apresentados como casos de estudo no capítulo 2), como também em outras propostas de arquitectura como é o caso do projecto PPCT¹¹ em Ruanda, apresentado no artigo, *A local alternative to Portland cement in Rwanda*, da autoria do arquitecto John Turner.

11. PPCT: Project Pouzzolane, Chaux, Tourbe. *“PPCT é um centro de pesquisa e produção para um aglutinante alternativo, com os objectivos de: desenvolver um aglutinante mais económico como um substituto parcial ao cimento Portland; usar matérias primas locais, tal como pozolanas vulcânicas e pedras de cal; promover a turfa como combustível alternativo à madeira e combustíveis importados; criar postos de trabalho; desenvolver um centro de produção com base num funcionamento cooperativo.”* (Turner 1988: 37)

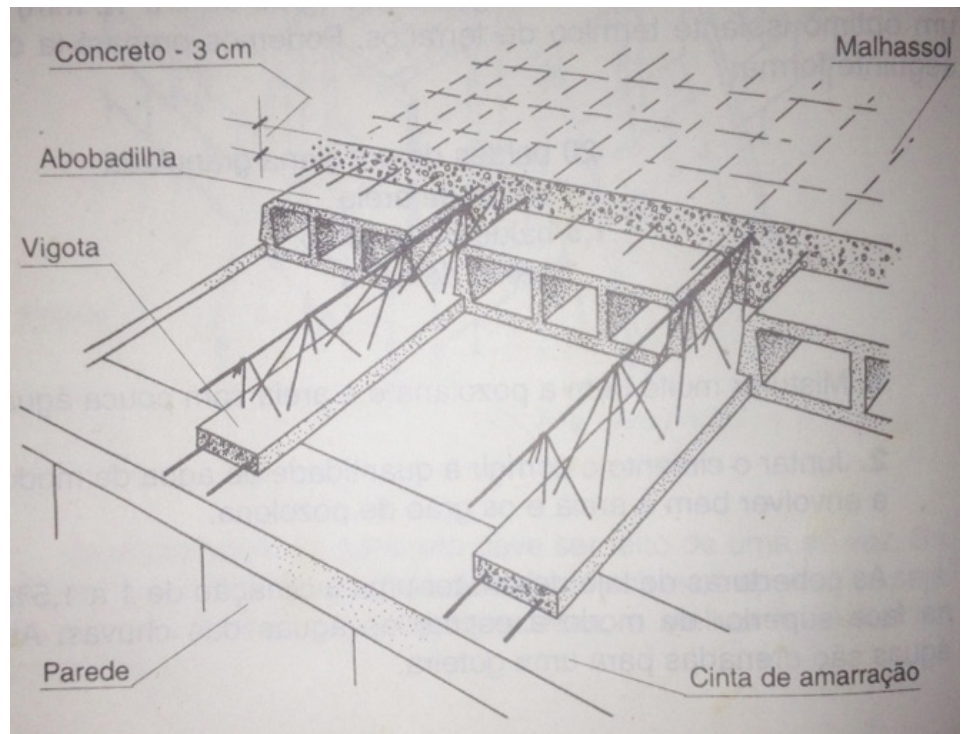


Fig. 108
Pormenor de laje aligei-
rada.

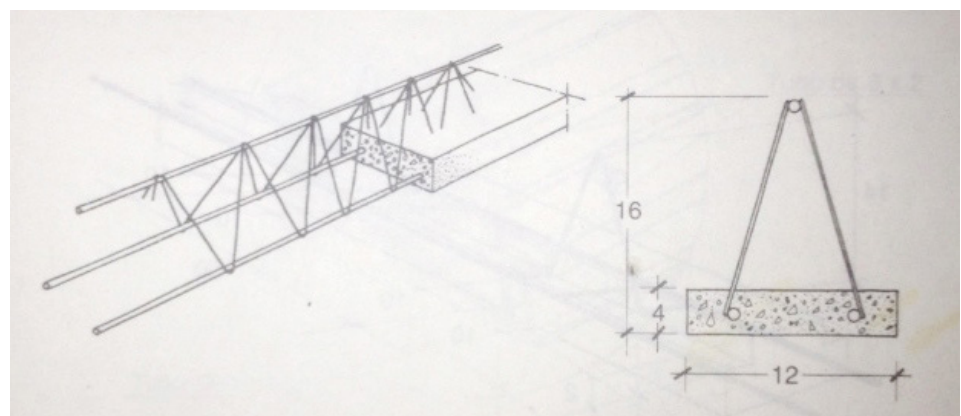


Fig. 109
Pormenor de vigota.

“A pozolana é um tufo vulcânico muito leve. É um material excepcional para a construção e encontra-se em abundância na ilha de Santo Antão. Quando moída bem fina e misturada com cal ou com cimento Portland, dá um cimento com excepcionais propriedades hidráulicas e com vantajosas aplicações na construção de habitações, de cisternas, de levadas.

A pozolana é também um isolante térmico e acústico de grande eficiência, pelo que as paredes construídas com este material são mais frescas que as construídas com blocos de cimento, tornando a casa mais confortável.”
(Lopes 2001: 183)

As paredes, como já referido, são em blocos de cimento-pozolana, sendo reforçadas nas esquinas com blocos de cimento, e em situações de vão com lintéis de betão ligeiramente armado ou vigotas pré-fabricadas. No exterior, assume-se a textura dos blocos, dispensa-se o reboco, sendo a superfície simplesmente caiada como acabamento final, contribuindo a cal para a reflectância da fachada e conseqüente diminuição do efeito da radiação solar.

Procura-se uma continuidade na cor das superfícies do pré-existente e do novo volume, cruzada com uma clara diferenciação de texturas. A superfície rugosa e imperfeita no exterior opõe-se à regularidade do reboco branco no interior do quarto que, por sua vez, se contrapõe à materialidade do pavimento de madeira e de betão polido. No quarto de banho, as paredes são revestidas com azulejo até 2,10m de altura, estabelecendo uma linha de composição que articula as portas com os pequenos vãos para ventilação e iluminação dispostos na fachada.

A Sul, o acesso à varanda é garantido por uma caixilharia envidraçada de madeira que proporciona a iluminação e ventilação naturais do espaço interior, sendo que em todos os vãos exteriores, incluindo a porta de entrada, as superfícies de madeira serão pintadas.

A amarração da estrutura das paredes é feita por cintas de travamento em betão que posteriormente recebem a estrutura da cobertura, uma laje aligeirada com 10% de inclinação. A laje é composta por vigotas pré-fabri-

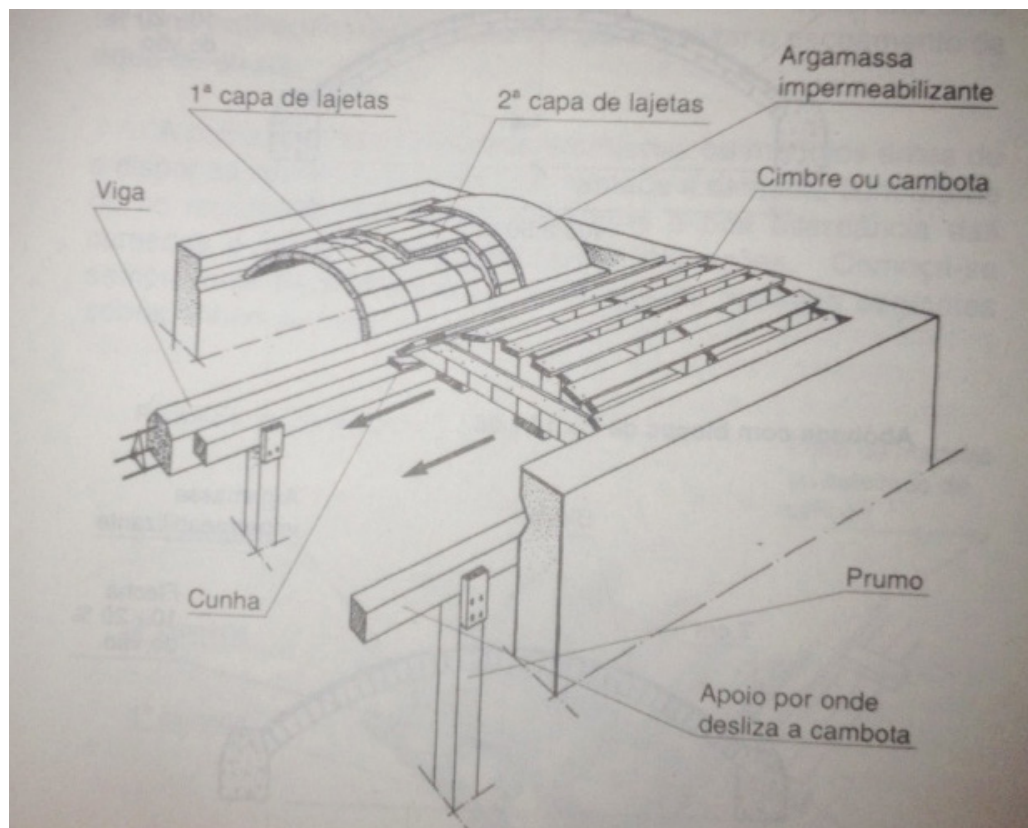


Fig. 110
Pormenor de laje
abóbada rebaixada com
ladrilho.

cadadas e abobadilhas alveoladas de sisal-cimento, uma solução mais fresca e económica que a laje maciça mas que, no entanto, não dispensa isolamento térmico para o maior conforto no interior. Tal como na cobertura do volume do pré-existente, aqui também se propõe chapa metálica com as mesmas características. A cobertura prolonga-se até ao espaço exterior da varanda a Sul, possibilitando o sombreamento deste espaço e dos vãos envidraçados, assim reduzindo a entrada de calor para o interior do quarto.

A solução construtiva proposta no módulo de quarto independente do edifício pré-existente, difere essencialmente na forma e sistema da cobertura. Como já foi referido anteriormente, propõe-se uma cobertura em abóbada rebaixada executada com lajetas de cimento e que, num único gesto, vence o vão. Adoptou-se a mesma técnica de construção já testada no Projecto do Planalto Norte pelo Atelier Mar. É uma solução muito económica e de fácil execução, podendo ser realizada com uma só cambota. Duas camadas de lajetas com dimensões de 3x14x28 e uma camada impermeabilizante em argamassa de cal e pozolana compõem a cobertura, sendo importante reavaliar futuramente o seu comportamento térmico no contexto de um espaço destinado a quarto. Uma reavaliação que poderá fundamentar-se em valores mensuráveis de coeficientes de condutibilidade dos componentes ou tão só em resultados obtidos de modo empírico e experimental.

As suas paredes laterais também assumem no exterior a textura irregular e rugosa dos blocos, prolongando-se até a varanda e enquadrando a vista panorâmica sobre a Baía do Porto Grande. A ausência de alguns blocos permitem uma melhor ventilação do espaço interior, ao mesmo tempo ventilando e iluminando o quarto de banho.

Também aqui a superfície rugosa e imperfeita no exterior se opõe à regularidade do reboco branco no interior do quarto. Este, por sua vez, contrapõe-se à materialidade do pavimento de betão polido, à face inferior da cobertura abobadada e ao conjunto de elementos de madeira concentrados na área de dormir/vestir. No interior, a linha da cinta de travamento das paredes é o elemento unificador da composição. A 2,10 de altura relativamente ao nível de entrada, abraça toda a periferia do módulo, harmonizando num único gesto os diferentes elementos arquitectónicos integrantes.

Toda a estrutura da cama e do armário fixo é em madeira, assim como as portas. A configuração das portas varia conforme o espaço a que permite o acesso. A porta de entrada é de madeira maciça, de desenho simples, com uma única folha que se abre em pivô, e soleira em pedra basáltica, sendo que em todos os vãos exteriores, incluindo o que se abre para a varanda, as superfícies de madeira serão pintadas, cumprindo a tradição local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se chega ao final dum trabalho académico desta natureza é norma fazer-se uma recapitulação das intenções iniciais, iluminada pela discussão teórica e a pesquisa empírica, de forma a relevar os aspectos mais significativos do trabalho realizado.

Este trabalho, que se inscreve num percurso pessoal, representa uma reflexão sobre a reabilitação do edifício sede do Atelier Mar, onde se deu, pela primeira vez, o confronto com um animador real e as suas exigências e vontades. Este facto condicionou certas decisões e ao mesmo tempo ajudou a definir qual o caminho a seguir durante o desenvolvimento da proposta. O projecto representa, assim, uma síntese da aprendizagem adquirida ao longo do percurso académico na FAUP e a transição para a minha vida profissional, sendo portanto uma reflexão teórica articulada com uma dimensão prática.

A proposta final resultou do processo de análise, de interpretação e olhar crítico sobre a pré-existência, procurando dar resposta às necessidades da futura Fundação, que se objectiva no processo de evolução da ONG Atelier Mar, sem menosprezar as características próprias do edifício, o seu valor cultural e o seu perfil identitário. O resultado alcançado carrega consigo um conjunto de princípios de intervenção que reflectem a busca da harmonia e equilíbrio entre o velho e o novo, integrando no mesmo espaço dois momentos temporais distintos.

A reabilitação do edifício objecto desta proposta tem subjacente a sua conservação e protecção bem como algumas alterações que visam dar resposta aos anseios do animador, presidente da organização não governamental Atelier Mar. Tratando-se de um edifício considerado património histórico da cidade do Mindelo, a proposta apresentada levou em consideração o respeito pela sua identidade arquitectónica. A minha convivência e familiaridade com o edifício foi marcante para a concepção da proposta mas também foi necessário criar algum “distanciamento” para garantir a necessária objectividade. Deste modo se realizou o levantamento do existente, procurando formar um conhecimento aprofundado do edifício e dos materiais usados na sua construção, assim como das técnicas construtivas aplicadas no seu todo e

em cada um dos seus componentes. Foi ainda relevante conhecer o modo de trabalhar da ONG, os seus princípios metodológicos, os projectos que realiza nas ilhas de Cabo Verde e a sua filosofia de intervenção tanto na valorização cultural como nas propostas relacionadas com produção de artesanato e projectos de desenvolvimento sociocomunitário.

Neste caso, a reabilitação vai além da procura da conservação. Pretende ser valorizadora do histórico do edifício e da organização que o habita, inclui novas áreas complementares adicionadas e também a utilização de materiais alternativos que buscam a sustentabilidade arquitectónica e ambiental. Por isso, assume grande importância a abordagem e proposta de soluções construtivas que se apoiam nas intervenções arquitectónicas executadas pela ONG e que se adaptam ao contexto climático, cultural e económico de Cabo Verde. Pretende-se que esta intervenção dê seguimento aos trabalhos da organização no campo da arquitectura e que se materialize em mais um exemplo de boa prática de construção sustentável e de valorização do património.

Também é de referir que se trata de uma primeira abordagem de um projecto em curso, aberto ao surgimento de novas vontades e condicionantes que venham a suscitar futuras alterações no seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AA.VV. (2008), *Arquitectura Ibérica* nº 24 – Recuperar = recuperar. Casal de Cambra : Caleidoscópico.

AA.VV. (2009), *Arquitectura Ibérica* nº 30 - Reabilitação=rehabilitación. Casal de Cambra : Caleidoscópico.

ALMEIDA, Germano (2010, Agosto 11). “Cabo Verde: viagem pela história das ilhas”. *A Semana*. Consultado em Fevereiro, 2016, em:<http://asemana.sapo.cv/spip.php?article53572&ak=1>.

CORBUSIER, Le (1983). *Le modulator*. Paris: L` Architecture d` Aujourd`hui.

DEPLAZES, Andrea (2008). *Constructing architecture: materials processes structures : a handbook*. Basel: Birkhäuser.

DÍAZ, Gonzalo (2006). “Sobreposição e acumulação do tempo na arquitectura de Sevilha”. In *Arquitectura Ibérica* nº 12 - Reabilitação=rehabilitación. Casal de Cambra: Caleidoscópico _ Edição e Artes Gráficas.

Escola Superior de Belas Artes do Porto (1980). *A escola na comunidade: participação com obras na comunidade*. Porto: ESBAP.

FERNANDES, José Manuel (1993). *Cidades e Casas da Macaronésia*. Portugal: Marca-Artes Gráficas.

FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; MILHEIRO, Ana Vaz; pref. LOUREIRO João (2014). *Cabo Verde : cidades, território e arquiteturas*. Lisboa : CIAUD.

FILHO, João Lopes (2003). *Introdução à Cultura Cabo-verdiana*. Cabo Verde: Gráfica da Praia.

FURTADO, Isabel e SERÓDIO, João Pedro (2006). *Habitar*. Casal de Cambra: Caleidoscópico

GIGANTE, José (2008). *Habitar*. Casal de Cambra: Caleidoscópico.

GUEDES, Manuel Correia (coord.) (2011). *Arquitectura sustentável em Cabo Verde, Manual de boas práticas*. Portugal: idg Imagem Digital Gráfica.

KAHN, Louis (1961). *Forma y Diseño*. Argentina: Ediciones Nueva Visión S.A.

KAHN, Louis I. (2002). *Louis Kahn: conversa com estudantes*. Barcelona: Gustavo Gilli.

KÉRÉ, Diébédo Francis (2014). “Architecture is About People”. *Louisiana Channel*. Consultado em Março, 2016, em: <http://channel.louisiana.dk/video/diébédo-francis-kéré-architecture-about-people>.

LOPES, Ângelo (2012). *A prática de uma aprendizagem*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Arquitectura da Faculdade Ciências e Tecnologias da Universidade Coimbra.

LOPES, Leão (2001). *Manual Básico de Construção*. S.Vicente: Gráfica do Mindelo, Lda.

LOPES, Manuel (1960). *Os Flagelados do Vento Leste*.

MESTRE, Victor (2006). “Intervenções Contemporâneas em património, urbano e arquitectónico”. In *Arquitectura Ibérica* nº 12 - Reabilitação=rehabilitación. Casal de Cambra: Caleidoscópico _ Edição e Artes Gráficas.

Ministério da Habitação e Obras Públicas, Praia, República de Cabo Verde (1984). *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*. Filográfica, Lda.

MONTEYS, Xavier (2005). *Le Corbusier: obras y proyectos*. Barcelona: Gustavo Gili.

MORAIS, João Sousa (2010). *Mindelo: património urbano e arquitectónico*. Casal de Cambra: Caleidoscópico.

MOSTAFAVI, Mohsen (2013). *Arquitectura é Vida*. Porto; Dafne.

MOURÃO, Joana e PEDRO, João Branco (2012). *Princípios de edificação sustentável*. Lisboa: LNEC.

NEUFERT, Ernst (1991). *Architects' data*. London: BSP Professional Books, cop.

NEVES, José Manuel (2004). Victor Mestre Sofia Aleixo – *Reabilitação do Tempo*. Portugal: Caleidoscópico – Edição e Artes Gráficas, SA.

Ponto & Vírgula, Edições, Cabo Verde (2006). *Ponto & Vírgula – Revista de intercâmbio cultural*. Porto: Greca – Artes Gráficas.

QUEIRÓS, Luísa (2005). “Da resistência e da fantasia”. *Buala*. Con-

sultado em Março, 2016, em: <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/da-resistencia-e-da-fantasia-entrevista-a-luisa-queiros>.

SAMPAIO, Catarina (2006). *Habitação Rural em Santo Antão*. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. Departamento de Arquitectura da Faculdade Ciências e Tecnologias da Universidade Coimbra.

SCHITTICH, Christian (2003). *Solar architecture: strategies, visions, concepts*. Basel: Birkhäuser.

SEGURADO, João Emílio dos Santos (1982). *Materiais de Construção*. Brasil, Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, Lda.

SILVA, António Correia (1998). *Espaços urbanos de Cabo Verde : o tempo das cidades-porto*. Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

SILVA, António (2005). *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*. Mindelo - Gráfica do Mindelo, Lda.

SILVA, António (2009, Março 25). “Cabo Verde nasceu como entreposto do comércio de escravos”. Em declarações à Lusa a propósito do Dia Internacional das Vítimas da Escravatura e do Comércio Transatlântico de Escravos. Consultado em Fevereiro, 2016, em: http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/africa/2009/2/13/Cabo-Verde-nasceu-como-entreposto-comercio-escravos,9ba63fee-7def-44af-a0fb-5b7ce5b2f7b0.html.

SILVA, José Carlos Paiva (2009). *Arte / desENVOLVIMENTO*. Tese de doutoramento. Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

SIZA, Álvaro (2009). *01 textos*. Porto: Civilização ed.

SIZA, Álvaro (2009). *Álvaro Siza: Uma questão de medida*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

RAMOS, Manuel Nascimento (2003). *Mindelo d’Outrora*. S.Vicente: Gráfica do Mindelo, Lda.

RASMUSSEN, Steen Eiler (2007). *Viver a arquitectura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

TÁVORA, Fernando (2006). *Da organização do espaço*. Porto: Inova / Artes Gráficas.

TEIXEIRA, Joaquim José Lopes (2004). *Descrição do Sistema Con-*

strutivo da Casa Burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX - Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

TURNER, John (1988). *Pozzolana Cement Project (PPCT), Ruhengeri. A local alternative to Portland cement in Rwanda in Building Community: a third world case book.* London - Ed. Bertha Turner, Building Community Books.

VAN LENGEN, Johan (2010). *Manual do arquitecto descalço.* Lisboa: Dinalivro.

Coord. VEIGA, Manuel (1998). *Cabo Verde: Insularidade e Literatura.* Paris: Éditions Karthala.

ZUMTHOR, Peter (2004). *Pensar la Arquitectura.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A.

ZUMTHOR, Peter (2006). *Atmosferas.* Barcelona: Gustavo Gili, S.A.

ÍNDICE DE IMAGENS

Todas as imagens utilizadas pertencem ao arquivo pessoal da autora com a exceção de:

Fig. 5 – in SILVA, António Correia (1998). *Espaços urbanos de Cabo Verde : o tempo das cidades-porto*. Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Fig. 6 – arquivo da ONG Atelier Mar.

Fig. 7 – arquivo da ONG Atelier Mar.

Fig. 8 – arquivo da ONG Atelier Mar.

Fig. 9 – arquivo da ONG Atelier Mar.

Fig. 10 – arquivo pessoal de Jakob Kling.

Fig. 11 – arquivo pessoal de Jakob Kling.

Fig. 12 – arquivo da ONG Atelier Mar.

Fig. 13 – arquivo da ONG Atelier Mar.

Fig. 14 – in Ponto & Vírgula, Edições, Cabo Verde (2006). *Ponto & Vírgula – Revista de intercâmbio cultural*. Porto: Greca – Artes Gráficas.

Fig. 15 – in Ponto & Vírgula, Edições, Cabo Verde (2006). *Ponto & Vírgula – Revista de intercâmbio cultural*. Porto: Greca – Artes Gráficas.

Fig. 19 – arquivo da ONG Atelier Mar.

Fig. 21 – in “<http://www.kere-architecture.com>”

Fig. 22 – in “<http://www.kere-architecture.com>”

Fig. 23 – arquivo da ONG Atelier Mar.

Fig. 24 – arquivo da ONG Atelier Mar.

Fig. 25 – arquivo da ONG Atelier Mar.

Fig. 33 – arquivo da ONG Atelier Mar.

Fig. 34 – arquivo da ONG Atelier Mar.

Fig. 35 – arquivo da ONG Atelier Mar.

Fig. 47 – arquivo da ONG Atelier Mar.

Fig. 84 a Fig. 91 – desenhos realizados pela autora.

Fig. 92 e Fig. 93 - imagens 3D realizadas pela autora.

Fig. 94 – in MONTEYS, Xavier (2005). *Le Corbusier: obras y proyectos*. Barcelona: Gustavo Gili.

Fig. 95 – in “<http://lecorbusiercolor.blogspot.pt/2008/04/maison-du-brsil-1953.html>”

Fig. 96 a Fig.100 – desenhos realizados pela autora.

Fig. 103 – desenho realizado pela autora.

Fig. 104 a Fig. 107 - imagens 3D realizadas pela autora.

Fig. 108 a Fig. 110 – in LOPES, Leão (2001). *Manual Básico de Construção*. S.Vicente: Gráfica do Mindelo, Lda.

DESENHOS DA PROPOSTA FINAL